



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



CAIMI WAIASSÉ XAVANTE

**O AUDIOVISUAL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO
CONTEXTO FORMATIVO TRADICIONAL E INTERCULTURAL DOS
JOVENS XAVANTE**

**BARRA DO BUGRES-MT
JANEIRO DE 2023**

CAIMI WAIASSÉ XAVANTE

**O AUDIOVISUAL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO
CONTEXTO FORMATIVO TRADICIONAL E INTERCULTURAL DOS
JOVENS XAVANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientador: Dr.º Neodir Paulo Travessini

BARRA DO BUGRES- MT
JANEIRO DE 2023

FICHA CATALOGRÁFICA:

Aprovado em: .

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º Neodir Paulo Travessini (PPGECII/UNEMAT)
Orientador

Prof.ª Dr.ª Maria Helena Rodrigues Paes (PPGECII/UNEMAT)
Examinadora Interna

Prof.ª Dr.ª Sara Juliana Pozzer da Silveira (UFMT)
Examinadora Externa

Dedico esta dissertação ao povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa.

À comunidade da Aldeia aldeia *Êtênhiritipa*.

Aos meus familiares.

Aos meus alunos.

Aos meus colegas professores!

AGRADECIMENTOS

HEPÃRI! PARI! MUITO OBRIGADO

Primeiro agradeço meu corpo físico e espiritual, que me seguraram até o fim desta caminhada, e, segundo, aos guerreiros ancestrais, que me acompanharam nos meus sonhos de toda a noite, me possibilitando sonhar acordado para refletir a importância de sobreviver nas duas culturas, me inspirando nas suas coragens para realizar este trabalho das línguas; *A'uwẽ uptabi* (Xavante) e *Warazu/ Siróma* (não indígena). Sempre me motivando para nunca desistir.

À todas as comunidades *A'uwẽ/Xavante* pertencentes a Terra Indígena Pimentel Barbosa que gentilmente me acolheram com a minha pesquisa; à aldeia; *Êtênheritipa*, me recebendo nas suas casas, nas famílias, que me confiaram os seus saberes, conhecimentos, sentimentos, histórias e esperanças de manter a língua materna para futuras gerações.

E, profundo agradecimento em especial, aos anciãos, às anciãs, às lideranças, aos professores e aos alunos, que acompanharam de perto ou de longe fazendo reflexão sobre o tema, dando-me apoio durante a fase difícil da Pandemia de Corona Vírus; mesmo assim, levando-me de caminhão para cidades mais próximas para poder acompanhar as etapas não presenciais de estudos virtuais da Universidade.

À minha família do Clã Poreza'õno do meu pai, Mauricio Urawẽ e do Clã Öwawẽ, da minha mãe Juçara Pe'aruiwẽ (*in memória*), por terem me cuidado durante a minha caminhada, mostrando o caminho certo, dando força durante meu aprendizado.

Obrigado às minhas tias-mães (*dati'ö*), Irani Pewapa, Fernanda Wa'utomo'aba (*in memória*) que cuidaram do meu crescimento durante a minha jornada, acreditando na minha capacidade de caminhar nos dois mundos.

À minha companheira/ amiga professora Severiá Idioriê, pelo apoio e incentivo durante os trabalhos escolares e a minhas leituras durante a minha pesquisa para conseguir mais esse objetivo.

Aos meus netinhos, filhos e a minha mulher Taís, que nunca me deixaram desistir. A minha irmã Andréia e meus irmãos, Vanderlei, Leandro, Jurandir, Ricardo e Mauro (*in memória*). E aos meus primos que me apoiaram e colaboram nessa caminhada.

Aos meus sobrinhos (as) pelo envolvimento durante todo tempo em diferentes situações.

À família Leite Barros, de maneira especial tia Zilda (*in memória*), e os filhos (as) e os netos (as) dela, que sempre se dispuseram a me ajudar sem medirem esforços durante as estadias nas cidades. Pelos momentos de alegria, apoio e, sobretudo, pela amizade.

Ao professor, amigo e orientador, professor Dr. Neodir Paulo Travessini, que além de me orientar, me apoiou e incentivou nos momentos mais difíceis e refletindo as minhas dúvidas.

A todos os professores participantes no Mestrado Intercultural Indígena, que compartilharam aspectos importantes durante os dois anos, sobre como trabalhar em sala de aula sem deixar o aprendizado tradicional, sempre mesclando os conhecimentos que de alguma forma contribuíram para meu crescimento intelectual.

À banca examinadora eu agradeço a sua dedicação à leitura da dissertação.

Hepãri, pari!! Muito obrigado de coração, Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini

Ãnési!

Enfim, agradeço todos, que contribuíram para a realização desta pesquisa direta ou indiretamente, os meus eternos agradecimentos

RESUMO

ESTA PESQUISA FOI REALIZADA NA TERRA INDÍGENA PIMENTEL BARBOSA, ALDEIA ÊTÊNHIRITIPÁ, MUNICÍPIOS DE CANARANA E RIBEIRÃO CASCALHEIRA-MT. O INTERESSE PELO TEMA DE PESQUISA SURTIU QUANDO COMECEI A OBSERVAR A PRESENÇA DE TERMOS DA LÍNGUA PORTUGUESA NA FALA DAS PESSOAS DA COMUNIDADE. O OBJETIVO CONSISTE EM INVESTIGAR E ANALISAR OS EMPRÉSTIMOS DAS PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA A LÍNGUA XAVANTE, TENDO COMO MOTIVADO A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA AUDIOVISUAL, A TELEVISÃO E O CELULAR, ETC., NO COTIDIANO DAS PESSOAS. COMO BASE TEÓRICA, CONSULTEI OS SEGUINTE AUTORES: CARVALHO (2009); ALVES (1994) E QUINTINO (2012) QUE ME POSSIBILITARAM EXPLORAR TAIS FENÔMENOS SOCIAIS. PARA A COLETA DE DADOS, APLIQUEI UM FORMULÁRIO BILÍNGUE AOS JOVENS DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DE EDUCAÇÃO BÁSICA SAMUEL SAHUTUWÊ, CONTENDO QUESTÕES SOBRE O USO DE TECNOLOGIA. TAMBÉM FIZ ANOTAÇÕES NO CADERNO DE CAMPO DURANTE AS ENTREVISTAS COM OS ANCIÕES E COM ESTUDANTES. AS RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES FORAM TRANSFORMADAS EM DADOS QUE ME PERMITIRAM CONHECER SOBRE EMPRÉSTIMO DE PALAVRA DA LÍNGUA PORTUGUESA; COMO AS PESSOAS ESTÃO SE COMPORTANDO E PENSANDO NA ALDEIA. TAMBÉM OBSERVEI, NOS SEUS COTIDIANOS, PRINCIPALMENTE, OUVINDO AS SUAS FALAS TANTO NAS ALDEIAS, QUANTO NAS CIDADES DE CANARANA E ÁGUA BOA, NOS ANOS DE 2020 A 2021. A PARTIR DA PESQUISA, OBSERVEI QUE ESSAS TECNOLOGIAS ESTÃO COLOCANDO EM RISCO OS NOSSOS COSTUMES ANCESTRAIS DE DAR NOMES, NA LÍNGUA MATERNA, AOS OBJETOS QUE VÊM DA SOCIEDADE OCIDENTAL. OS EMPRÉSTIMOS DE PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA VÊM TRANSFORMANDO RAPIDAMENTE O JEITO DE FALAR DO POVO XAVANTE DA ALDEIA ÊTÊNHIRITIPÁ.

PALAVRAS-CHAVE: LÍNGUA XAVANTE. EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS, LÍNGUA PORTUGUESA, TECNOLOGIA AUDIOVISUAL; JEITO DE FALAR; GERAÇÕES MAIS JOVENS

ABSTRACT

THIS RESEARCH WAS CARRIED OUT IN THE INDIGENOUS LAND PIMENTEL BARBOSA, VILLAGE ÊTÊNHIRITIPÁ, MUNICIPALITIES OF CANARANA AND RIBEIRÃO CASCALHEIRA-MT. INTEREST IN THE RESEARCH TOPIC ARISED WHEN I BEGAN TO OBSERVE THE PRESENCE OF PORTUGUESE LANGUAGE TERMS IN THE SPEECH OF PEOPLE IN THE COMMUNITY. THE OBJECTIVE IS TO INVESTIGATE AND ANALYZE THE LOANS OF WORDS FROM THE PORTUGUESE LANGUAGE TO THE XAVANTE LANGUAGE, HAVING AS A MOTUM THE INFLUENCE OF AUDIOVISUAL TECHNOLOGY, TELEVISION AND CELL PHONE, ETC, IN PEOPLE'S DAILY LIFE. AS THEORETICAL BASIS, I CONSULTED THE FOLLOWING AUTHORS: CARVALHO (2009); ALVES (1994) AND QUINTINO (2012) WHICH ENABLED ME TO EXPLORE SUCH SOCIAL PHENOMENA. FOR DATA COLLECTION, I APPLIED A BILINGUAL FORM TO THE YOUNG PEOPLE AT THE SAMUEL SAHUTUWÊ INDIGENOUS STATE BASIC EDUCATION SCHOOL, CONTAINING QUESTIONS ABOUT THE USE OF TECHNOLOGY. I ALSO MADE NOTES IN THE FIELD NOTEBOOK DURING INTERVIEWS WITH THE ELDERS AND STUDENTS. THE ANSWERS OF THE PARTICIPANTS WERE TRANSFORMED INTO DATA THAT ALLOWED ME TO KNOW ABOUT WORD LOAN IN THE PORTUGUESE LANGUAGE; HOW PEOPLE ARE BEHAVING AND THINKING ABOUT THE VILLAGE. I ALSO OBSERVED, IN THEIR DAILY DAYS, MAINLY LISTENING TO THEIR SPEECH BOTH IN THE VILLAGES AND IN THE CITIES OF CANARANA AND ÁGUA BOA, IN THE YEARS FROM 2020 TO 2021. AIS TO GIVE NAMES, IN THE MOTHER TONGUE, TO OBJECTS THAT COME FROM THE WESTERN SOCIETY. THE LOANS OF WORDS FROM THE PORTUGUESE LANGUAGE HAVE BEEN QUICKLY TRANSFORMING THE WAY OF SPEAKING OF THE XAVANTE PEOPLE OF THE VILLAGE ÊTÊNHIRITIPA

KEY-WORDS: XAVANTE LANGUAGE. LANGUAGE LOANS, PORTUGUESE LANGUAGE, AUDIOVISUAL TECHNOLOGY; WAY TO TALK; YOUNGER GENERATIONS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	14
2 - BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E EDUCATIVO DO POVO XAVANTE.....	18
3. DA LUTA TERRITORIAL À MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES SOCIOCULTURAIS XAVANTE	1
4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	7
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	25
ANEXO - PRODUTO PEDAGÓGICO.....	29

INTRODUÇÃO

Segundo a nossa mãe, nasci numa época de muita chuva, na casa da família de parto natural. Foram minhas tias parteiras que auxiliaram minha mãe no momento da minha vinda ao mundo. Sou *A'uwẽ Uptabi* (Xavante). Meus pais me registraram com o nome de Caimi Waiassé Xavante no órgão do governo, a Funai – Fundação Nacional do Índio, no dia 25 de janeiro de 1976.

Eu sou da linhagem do nosso pai, do clã *Poreza'õno* (Girino), da linhagem da madeira sagrada “*Wamari Tedewa*” e faço parte do grupo de idade *Hötörã*. A nossa mãe se chama, *Juçara Pe'aruiwẽ* Xavante do clã *Öwawẽ* (Rio Grande). Ela já é falecida. Sempre moramos na Terra Indígena Pimentel Barbosa, município de Canarana e Ribeirão Cascalheira, Mato Grosso.

Na aldeia, quando completei cinco anos, fui adotado pela família do meu tio-pai que era o grande líder/cacique *Warodi* da aldeia Pimentel Barbosa. Ele era o filho mais velho do líder *Ahöpöwẽ* (*Apowẽ*). Ele junto com as lideranças guerreiras *A'Uwẽ Uptabi* (Xavante) fez o contato em 1946 com o sertanista Francisco Meireles, na região da Serra do Roncador, próximo ao Rio das Mortes, atual Terra Indígena Pimentel Barbosa. Ele ficou nacionalmente conhecido como Apoená.

Como o tio *Warodi* só tinha filhas, ele me adotou para me formar na cultura Xavante e para me mandar estudar numa cidade. E ao mudar para a cidade, eu morei com uma família não indígena, pessoas conhecidas dele.

Ainda bem pequeno, eu acompanhei meu tio *Warodi* juntamente com os demais tios de minha comunidade na luta das lideranças do meu povo para demarcação da Terra Indígena Pimentel Barbosa, Mato Grosso. Na década de 1980, após várias lutas com os fazendeiros e governo federal, nossos pais, tios, mães, tias, demarcaram partes das terras tradicionais do povo *A'uwẽ Uptabi* (Xavante). A demarcação garantiu uma melhor qualidade de vida, melhor utilização das áreas de caça, pesca, coletas de frutas e fortalecimento da identidade cultural para as futuras gerações.

Até que um dia fui levado da aldeia numa Toyota Bandeirante até Goiânia, Goiás, para estudar e para morar em um prédio de vinte andares, com um casal de professores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUC/GO. O senhor Vanderlei de Castro, que me levava de

moto para escola todos os dias quando fui matriculado numa escola particular. Essa época era tudo novidade para mim, muito assustador morar no apartamento, andar de moto e a alimentação era muito diferente. Sempre nas férias escolares eu ia para minha aldeia no território da nossa família aqui em Mato Grosso.

A minha estadia na cidade de Goiânia durou de dez anos. Morei com três famílias diferentes e foi neste período que eu aprendi a ler e escrever para ser uma liderança na minha comunidade da Terra Indígena Pimentel Barbosa.

Quando tinha oportunidade, eu retornava para a comunidade para os rituais que precisava passar para formar a minha identidade Xavante. Completando os rituais de passagens dos adolescentes para a vida adulta, tive de retornar em definitivo para minha comunidade para formar uma família, que é arranjado dentro da tradição. Fui casado duas vezes com mulheres que são irmãs. Tivemos filhos (as), Pewapa, Urawẽ, Penai're, Ro'owi, Suirawẽ, Wamãribza're, Irani, Ro 'ozabödö, Wâtó. E uma filha adotiva chamada Cecília. A maioria dos nossos filhos(as) estão casados(as) e vem gerando netos(as) e morando em outras aldeias no território de Pimentel Barbosa.

Desde que retornei para aldeia fui tradutor bilíngue e cultural da minha comunidade e quando tem uma caçada e/ou pescaria sempre acompanho, porque gosto de caçar e pescar com o meu grupo Hötörã, além disto, estou sempre presente nas atividades culturais. Na década de 1990, trabalhei como tesoureiro na Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa, em projetos em parceria com o Núcleo de Cultura Indígena-NCI/Centro de Pesquisa Indígena em Goiânia/GO. Foi quando iniciei o contato com a produção de audiovisuais.

Sou membro do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas – NEARIN que integra vários escritores indígenas no Brasil e participei de alguns eventos ligados a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil no Rio de Janeiro e em Mato Grosso na Feira de Livros Indígenas. De 1992 a 1997, trabalhei como educador indígena contratado na Escola Municipal de Pimentel Barbosa, na aldeia Pimentel Barbosa. Foi um desafio muito grande, pois eu não tinha experiência em lecionar. Mas, me espelhei na minha trajetória de estudante em sala de aula, tendo como referência algumas professoras que me marcaram durante a minha alfabetização na cidade onde morei.

Passando alguns anos, a Secretaria de Educação Municipal de Canarana-MT ofertou os cursos/oficinas para os professores indígenas que atuavam nas escolas indígenas. Aprendi a

planejar melhor as atividades escolares. No município fui conselheiro Municipal de Educação. Fizemos várias propostas para a melhoria da educação escolar indígena no território Xavante.

Entre os anos de 1998 a 2015, fui convidado a trabalhar na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Etenhiritipá, na aldeia Wede'rã. Esta aldeia fica a 15 Km (quinze quilômetros) da aldeia Pimentel Barbosa. Eu sempre ia de bicicleta para aldeia Wede'rã, toda semana. Isso para mim foi muito interessante, meu esforço para estar trabalhando numa aldeia para melhoria da educação escolar, repassar a minha experiência de vida para a comunidade e para a família. Também na aldeia Wede'rã, coordenei o Ponto de Cultura Apowê, na Associação Aliança dos Povos do Roncador, onde fizemos vários cursos/oficinas de técnicas de filmagens, edição e roteiro usando o programa de Soft Livre, para os jovens das aldeias no território.

No período de 1990 a 2005, participei ativamente do “Projeto Vídeos nas Aldeias” desenvolvido pela ONG - Organização não Governamental Centro de Trabalho Indigenista. No contexto desse projeto atuei com o registro da vivência de diversos aspectos da cultura tradicional e aspectos sociais do povo Xavante, comparando com as de outras etnias no Brasil e no exterior. Quando ingressei na escola estadual, o presidente do Conselho Estadual de Educação Indígena-CEEI/MT, Filadelfo Umutina, me convidou para fazer parte do conselho indígena, onde estou até hoje.

O ano de 2005, foi o primeiro passo para a melhoria da educação escolar indígena na Terra Indígena Pimentel Barbosa, onde tive a honra de participar como cursista no Projeto Hayô –Formação dos Professores Indígenas em Magistério. O projeto contou com participação de três etnias: Xavante, Karajá e Tapirapé, no polo de Canarana. Foram muitos anos de aprendizado para a melhoria da educação escolar indígena das nossas escolas nas aldeias.

Em 2006, foi fundada a aldeia Êtênhiritipa e assim, eu e minha família, deixamos de morar na aldeia Pimentel Barbosa. Com a fundação da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê, em 2010, trabalhei alguns anos na instituição atuando como coordenador pedagógico, porém, por questões de diferenças de filosofia quanto a gestão escolar, eu me desliguei da escola.

Passados cinco anos, em 2010, concluímos o Projeto Hayô. Naquele mesmo ano, me inscrevi no vestibular indígena na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Faculdade Indígena Intercultural. Eu não esperava a minha aprovação porque o vestibular indígena foi muito concorrido, mas fiquei muito feliz com a minha aprovação. Lá

descobri a importância da formação acadêmica do não indígena e como as pessoas valorizam a sua formação escolar.

Sempre nas férias escolares, viajava para cidade de Barra do Bugres-MT, no Câmpus da UNEMAT, para estudar trinta dias, junto com as outras etnias de Mato Grosso, que cursavam Licenciatura Intercultural. Foi uma experiência marcante, troca de saberes entre a academia e os cursistas indígenas. Os cinco anos passaram rápido, me graduei em 2015, no curso de Licenciatura em Línguas, Artes e Literaturas pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT/Barra do Bugres, Faculdade Intercultural Indígena.

Dos anos de 2016 a 2022, fui convidado para assumir a direção da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwẽ. Era para ser apenas dois anos na gestão, mas estou até agora como diretor escolar. Eu também faço parte da Associação Xavante Êtênheritipa – AXE fazendo alguns trabalhos comunitários. Agora estou repassando a minha experiência da faculdade intercultural para melhorar minha *práxis* pedagógica em sala de aula, fazendo atividades interculturais nas escolas indígenas onde trabalho e fazendo palestras em outras aldeias.

Em 2019, me inscrevi no Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, na Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Está sendo um desafio para mim, porque exige muito leitura e reflexão. Numa época de pandemia de Corona-Vírus, com as famílias doentes e as pessoas queridas (os) falecendo com essa doença. Por isto tudo, está sendo difícil estudar à distância. Em sua maioria, as escolas indígenas não tem uma estrutura de conexão de internet boa, e isto, vem dificultando os trabalhos escolares e nossos estudos da pós-graduação.

O interesse pelo tema deste trabalho de pesquisa surgiu no projeto *Haiyô- Formação de Professores Indígenas*, no polo de Canarana- MT (2005-2010), quando escrevi minha monografia intitulada “O uso do Audiovisual pelos Xavante-*Dapoto hawi Romadö'ö*”. Também na minha graduação, elaborei o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) denominado “A influência da tecnologia audiovisual nos empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa para a Língua Xavante”, do curso Língua, Arte e Literatura/FAINDI - Faculdade Intercultural Indígena/UNEMAT/Barra do Bugres (2011-2016).

Estas pesquisas anteriores foram fundamentais para realizar a pesquisa de mestrado denominada “O audiovisual como estratégia pedagógica no contexto formativo tradicional e intercultural dos jovens Xavante”. A estrutura final da dissertação ficou assim estabelecida: Introdução onde fiz minhas considerações iniciais com base em minha trajetória de vida

marcada pela atuação docente, pela participação em ações que envolvem minha identificação com o audiovisual e, fundamentalmente, busquei indicar minha atuação na docência como algo inerente ao meu sentido de pertencimento ao povo Xavante. No capítulo 1 estão detalhadas as questões de ordem teórica e metodológica, que se revelam fundamentais para a ampliação da abordagem da dissertação. No capítulo 2, sob a denominação “Breve contexto histórico e educativo do povo Xavante”, busquei, em primeiro lugar, dar voz as narrativas dos anciãos com que tive (e estou tendo) o prazer de dividir deliciosos momentos de minha convivência, com vistas a melhor compreender nossa história. Trata-se de um dever de gratidão fazer valer seus conhecimentos impressos nessas linhas que constituem esta minha dissertação. Ainda neste capítulo, dissertei a questão da educação, neste encontro (e desencontros também) entre nosso modo tradicional de ensinamento e a educação formal escolarizada. No capítulo 3, denominado “Da luta territorial à manutenção das tradições socioculturais Xavante”, busco demonstrar a territorialidade como princípio basilar de todas as demais lutas, dentre elas a questão da educação. O capítulo 4 é constituído pelas análises e discussões dos dados emergidos da pesquisa de campo, em que busco compreender a ambiguidade do impacto da presença dos artefatos audiovisuais sob o aspecto da valorização da nossa cultura entre as gerações Xavante mais jovens. Nas considerações finais faço alguns apontamentos ressaltando a ambivalência da presença dos artefatos audiovisuais no dia a dia na comunidade da aldeia. Sendo, que os mesmos artefatos que simbolizam e representam dimensões de socialidade individualista são usados para despertar o sentimento de pertencimento à tradição cultural Xavante, por meio dos vídeos que retratam alguns dos rituais Xavante. A rigor, essa é a abordagem deste Caderno Pedagógico (e-book), que é o resultado da presente dissertação, isto é, o Produto Pedagógico propriamente dito.

1. QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

1.1 Reflexões de natureza teórica

A chegada dos artefatos tecnológicos audiovisuais no cotidiano da comunidade da aldeia *Êtênhiritipa* trouxe mudanças significativas para nós, Xavante. Isto me oportunizou a reflexão sobre as mudanças de comportamento das gerações mais jovens. São notórias as alterações das atividades cotidianas, tais como, horário de dormir, caçar, pescaria, rituais sagrados e roça tradicional Xavante (Roça de Toco). Ou seja, o uso da tecnologia tem impactado negativamente as pessoas nas atividades acima citadas. Por exemplo, tenho percebido uma mudança no hábito de dormir: antigamente as pessoas dormiam ao escurecer, hoje em dia, por conta da programação televisiva e do uso do aparelho de celular, observo que as pessoas, principalmente os jovens, têm ido dormir entre as 22:00 às 23:00h. Desse modo, cabe fazer o seguinte questionamento: Como fica a prática do ritual do Canto e Dança dos Adolescentes, que ao anoitecer ocorre o ritual do Canto dos Padrinhos com os Afilhados e o Canto da Meia Noite? Tenho notado que a frequência desse ritual vem diminuindo a cada ano que passa. Avalio, que estamos perdendo, paulatinamente, nosso vínculo milenar com aspectos fundamentais da nossa ancestralidade.

Nesse sentido, buscando compreender este fenômeno, cabe aqui uma reflexão com base na pertinente análise feita por Byuang-Chul Han (2020, p.6), em “Do Desaparecimento dos Rituais: uma tipologia do presente”. Em conformidade com esta perspectiva analítica, trata-se de compreender os rituais no contexto das manifestações existenciais que têm o condão de vincular os feitos e as realizações humanas hodiernas com os aspectos identitários imemoriais do povo (etnia) com a qual as pessoas se filiam.

Assim, devemos compreender os ritos de passagem como uma autêntica expressão do simbólico. Ou isto dito pelo próprio autor, significa compreender que “Os ritos são ações simbólicas. Eles transmitem e representam aqueles valores e ordens que mantêm uma comunidade unida” (HAN, 2020, p.6). Daí minha genuína preocupação com o que vem ocorrendo em minha comunidade, principalmente em relação ao comportamento das gerações mais jovens, que estão abandonando práticas culturais milenares.

Ainda na esteira do referido autor, é plausível afirmar que é inerente aos ritos esse poder de (re)conectar as pessoas às tradições culturais de sua etnia, através da conexão indelével entre o universo circundante, as divindades com os sujeitos. Dito de outro modo, existe uma interação inquebrantável entre os povos indígenas, as divindades por eles cultuadas, seus rituais,

praticados desde tempos imemoriais e os sujeitos vivendo em seus contextos culturais hodiernos.

Nós povo Xavante pautamos nossa existência nos ensinamentos de toda ordem, impressos nos rituais de passagem, tal como “A Dança dos Adolescentes”, em que se explicitam valores ancestrais, que servem fundamentalmente para vincular os sujeitos às ordens de convívio social. Este sentimento de pertencimento a uma coletividade cujas tradições imemoriais dão conta de romper o vínculo, exacerbadamente narcisista, de um eu solipsista, é que vincula as ações para um horizonte mais estendido da coletividade ameríndia ancestral e imemorial.

Por isso, a maioria dos rituais indígenas são uma celebração das diferenças. É o que explicita Han (2020, p.10) na afirmação a seguir: “O simbólico como meio no qual a comunidade é gerada e transmitida está hoje, claramente, desaparecendo. A perda do simbólico e a perda do ritual reforçam-se mutuamente”.

Outro ponto de reflexão propiciado pela análise de Han (2020, p.14) diz respeito ao fato de que a crescente atomização da sociedade também afeta a gestão dos sentimentos dos sujeitos que a constituem. Cada vez menos sentimentos comunitários são gerados. Em troca, sentimentos passageiros e paixões transitórias predominam como estados de um indivíduo isolado em si mesmo, e descolado dos acontecimentos fenomênicos que afetam a coletividade.

Do ponto de vista da ordem social Xavante, o Warã - Conselho Tradicional, se constitui no elo entre todas as atividades desenvolvidas pela comunidade A’Uwê Uptabi e os saberes da cultura tradicional Xavante impressos na voz dos anciãos. É o Warã que define as atividades do dia a dia, onde são discutidos coletivamente pelos anciãos as práticas culturais, rituais e cerimônias, assim como os trabalhos da Roça de Toco, caçadas dos homens e coletas de frutas das mulheres no cerrado. Nesse sentido, submeti a proposta de pesquisa de mestrado à análise do Warã e recebi a anuência para realizar os meus estudos. A proposta foi apresentada para as comunidades das duas aldeias: *Êtênheritipa* e *Wedé’rã*, localizadas nos municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira-MT, onde foram coletados os dados da pesquisa. Mesmo sendo morador da aldeia *Êtênheritipa* e trabalhar na escola da referida aldeia, se faz necessária a anuência das comunidades envolvidas via autorização exarada pelo Warã.

Tenho notado que ultimamente os anciãos que presidem os debates por ocasião dos encontros do Warã têm manifestado preocupação a respeito das mudanças de comportamento da comunidade Xavante. Nesse sentido, os anciãos chamam a atenção das gerações mais jovens para que reflitam acerca deste fenômeno. O Warã tem discutido também o que vem ocorrendo

na escola com os alunos (as), em relação aos materiais didáticos, documentários Xavante, documentários de não indígenas, que estão chegando na comunidade. E, durante o projeto dos Saberes Indígenas na Escola desenvolvido pela UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) na produção para material didático de alfabetização, foi discutido o assunto sobre o que estava ocorrendo com a Língua Materna, as mudanças de hábitos no cotidiano, nos rituais e cerimônias dentro contexto da aldeia *Êtênheritipá*. Nestas discussões, as pessoas acabam refletindo sobre o assunto e escutando os conselhos tradicionais que procuram dialogar coletivamente a respeito do caminho para resolverem as situações ocorridas na comunidade da aldeia *Êtênheritipá*.

1. 2 Bases metodológicas da pesquisa

Mediante o exposto, estruturei a seguinte questão problematizadora: Qual é o impacto do ponto de vista sociocultural do uso exacerbado de tecnologias audiovisuais no modo de vida do povo Xavante? Nesse sentido, importa melhor compreender o papel exercido pela educação (tanto a educação tradicional Xavante, quanto a educação formal escolarizada) na tomada de consciência por parte dos nossos estudantes acerca da necessidade de reconhecer a importância de manter viva a nossa tradição cultural.

Reportando à classificação designada por Oliveira (2011, p.59), adotei os seguintes procedimentos metodológicos com vistas a ampliar o alcance da pesquisa. Quanto aos objetivos propostos, trata-se de uma investigação de caráter exploratório-descritivo. No que se refere a natureza a pesquisa se reveste de uma abordagem qualitativa-quantitativa, mediante o mister de conceitos necessários para explicitar o fenômeno estudado. Quanto aos instrumentos de pesquisa utilizados para a coleta de dados foram adotados dois tipos de procedimentos metodológicos: a entrevista com questões semiestruturadas direcionadas aos estudantes Xavante da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê (crianças e jovens).

A rigor, na concepção de Miguel (2010, p.02), a entrevista como técnica de pesquisa é eficiente do ponto de vista do alcance da análise ensejada, pois se caracteriza “como instrumento dinâmico, flexível e criativo, capaz de fornecer maior contribuição diante dos objetivos gerais e específicos a serem alcançados”. De outra parte, lancei mão também da observação participante para submeter os dados emergidos na pesquisa de campo ao crivo da análise deste pesquisador, com mais de quarenta anos de vivência em conformidade com a cultura Xavante. Para a coleta de dados, lancei mão também da observação participante, aqui

compreendida como o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo.

Do ponto de vista da análise dos dados extraídos da pesquisa de campo, busquei estruturar tal instrumento com base na técnica denominada análise de conteúdo, que no dizer de Minayo (2007), proporciona ao pesquisador a ampliação do escopo das análises, na medida em que, com o material coletado, abre inúmeras perspectivas de interpretações inovadoras. A partir disso, no capítulo 4, pretende-se realizar a análise qualitativa dos dados empíricos da pesquisa, que resultam das a) entrevistas com os alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê (crianças e jovens); b) conversas, aconselhamentos e sábios ensinamentos obtidos de momentos de compartilhamento de saberes com os anciãos ao longo da minha vida c) da vivência e observações empíricas realizadas pelo pesquisador na condição de membro da comunidade indígena Xavante; d) entrevistas com pais e mães de alunos.

Para Oliveira (2011, p.60) a análise e discussão dos resultados necessita de um encadeamento teórico-conceitual com as demais etapas da pesquisa:

Nesta etapa, ocorre a interpretação e discussão dos dados levantados pela pesquisa. O pesquisador deve elaborar a sua análise a partir dos resultados alcançados e com base na revisão bibliográfica. Deve-se chamar a atenção para aspectos novos e interessantes que apareceram. (OLIVEIRA, 2011, p.60)

Essa etapa da pesquisa requer de o pesquisador lançar mão das habilidades de caráter analítico compreensivo, com vistas, a conferir a necessária qualificação do ponto de vista teórico conceitual da sua pesquisa.

A entrevista foi realizada com 25 (vinte) estudantes da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê, sendo 13 (treze) rapazes e 12 moças (doze) seguindo critérios tais como de idade, sexo e matrículas. Reuni com os jovens estudantes no dia 14 de dezembro de 2021, às 13 horas na escola. Iniciei passando dois vídeos curtos, “ Ambientes de Aprendizagem Móvel”, e “Microsoft Vision of the Classroom of the Future”, que abordavam o uso das tecnologias digitais pelos não indígenas, nos dias de hoje, e após os vídeos apliquei o questionário bilíngue no Ensino Médio da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê. Os dois vídeos oportunizaram debates da situação atual das pessoas na aldeia. O questionário bilíngue foi aplicado com as seguintes perguntas:

1. Tem TV e celular em casa?
2. Com que frequência você assiste a TV e usa o celular?
3. Quais programas favoritos da TV e no celular?

4. Qual é a importância da TV e do celular, na sua casa?
5. Você está percebendo alguma mudança de comportamento da comunidade?
6. Há cena/ programa considerado inadequado para criança e jovens? Quais?
7. Há censura? Como é feita a censura?

Outros recursos utilizados foram: gravador digital, filmagens, máquina fotográfica e celular. Além disso, durante a pesquisa, fiz anotações no caderno de campo e, com vistas a consubstanciar as análises, repassei os dados para o *notebook*, para digitação e formatação.

Cabe ressaltar a respeito, que a pandemia de CORONA-VIRUS (COVID-19), que atingiu o mundo inteiro, acabou chegando na minha comunidade. Com isso, não foi possível fazer trabalhos de entrevistas com as pessoas em suas casas. Porque também a comunidade realizou isolamento social com suas famílias em três lugares, algumas famílias ficaram na aldeia, outras foram acampar nos lagos, e na beira do Rio das Mortes na divisa do território indígena. Eu fiquei na aldeia observando, ouvindo e fazendo perguntas na minha família em casa. E com as pessoas que ficaram na aldeia também conversamos muito, a situação de saúde e educação, e a fase que a comunidade estava passando com a pandemia. Sempre perguntava para as pessoas sobre as mudanças de comportamento que estavam em curso nestes isolamentos sociais das famílias. Como os jovens utilizavam as tecnologias digitais durante as suas ausências da aldeia *Êtênheritipá*, para se manterem informados a respeito do que estava acontecendo nos acampamentos.

2 - BREVE CONTEXTO HISTÓRICO E EDUCATIVO DO POVO XAVANTE

2.1 Origem do povo A'uwẽ Uptabi

Para melhor compreender a história do povo Xavante, bem como aspectos da educação tradicional e escolarizada que compõem as abordagens deste capítulo, tomei como referência minhas observações, conversas e entrevistas rememoradas a partir da vivência e convivência

com os anciãos. Destacam-se os anciãos Sereburã, Hipru, Urawê, Waza'é, Cidaneri, Prasé. Como também, com base nas referências bibliográficas de autores que abordam estas temáticas.

A histórica do povo Xavante remonta a um tempo em que nossos antepassados fugiram do litoral por conta da perseguição dos não indígenas. Nossa autodenominação é A'uwẽ Uptabi, que significa povo verdadeiro. Somos povos caçadores e os nossos ritos de passagem e as cerimônias espirituais, de casamento estão ligados ao local onde vivemos. O senhor Sereburã reverbera com suas sábias palavras o que é dito de modo acadêmico por pesquisadores “*O povo A'uwẽ vem do lugar onde começa o céu, da raiz do céu, onde o sol aparece. Nós somos o povo verdadeiro. Nós mantemos o espírito da Criação*”.

O senhor Sereburã complementa “*Antigamente os nossos ancestrais viviam no escuro. É de onde começou a raiz do Céu, onde o Sol se originou (bötö pusizé na'rada), a origem da Lua (a'amo pusizé na'rada), a origem da estrela Cruzeiro do Sul (Siruru Pusizé) foram criados. “Höiwana'rada. Tudo se originou do lado leste. O ancestral do povo a'uwẽ vêm de lá, onde começaram a andar, de onde foram criadas todas as coisas. Segundo a narrativa do Mito de Criação o povo A'uwẽ uptabi (Xavante) vem da raiz do Céu, onde nasce o Sol.*

A respeito das nossas cerimônias tradicionais o senhor Sereburã, admoesta “*Realizamos nossas festas e cerimônias Xavante/A'uwẽ, conforme os conhecimentos adquiridos dos ancestrais, por meio dos “sonhos de poder”. Os Xavante são de uma linhagem antiga, de um tempo que se perde na contagem dos não-índios*”.

O primeiro e mais antigo registro documental colonial a respeito do povo Xavante/A'uwẽ que se tem notícia foi feito em um mapa datado de 1751, que mostra a localização do chamado “Sertão do Gentio Xavante”, a leste da Ilha do Bananal. (CHAIM, 1983).

Conforme Welch et al (2013), os Xavante estão no Planalto Central muito antes da chegada dos não indígenas ao Brasil. Os relatos orais dos anciãos coletados pelo referido autor revelam histórias de fuga, aprisionamentos e mortes provocados pelos colonizadores desde a época da existência da então Província de Goiás. No século XVIII, as referências situam o povo Xavante nas regiões norte e central dos atuais estados de Goiás e Tocantins. Vale destacar, que as autoridades da província de Goiás envidaram esforços para o aldeamento dos Xavante por considerá-los “indomáveis”, “não civilizáveis”, que deveriam ser pacificados.

Em 1788, alguns grupos Xavante são aldeados na aldeia Pedro III, Sítio do Carretão, por Tristão Cunha Meneses, governador da capitania de Goiás. Xavante e Xerente são isolados no presídio de Santa Maria do Araguaia que será totalmente destruído por um ataque dos Xavante, Xerente e Karajá. A decadência do ciclo econômico da mineração desloca o interesse para a agricultura e pecuária. A política é favorável à ocupação dos territórios tradicionais indígenas. Uma carta-régia no século XIX decretou guerra contra os Xavante. Então, eles fogem do aldeamento e cruzam os rios Araguaia, Cristalino e Rio das Mortes. Os Xavante e Xerente se dividiram em dois grupos: os Xerente se estabeleceram ao norte do Estado de Goiás, hoje Tocantins, e os Xavante, no Estado do Mato Grosso, após cruzar os rios Araguaia, Cristalino e Rio das Mortes. (IDIORIÊ-XAVANTE, 2016, p.19).

No início do século XVIII, depois da descoberta do ouro, na então província de Goiás, a chegada de mineradores, bandeirantes, colonos e missionários pressionou as populações indígenas locais, provocando conflitos entre elas e os novos habitantes. As populações nativas reagiram de diferentes modos às incursões dos forasteiros. Algumas recorreram à prática de ataques repentinos e à guerra; outras, ao estabelecimento na área ou à migração. Na segunda metade daquele século, vários grupos, incluindo alguns identificados como “Xavante”, estiveram assentados em aldeamentos patrocinados pelo governo, onde sofreram os efeitos devastadores de doenças epidêmicas, segundo dados do ISA- Instituto Socioambiental (2014).

As delimitações do território tradicional de uso dos A’uwê se intensificam a partir do século XIX, quando esse povo adentra mais a região central do Brasil, dirigindo-se aos atuais estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Porém, as terras tradicionais Xavante não foram demarcadas de modo contínuo. Atualmente, este povo vive distribuído em várias aldeias em nove (09) terras indígenas: Areões, Pimentel Barbosa, Marãiwatséde, São Marcos, Parabubu, Sangradouro, Marechal Rondon, Chão Preto, Ubawawe.

A Terra Indígena Pimentel Barbosa localizada nos municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira, onde residem os descendentes de Apowê, atualmente, possui dezenove aldeias: *Aserere*, Pequi, Reata, Caçula, Tanguro, Pimentel Barbosa, *Êtênheritipá*, Belém, Novo Paraíso, Wedeze, *Wede’rã*, São Domingos, São Joaquim, Santa Matinha, Santa Cruz, Mãe Maria, Santa Vitória, Maria de Jesus e Boa Vida.

Ao não conseguirem garantir a demarcação contínua do seu território, atualmente os Xavante vivem em nove (09) pedaços de terra: Pimentel Barbosa, Areões, Sangradouro, São Marcos, Parabubure, Marãiwatséde, Chão Preto, Ubawawe e Marechal Rondon. Nas outras partes de suas terras foram construídas cidades que integram treze (13) municípios. Segundo

estimativa da FUNASA (2010) são aproximadamente 15.315 pessoas, conforme (IDIORIÊ-XAVANTE, 2016, p.22).

Figura 1 - Foto do contato entre os Xavante e a Equipe de Rondon



Fonte: Arquivos Ponto de Cultura Apowê, 1947.

2.2 Educação Tradicional Xavante

Rezende (s/d) em “O ser professor e o ser Xavante: duas culturas diferenciadas que buscam a interculturalidade” faz reverberar os preceitos educativos presentes no RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Indígenas, que estabelece quatro pressupostos fundamentais que dão sustentação à educação escolar indígena, a saber a) a educação para atender verdadeiramente o povo indígena tem de ser concebida e estruturada ao modo comunitário destes povos em termos socioculturais, econômicos, políticos, filosóficos e educacionais; b) Conferir o mesmo grau de efetividade que é reservado aos elementos da educação formal não indígena à educação tradicional, de modo a garantir a efetividade do princípio da interculturalidade c) do ponto de vista das abordagens teóricas e metodológicas, o ensino tem de estar assentado no bilinguismo, ou até mesmo no multilinguismo, quando for o caso. Ou isto dito de modo ainda mais explícito, tem de serem respeitadas as especificidades sociolinguísticas de cada povo. E, por fim, a referida autora destaca o quarto princípio que consiste em uma educação d) específica e diferenciada, no que diz respeito a presença no currículo e no calendário escolar dos ritos, festas tradicionais, danças, rituais de passagem.

O pressuposto para que isto se concretize reside na necessária e imprescindível participação da comunidade escolar no que tange às decisões a respeito do tipo de educação e de escola que é requerida e desejada por uma dada comunidade escolar. O *lôcus* privilegiado desse processo é o PPP - Projeto Político Pedagógico, em cuja elaboração se faz necessária a participação da comunidade escolar, professores, alunos, pais, conselhos indígenas atuantes,

caciques, pajés, etc. O PPP tem que propor um processo ensino aprendizagem centrado na formação de alunos conscientes do ponto de vista da cidadania ameríndia, críticos e engajados nas atividades culturais do seu povo.

Nas figuras abaixo de números 2, 3 e 4 busquei representar, em diversas situações cotidianas, os momentos do processo ensino aprendizagem tradicional do povo Xavante.

Figura 2 - Representação de momentos de aprendizagem da menina no contexto da educação familiar



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2021

Este desenho foi feito pelos alunos da escola Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê. Ele representa um importante momento do processo ensino e aprendizagem para nós, o povo Xavante, na medida que o desenho representa uma forma de

expressar o entendimento acerca do tema em questão, pois a linguagem artística impressa em um desenho é mais fácil de ser comunicada do que a expressão através da linguagem escrita.

Nos acampamentos durante o isolamento das famílias, foram relatadas inúmeras dificuldades nos primeiros dias. Os jovens estavam acomodados na aldeia com infraestrutura tecnológica, por isso no início sentiram faltas das coisas deixadas para trás na aldeia como energia e internet. Com passar do tempo começaram conhecer os lugares de pescaria e de caça. Os moradores ficaram surpresos com a fartura de alimentos na região. Foram conhecer a antiga aldeia, que fica na fazenda do outro lado do Rio das Mortes, e ouviram relatos dos anciãos sobre a região antes do contato. Os jovens acompanhavam os adultos em suas pescarias, caçadas, pegando vários tipos de peixes que os jovens não conheciam. Assim como, as crianças acompanhavam e ajudavam suas mães nos preparos de alimentos, peixes e caças nos jiraus assados como antigamente, e brincavam muito na praia e nadavam no Rio das Mortes.

Figura 3 - Foto do Ritual representando a Dança dos Adolescentes



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2021

A comunidade escolar (professores, nutricionista, agente de limpeza), sempre organizam para fazer atividades culturais com os alunos como aula de educação física Xavante, que ocorre através de danças e cantos.

Figura 4 - Foto do Ritual da Corrida da Tora de Buriti



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2018

Uma das atividades preferidas dos alunos é a corrida de tora de buriti-Uiwede, como aula de educação física Xavante. É através desta atividade cultural que os alunos mostram sua resistência física. Outro aspecto relevante neste tipo de atividade cultural tradicional diz respeito a questão da coletividade, ou seja, a atividade tem de ser desenvolvida necessariamente de modo coletivo.

2.3 - Educação escolarizada & educação tradicional

A região da Terra Indígena Pimentel Barbosa teve o primeiro contato com a língua portuguesa quando os guerreiros Xavante, liderados pelo líder Ahöpöwê (Apowê), fizeram contato em 1946, com o sertanista Francisco Meireles, às margens do Rio das Mortes (Öwawê). Desde esta época o povo Xavante deu início a um contato duradouro com agentes governamentais, falantes da língua portuguesa. O A'uwê (Xavante), sem falar a língua não indígena, só usava mímica, demonstração de objetos, e imitava as falas repetindo a língua portuguesa.

Atualmente na aldeia *Êtênheritipá*, a maioria das mulheres, anciãos e crianças não se expressam em língua portuguesa, mas alguns jovens tentam se expressar na Língua Portuguesa, nas reuniões de agentes de saúde e no curso de formação de professores indígenas. E também quando as pessoas são internadas no hospital, tentam se comunicar com as enfermeiras em palavras e frases sobre o medicamento que são usados no paciente. Assim como, durante o

intercâmbio cultural com os alunos das escolas urbanas e zona rural. Na aldeia são poucas pessoas que falam o português fluentemente. A maioria das pessoas da aldeia acham importante aprender a Língua Portuguesa para poder se comunicar melhor com os não indígenas ou com as outras etnias.

Na aldeia as crianças em vários momentos das suas brincadeiras, no pátio, no córrego, em casa, vêm usando as palavras para a construção de frases em Língua Portuguesa, imitando o que elas assistem na televisão ou celular. E também as crianças acompanham muito os adultos na aldeia ou quando vão à cidade, elas acabam ouvindo a língua portuguesa.

A maioria dos jovens levam seus aparelhos para informar os anciãos dos acontecimentos pelo mundo e de outras aldeias Xavante. Ou quando agentes de saúde vão para reunião no centro da aldeia. Lá no centro são discutidos vários assuntos do cotidiano da comunidade, como o transporte de caminhão para as cidades mais próximas, caçadas, pescarias, torneio de futebol nas aldeias, rituais e cerimoniais.

Agora as mulheres da aldeia ficam em casa, fazendo atividade familiar e podendo ter contato com a Língua Portuguesa através da televisão assistindo novelas e filmes ou celular ouvindo vários ritmos de músicas de não indígenas. Elas também têm contato com a Língua Portuguesa, quando levam seus filhos no posto de saúde indígena perto da aldeia, que são atendidas pelas enfermeiras não indígenas ou agentes de saúde indígenas. Mas, as mulheres jovens também frequentam a Escola Estadual Indígena Samuel Sahutuwê, onde acabam entrando em contato com a Língua Portuguesa durante as aulas.

Já os jovens homens, estão sempre em contato com a outra língua virtualmente, através dos celulares, quando a conexão de internet da escola funciona e pela televisão ao assistir filmes, ouvindo vários ritmos de músicas de não indígenas. Estas gerações vão muito às cidades mais próximas da Terra Indígena de Pimentel Barbosa fazer compras para os pais ou vão só passear na cidade, tendo contato com a Língua Portuguesa. Assim como, estes jovens frequentam a escola da aldeia, onde possuem contato com a língua de não indígena, através dos livros, filmes e aulas da Língua Portuguesa.

Na aldeia *Êtênheritipá*, já têm vários materiais que vem de fora e não têm nomes ainda na língua materna, só na Língua Portuguesa, como caixa d'água, balde, padrão de energia, botijão, fogão, internet, televisão, manga, celular, pen drive, parabólica, ventilador, álcool gel, coronavírus e vacina. São estes nomes de materiais, que são falados diariamente na aldeia. A comunidade acha importante estudar a língua materna para mantermos nossos costumes, o nome das coisas que fazem parte da nossa vida, das nossas danças, artesanatos, comidas,

animais, peixes, aves, remédios, doenças. Atualmente, a Língua Portuguesa na comunidade possibilita a troca de informações sobre a cultura de outros povos indígenas e de não indígenas.

Figura 5 - Foto representando a presença de um artefato ocidental, Antena Parabólica

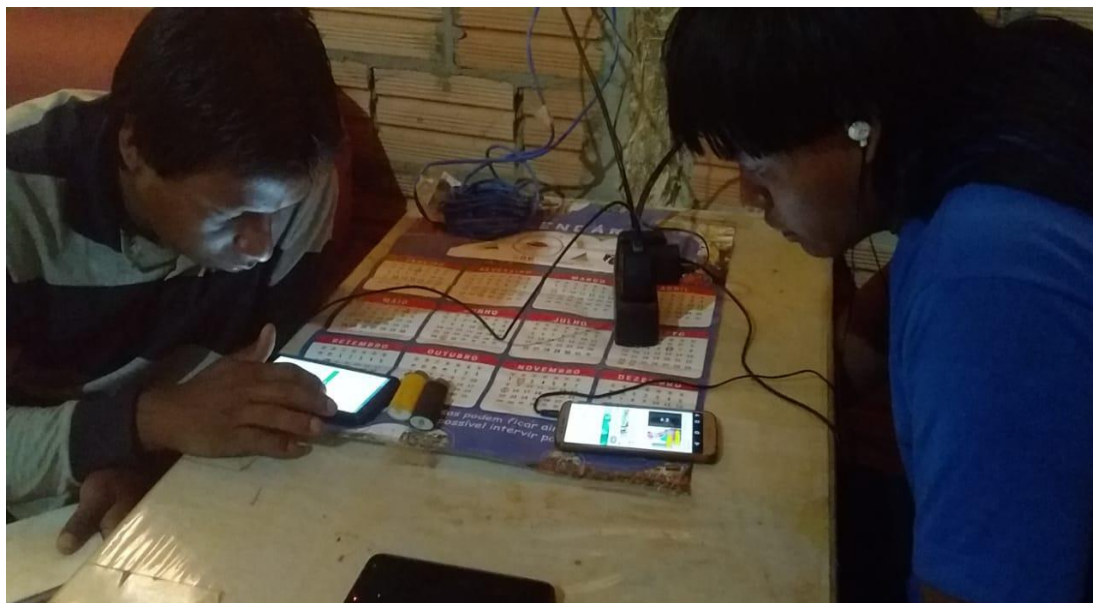


Foto: Arquivo pessoal do pesquisador, 2021

Na aldeia Êtênhiritipá alguns jovens já fazem transmissão ao vivo das atividades culturais da aldeia, antes era impossível transmitir, os celulares não funcionavam no território indígena Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa. Atualmente, as escolas indígenas têm internet, computadores e notebook, e as máquinas digitais são comuns nas escolas. Os habitantes das aldeias também possuem celulares, filmam e fotografam seus cotidianos, fazendo edições de vídeos e áudio da cultura A'uwẽ Uptabi (Xavante).

Trata-se de um fenômeno social que traz implicações do ponto de vista das relações interpessoais dos sujeitos indígenas. Uma preocupação cada vez mais explicitada pelos mais velhos diz respeito a adoção de atitudes de caráter individualista em detrimento às manifestações que representam a coletividade ameríndia. Ainda na opinião dos anciãos, em assim agindo, as gerações mais jovens podem estar entrando em um lento processo de abandono das nossas tradições culturais milenares, que sempre prezam pelo coletivismo em detrimento do individualismo.

Figura 6 - Foto representando os jovens fazendo uso de artefatos tecnológicos ocidentais



Fonte: Acervo fotográfico do Ponto de Cultura Apowe, 2017.

Mesmo falando pouco a Língua Portuguesa, os anciões estão percebendo as falas da juventude e as mudanças de comportamento com tanta tecnologia audiovisual adentrando às aldeias. Por isso querem buscar junto com os jovens novos caminhos de convivências interculturais com não indígena (warazu/ siróma). Os estudantes das escolas indígenas também fazem muitas pesquisas dos territórios, fiscalizando as suas terras já demarcadas. Atualmente, as pessoas das aldeias Xavante, principalmente os jovens, fazem compras virtuais, como celulares, televisão, calçados, etc. Também, de modo geral, os A'uwẽ Uptabi (Xavante), vão muito para cidade ao redor das Terras Indígenas para comprar alimentos industrializados, bebidas alcoólicas e refrigerantes.

Figura 7 - Foto do 1º livro de alfabetização da Língua Materna “A'uwẽ Mreme”



Fonte: Arquivo pessoal, Caimi Waiassé Xavante, 2021.

Este é o 1º livro de alfabetização da Língua Materna “A’uwẽ Mreme”, feito pelos professores A’uwẽ da escola Samuel Sahutuwê, no projeto “Saberes Indígenas na Escola”-UFMT/2021. Cabe ressaltar que os professores da educação utilizam também o livro didático escrito em Língua Portuguesa que é distribuído nas escolas pela SEDUC - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso.

2.4 - Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê: Ensino da Língua Portuguesa & Ensino da Língua Materna

Em 2006, foi construída a aldeia *Êtênheritipá*, por divergências políticas internas lideranças, anciãos e famílias que acharam melhor fazer outra aldeia, com 32 casas, com uma população de 420 habitantes. No dia 15 de agosto de 2006, as famílias saíram da aldeia Pimentel Barbosa e foram construir a aldeia *Êtênheritipá* ao lado do Posto Indígena da FUNAI, que fica distante mil metros da aldeia Pimentel Barbosa. Mesmo tendo saído da aldeia Pimentel Barbosa, os alunos (as) continuaram frequentando as aulas na Escola Municipal Indígena de Pimentel Barbosa, em 2007 e 2008. Esta comunidade continua com seus costumes e cerimônias da cultura Xavante, faz roça de toco, coleta frutas nativas, cria galinhas, patos, cachorros e gatos. Consomem alimentos industrializados, usam roupas e calçados do mundo de não indígena (warazu/siróma).

Por iniciativa da comunidade, professores indígenas, anciãos e caciques, resolveram no meio do ano de 2009, na aldeia *Êtênheritipá*, construir uma escola de madeira e palha, com 4 salas de aula, 1 sala de professor e uma cozinha, para os(as) alunos(as) continuarem estudando. Mesmo sendo em uma casa rústica, a escola teve apoio de Assessoria Pedagógico de Canarana-Seduc/MT, fornecendo os materiais escolares.

A partir da construção da escola pelos professores, estudantes e anciãos, iniciou-se as discussões sobre o Projeto Político Pedagógico – PPP. Houve também um debate a respeito da escola ser municipal ou estadual. Depois de várias reuniões o Warã- Conselho Tradicional, decidiu fundar uma escola estadual.

No período de um ano, o primeiro cacique da aldeia faleceu, no dia 18 de julho de 2007. Como ele se preocupava com a educação escolar e a educação tradicional da comunidade, em sua homenagem foi fundada a Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê.

O planejamento das ações pedagógicas que constam no calendário escolar A’uwẽ Uptabi, está sempre em sintonia com as atividades desenvolvidas no contexto da aldeia como um todo. Importante lembrar que o planejamento é feito semanalmente seguindo as orientações

da cultura A'uwẽ Uptabi, que realiza as atividades de acordo com nossas tradições socioculturais.

Todo final do ano, o diretor escolar e a equipe do CDCE - Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar convidam membros que compõem o Warã - Conselho Tradicional para discutir o calendário tradicional da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê, para poder sistematizar de acordo com PPP, solicitando as atividades da comunidade, os rituais/cerimoniais de acordo com calendários tradicionais que acompanham as estações do ano. O calendário escolar deve respeitar as festas, rituais e as tradições como: danhono, darini, uiwede, zomõri, buru, dasi'utõri, dabasa, danho're, wa'i, wai'a, oi'o, aba, abahi. Deve também ensinar por meio de oficinas, contando os ensinamentos dos anciãos e os membros mais experientes. O PPP faz referência à pesquisa de campo, aula de campo, intercâmbio com dos A'uwẽ Uptabi dentro e fora do território, com outros povos indígenas e com os warazu/siróma. A utilização dos livros didáticos tem de ser realizada nas duas línguas: A'uwẽ Uptabi (Língua Materna Xavante) e warazu/siróma (Língua Portuguesa). A escola tem que desenvolver jogos pedagógicos e esportivos próprios da tradição cultural Xavante. Todas as atividades escolares são sistematizadas conforme as atividades comunitárias, fazendo exposições, palestras na escola.

A escola tem contribuído com o desenvolvimento de atividades culturais Xavante tais como cerimônias: Wa'i – Luta Corporal, canto e dança – Danho're, Dasi'wai'õ. A nossa educação tradicional Xavante tem que valorizar as lideranças políticas Warazú e A'uwẽ Uptabi.

O PPP da escola preconiza a necessidade de a escola incentivar todos os alunos e a comunidade escolar em geral, a engajar nas companhias de saúde; desenvolver oficinas pedagógicas; incentivo à produção de vídeos e publicação Pi'õ Höimanazé (Artes das Mulheres). O papel pedagógico da escola consiste em constituir um sujeito conhecedor da cultura e da organização social A'uwẽ Uptabi e da cultura global, tornando-se autônomo e capaz de intervir na sociedade.

Hoje a Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê tem 175 alunos e conta com uma pessoa na cozinha, um agente de limpeza, um diretor, um secretário e quatro professores Xavante e uma professora Javaé/ Karajá. Estes professores trabalham com os ciclos das fases: I,II,III CICLO I,II,III FASE, Ensino Médio e EJA. Temos professores Xavante com algumas dificuldades em trabalhar alguns conteúdos escolares como Matemática, Português, História, Ciências e Línguas Estrangeiras, pois muitos não são formados nessas áreas, só concluíram o Magistério Intercultural. Por isso todo ano solicitamos o desenvolvimento de

oficinas para aperfeiçoar as práticas pedagógicas de todos os professores e professoras A'uwẽ que atuam nestas áreas nas escolas municipais e escolas estaduais.

Na escola Estadual Samuel Sahutuwê, temos três professores A'uwẽ se graduando na UNEMAT e na UFMT. Um professor está se graduando pela FAINDI-UNEMAT, na área de Línguas, Artes e Literaturas, concluindo o curso no ano de 2022. Os outros professores A'uwẽ, fazem cursos virtuais, UAB - Universidade Aberta do Brasil em Canarana-MT, nos cursos de Pedagogia pela UFMT e outro no curso de Letras pela UNEMAT, mesmo tendo dificuldades no acesso à internet na aldeia para frequentar as aulas virtuais.

Agora na escola Municipal Infantil Utebrewê, são seis professores A'uwẽ, que não possuem formação, apenas concluíram o ensino médio normal. Por isso os professores A'uwẽ têm dificuldades de trabalharem com as crianças A'uwẽ. Mas este ano, a Secretária de Educação Municipal está oferecendo oficinas para os professores A'uwẽ, este ano eles já fizeram duas oficinas na aldeia Êtênheritipá.

Necessitamos fazer cursos de formação continuada com o objetivo de melhorar, sempre mais, as ações de ensino. Com o intuito de colaborar com este processo formativo, é que elaborei o Caderno Pedagógico (e-book) Dos Rituais Xavante que resulta como Produto Educacional da minha pesquisa de mestrado. No referido caderno, são apontadas estratégias de caráter didático-pedagógico na modalidade “produções audiovisuais”, tendo como pano de fundo narrativas dos rituais que fazem parte da vida dos estudantes Xavante.

Ademais, há que se ampliar as possibilidades de formação em nível de magistério intercultural, de graduação intercultural, mestrado e doutorado para termos mais conhecimento no sentido de aperfeiçoar sempre mais nossa *práxis* pedagógica. Nesse sentido, a escola necessita produzir materiais didáticos específicos de conhecimentos, de acordo com as disciplinas da sociedade envolvente. Para demonstrar o caráter intercultural da nossa formação nas figuras (8, 9, 10, 11, 12 e 13) busquei representar momentos desta formação que estamos empreendendo em nossa escola.

Figura 8 - Foto do primeiro Livro Didático de Alfabetização em Língua Materna A'uwẽ Uptabi



Fonte: Arquivo pessoal de Utebrewê Xavante, 2020

O primeiro livro didático de alfabetização na Língua Materna A'uwê Uptabi foi elaborado pelos professores indígenas no projeto Saberes Indígenas na Escola sob a responsabilidade didático-pedagógica da UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso, em parceria com a IFMT- Instituto Federal de Mato Grosso, UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso e prefeituras municipais de Mato Grosso. O princípio orientativo do referido projeto consiste em compreender que “a educação escolar indígena deve ser pautada em relações mais consolidadas com os princípios e valores de cada sociedade indígena”. (GRANDO, s/d, p.2). Vale citar uma vez mais a autora supramencionada, com vistas a compreender melhor os conceitos centrais que devem balizar todo e qualquer projeto de educação escolar indígena:

A interculturalidade como um dos pilares da formação contínua do projeto com a educação escolar indígena tem sido um exercício permanente de tensionamento sobre nossos conceitos de educação, cultura e de interculturais em relações étnico-raciais tão complexas como as que vivemos no Brasil. (GRANDO, s/d, p.2).

A interculturalidade como princípio educativo pressupõe a implementação de ações de ensino, que filiadas às tradições socioculturais diversas entre si, deem conta de priorizar o respeito mútuo, o reconhecimento ao modo de vida diferente de ver e viver no mundo, a aceitação das manifestações identitárias diversas e plurais.

Figura 9 - Foto representativa do ancião narrando rituais do Povo Xavante para os alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê.



Fonte: Utebrewê Xavante, 2018.

Em nossas atividades escolares sempre são convidados os anciãos e lideranças para relatarem a história do nosso povo A'uwê Xavante, para poder dialogar com os alunos (as), para ouvirem o seu ponto de vista sobre os territórios, fiscalização das suas terras já demarcadas, entre outros assuntos. Os anciões, que são grandes conhecedores do cerrado, da mata e de todos os recursos da natureza, contam as histórias e mitos para as crianças no cotidiano escolar, para eles depois poderem compartilhar a vida e os conhecimentos com as pessoas, de fora da aldeia inclusive.

Figura 10 - Foto do Ritual Xavante Dança dos Adolescentes.



Fonte: Caimi Waiassé Xavante, 2018

A seguir, as figuras 11 e 13 representam momentos de intercâmbio cultural com alunos de colégios privados do estado de São Paulo que todo ano fazem intercâmbio intercultural em nossa aldeia. Ressalto que nestes momentos eu noto o entusiasmo, a alegria e o empenho dos nossos jovens em participar dos rituais da Cultura Xavante. No meu entendimento, devemos usar essas ocasiões para explorar o caráter pedagógico dos nossos rituais, reforçando assim nos jovens o sentimento de pertencimento à nossa tradição cultural Xavante.

Figura 11 - Foto representando um momento intercâmbio cultural vivenciado na aldeia.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2021

Anualmente, durante cinco dias, vem até a nossa aldeia *Êtênheritipá* para um estágio convivência, um grupo de jovens estudantes do ensino médio do colégio particular Santa Cruz da cidade de São Paulo, e ter a oportunidade de conhecer o cotidiano A'uwê, e de participar de alguns rituais da cultura Xavante. Esta convivência intercultural é organizada pela associação da aldeia em parceria com uma agência de turismo.

Figura 12 - Foto dos alunos da Primeira turma de Ensino Médio da E.E.I.E.B.Samuel Sahutuwê



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2021.

Esta é a primeira turma de Ensino Médio na E.E.I.E.B.Samuel Sahutuwê, aldeia *Êtênheritipá*. Essa turma foi muito especial, porque eles entenderam a importância de continuar estudando para serem futuros líderes e professores. Agora alguns estudantes continuam seus estudos fazendo vestibulares.

Figura 13 - Foto representando a socialização entre estudantes não indígenas com a comunidade.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2018

A equipe do Ponto de Cultura Apowê, em sua maioria é constituída por estudantes que executam as atividades de filmagens dos rituais, só no ponto da aldeia estabelecido pelos anciãos para produção de registros da dinâmica da cultura do povo A'uwê – Xavante durante o rito de furação de orelhas dos adolescentes, ritual da corrida da tora de buriti e outras cerimônias.

3. DA LUTA TERRITORIAL À MANUTENÇÃO DAS TRADIÇÕES SOCIOCULTURAIS XAVANTE

3.1 As lutas pela (re)conquista dos territórios é a condição primeira das demais garantias

A descoberta do ouro, na então província de Goiás, nas décadas finais do século XVII e início do século XVIII, traz profundas consequências do ponto de vista do mundo da vida dos Xavante. Este período marca a chegada de mineradores, bandeirantes, colonos e missionários que pressionaram as populações indígenas, provocando conflitos entre elas e os novos habitantes.

Conforme Welch *et al* (2013, p.55)

A história do povo Xavante tanto a documental como aquela baseada em registros orais, indica que ocorreu uma série de divisões e migrações desde a época em que eles viviam na Província de Goyaz (sic), nos séculos XVIII e XIX, até os dias de hoje.

Ainda na esteira de Welch *et al* (2013), ao chegar no território do atual estado de Mato Grosso, o povo Xavante sofreu um processo de disputas políticas internas, que facilitou o domínio por parte da sociedade ocidental. O autor cita dois fatores mais importantes do ponto de vista da subjugação dos Xavante em relação aos representantes da sociedade ocidental, a saber: a) os conflitos, tanto na dimensão interna, e principalmente, com os colonizadores não indígenas, que desde o século XVII promoveram incursões aos territórios indígenas com vistas a busca de ouro e metais preciosos; b) as epidemias que não só dizimaram os Xavante como contribuíram enormemente para desestimulá-los a empreenderem as lutas necessárias para defenderem seu território.

A esse respeito, Welch *et al* (2013, p. 56) lembra das constantes perseguições às quais foram submetidos os Xavante: “Perseguidos e sofrendo os efeitos devastadores de epidemias, dois grupos que viviam na região do Rio Couto de Magalhães refugiaram-se com os salesianos nas missões de Sangradouro e Merure”. Fato semelhante ocorreu com os Xavante que habitavam a parte sul, a saber, as terras indígenas hoje correspondentes a Pimentel Barbosa e Wedezé: “muitos grupos Xavante do leste, e posteriormente do sul de Pimentel Barbosa e Wedezé, passaram por divisões e realocações devido a pressões de doenças e dos conflitos.” (WELCH *et al*, 2013, p.56).

Nesta mesma linha de raciocínio em documento histórico produzido em 2019, intitulado “Relatório – Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2018”, o CIMI - Conselho Indigenista Missionário alerta para a reincidência de uma prática que remonta a “mais de 150 anos de tutela legal do índio”. No capítulo IV do referido documento, Marcelo Zelic (2019, p.143) faz notar que o interesse maior dos poderes constituídos diz respeito a usurpação das terras indígenas, por isso a adoção da estratégia de continuar ainda hoje com a tutela:

Reinterpretar um direito assentado no ordenamento jurídico, como o direito originário, em desfavor dos povos indígenas é agir como agiram os inúmeros tutores ao longo de mais de 150 anos de tutela legal do índio. E que, ao longo da história, cometeram inúmeros crimes de tutela, muitos deles definidos também como crimes contra a humanidade, por provocarem o deslocamento forçado dos povos de suas terras, com claro interesse econômico sobre elas. (ZELIC, 2019, p.143).

É importante lembrar que a forma de tutela contemporânea se expressa de um modo bem mais sofisticado, a saber, através da negação de direitos: a não demarcação e homologação de terras indígenas, ao processo próprio de ensino aprendizagem, e por fim a grande importância nesses tempos de pandemia, ao negar o direito à saúde. A única forma dos povos indígenas atuarem firmemente contra o processo institucionalizado de usurpação das suas terras, consiste em empreender uma luta constante de defesa do espaço territorial que lhes pertence desde tempos imemoriais.

Cabe citar aqui dois casos emblemáticos, a Demarcação contínua da Terra Indígena Raposa Serra do Sol e a Desintrusão da Terra Indígena Marãiwadsédé. Dentre outros teóricos que concebem a luta como modo de superação dessa situação de perda do direito originário dos povos indígenas aos seus territórios tradicionais, cabe citar aqui Santos (2019, p. 118):

Os processos nos quais se inserem as conquistas, em espaços concretos de disputas e lutas políticas, precisam ser analisados enquanto parte da territorialização do capital, que traz em seu bojo, em geral, a consequente desterritorialização dos povos indígenas e, em alguns casos, como dos Xavante que aqui analisamos, a reterritorialização. No contexto desta pesquisa, em que objetivamos explicitar a contribuição a luta e articulação dos povos e do Movimento Indígena para assegurarem seus territórios tradicionais, a experiência de luta dos Xavante da TI Marãiwatsédé se faz ilustrativa.

Tanto no caso da Demarcação Contínua da Terra Indígena Raposa Serra do Sol pertencente originariamente aos povos indígenas Ingariós, Macuxi, Patamonas, Taurepangues, Uapixanas, quanto no processo da Desintrusão da Terra Indígena Marãiwadsédé, do povo Xavante, a tomada de consciência e luta conjunta dos atores envolvidos foi fundamental para que os respectivos povos indígenas envolvidos nos dois processos supramencionados obtivessem, até o momento, êxito em seu pleito. Porém, há que se destacar a insistência de parte

das autoridades constituídas, que a todo momento, buscam encontrar meios jurídicos para tentar anular os respectivos processos.

É o caso da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, que, pasmem todos, está tendo o seu processo questionado por autoridades federais, que sob a tese antiquada do integracionismo, sustentam a necessidade de revisão do processo com vistas a “integrar o índio” à sociedade envolvente. Como demonstrado em brilhante matéria intitulada “**Raposa Serra do Sol: A questão de honra do general Augusto Heleno**: Quais são os interesses por trás da proposta de revisão da demarcação da Terra Indígena localizada na Amazônia”, assinada pelo competente jornalista Leonardo Fernandes, 18 de dezembro de 2018, no jornal Brasil de Fato. O referido autor destaca que, em que pese o STF – Supremo Tribunal Federal, ter prolatado a sentença definitiva em favor da Demarcação Contínua daquela TI em 2009, as autoridades federais constituídas em 2018 estão envidando todos os esforços para anular tal decisão. Leonardo Fernandes reverbera uma fala do presidente Jair Bolsonaro a respeito da tese da necessidade de a TI Raposa Serra do Sol ser explorada:

Nesta segunda-feira (17), o presidente eleito Jair Bolsonaro defendeu que a área da reserva indígena Raposa Serra do Sol seja explorada. ‘É a área mais rica do mundo. Você tem como explorar de forma racional. E no lado do índio, dando *royalty* e integrando o índio à sociedade’, disse Bolsonaro na saída de um evento de inauguração de um colégio militar, no Rio de Janeiro. (BRASIL DE FATO, FERNANDES, 2018, p.2).

Essa questão demonstra com toda a nitidez a necessidade de haver uma ação articulada e intransigente em defesa das TIs, de norte a sul, de leste ao oeste, sob pena de vivenciarmos um cenário de completo desrespeito aos direitos originários dos povos indígenas. A rigor, isso vale, igualmente, para as demais questões que afetam os povos indígenas, tais como saúde, educação, enfim, tudo que diz respeito ao seu patrimônio material e imaterial.

3.2 Terra Indígena Pimentel Barbosa: meu mundo, meu lar

As delimitações do território tradicional de uso dos A’uwẽ se intensificam a partir do século XIX, quando esse povo adentra mais a região central do Brasil. A Terra Indígena Pimentel Barbosa localizada nos municípios de Canarana e Ribeirão Cascalheira, onde residem os descendentes de Apowẽ, atualmente, possui dezenove aldeias, dentre as quais destacamos: Aserere, Pequi, Reata, Caçula, Tanguro, Pimentel Barbosa, *Êtênhiritipá*, Belém, Novo Paraíso, Wedeze, Wede’rã, São Domingos, São Joaquim, Santa Matinha, Santa Cruz, Santa Vitoria, Mãe Maria, Maria de Jesus e Boa Vida.

Do ponto de vista da língua, os Xavante fazem uso da Língua Materna quando estão conversando entre si, nas ocasiões do cotidiano. Já do ponto de vista das relações interpessoais com os não indígenas, as conversas são realizadas através do uso da Língua Portuguesa, na forma como a compreendem e a usam.

Do mesmo modo, isso ocorre nas relações de natureza didático-pedagógicas no ambiente de aprendizagem da educação escolar formal. É bastante comum, por exemplo, os anciãos serem convidados pelos professores para relatarem mitos, rituais de passagem para os alunos. Os anciãos fazem seus relatos na Língua Materna, ou seja, Xavante, o(a) professor(a) faz a transcrição para a Língua Portuguesa.

Assim, o processo de ensino e aprendizagem é realizado no encontro dessas duas línguas, Xavante e Português, que promovem um enriquecimento do vocabulário dos alunos. Isso traz reflexo, do ponto de vista das práticas discursivas, quando os alunos penetram no ambiente virtual das redes sociais digitais. Nesse contexto, os empréstimos linguísticos que são realizados no momento do manuseio das tecnologias de informação impressas no aparelho celular trazem um impacto no processo formativo dos alunos. Mas isso não cabe investigar no contexto desta pesquisa, quiçá em outro momento terei oportunidade de tratar dessa questão.

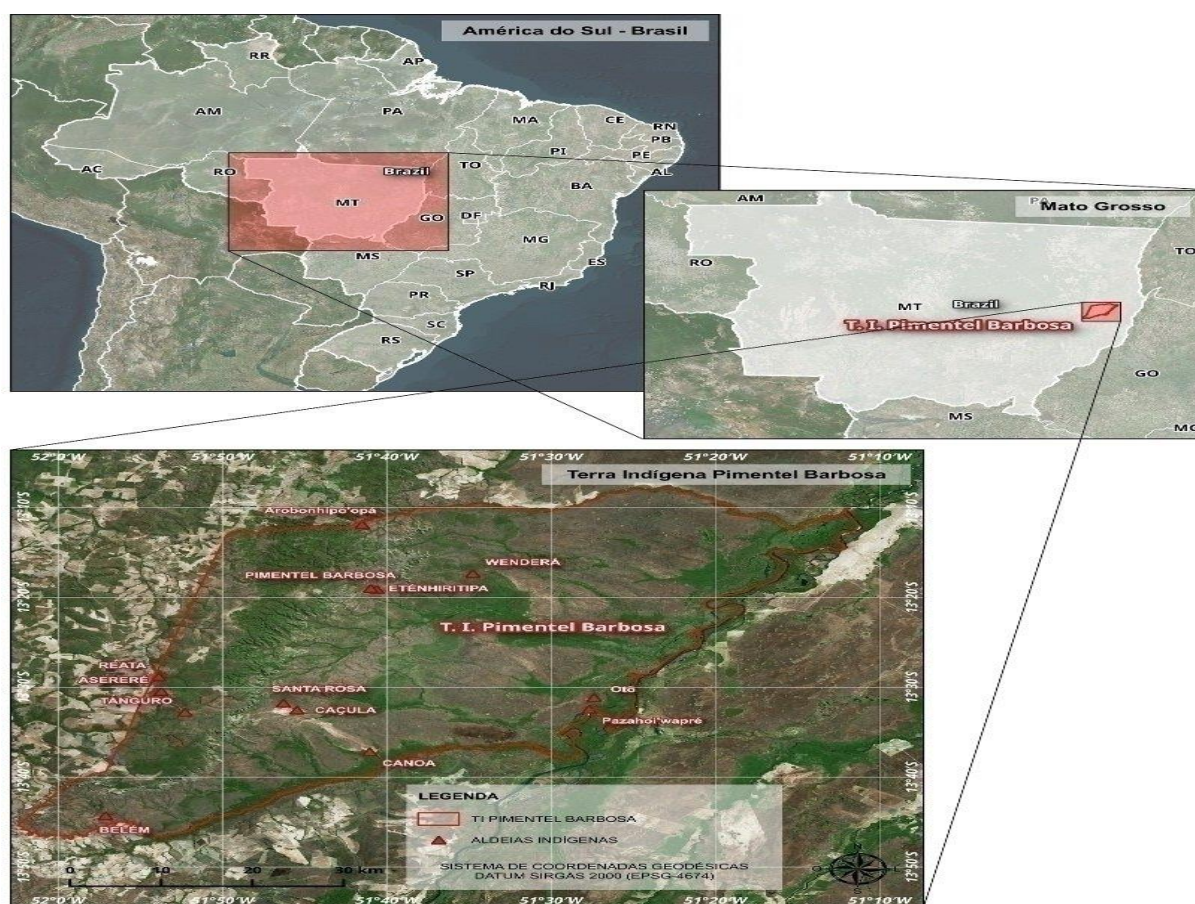
Sabemos que a Língua Xavante é o canal de comunicação mais corriqueiro utilizado nas relações interpessoais no espaço da aldeia, e as gerações mais jovens, ao se apropriarem de um universo vocabular próprio das práticas linguísticas originadas das mídias digitais, principalmente celular e televisão, estarão dispostas a aprender a nossa Língua Materna? É uma questão crucial com a qual a escola tem de se preocupar. Aqui também, cabe ressaltar, que por ocasião da presente pesquisa, por questão de tempo e espaço não há como me aprofundar nesta questão.

O povo Xavante da Terra Indígena Pimentel Barbosa, desde o contato, “vem ouvindo” e “falando a seu modo” a Língua Portuguesa, tem acesso à tecnologia dos não índios, principalmente, a tecnologia audiovisual. Essas ferramentas estão sendo utilizadas para reivindicar politicamente nossos direitos, mostrar os costumes dentro e fora da aldeia e para manter registrada a cultura para as futuras gerações. Com a instalação da energia do projeto do governo *Luz para Todos* (2011), houve uma significativa mudança em nosso modo de vida. Com o acesso fácil aos artefatos tecnológicos, a comunidade das aldeias tem agora televisão, aparelho de som, máquina fotográfica, filmadora, computadores e celulares, o que faz com que as palavras usuais de Língua Portuguesa, principalmente as que nominam objetos e ações, têm sido usadas com bastante frequência na rotina das comunidades Xavante. Empréstimos de

palavras vêm transformando rapidamente e, inconscientemente, o jeito de ser Xavante. Disso surge a necessidade inadiável de estabelecer estratégias pedagógicas e/ou educativas com o objetivo de preservar aspectos fundamentais da cultura Xavante. Avalio que um bom começo consiste no uso do audiovisual para fortalecer os rituais Xavante narrados pela voz dos anciãos.

Bem, isso será descrito no Caderno Pedagógico que é o resultado denominado como Produto Educacional. A rigor, cabe destacar que os vídeos produzidos servem como material didático para a Sala do Educador na formação continuada dos professores e também para serem utilizados nas aulas da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê, conforme demonstrado na figura 9, que consta na página 39.

Figura 14 - Mapa do Brasil com destaque da localização da TI Pimentel Barbosa



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-de-localizacao-Terra-Indigena-Pimentel-Barbosa_fig1_346940778. Acesso em 20/09/2022.

Figura 15- Foto panorâmica tirada de cima da Serra do Roncador -Êtênhiritipá Serra Sagrada



Fonte: Utebrewê Xavante, 2022

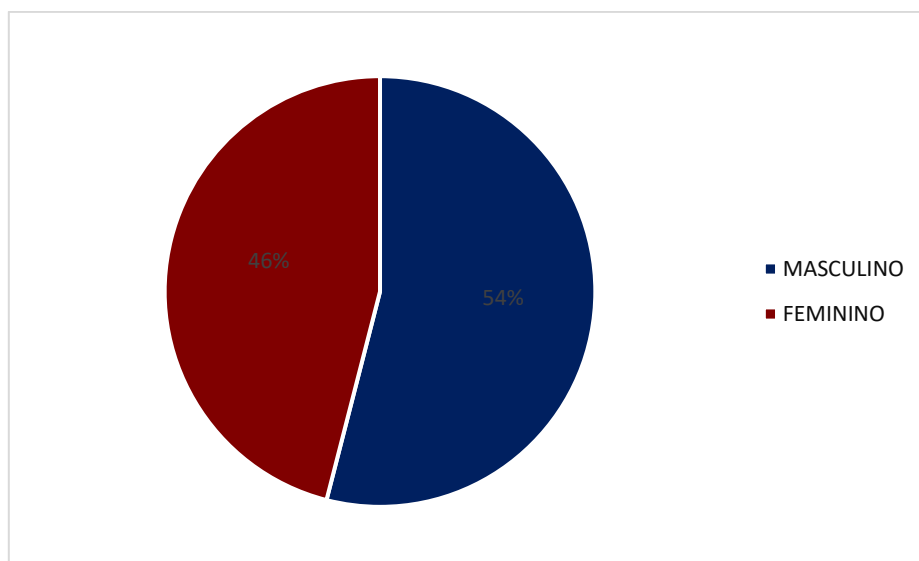
A Serra do Roncador simboliza o local sagrado, que por sua vez, representa o surgimento do povo Xavante. Todo ano no início do segundo semestre letivo (mês de agosto) toda a comunidade, incluindo a comunidade escolar, sobe à Serra Sagrada para que os anciãos relatem para os alunos a importância e significado da referida serra para a nossa cultura Xavante. A Serra Êtênhiritipá fica localizada aproximadamente um quilômetro da aldeia Êtênhiritipá.

4 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este quarto capítulo é reservado para a análise e a discussão dos resultados que emergem das entrevistas realizadas com os estudantes da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê no dia 14/12/2021. Ao todo foram entrevistados 25 (vinte e cinco) alunos dos três anos do Ensino Médio, sendo 14 (treze) rapazes e 11 (doze) moças, com idade entre 15 a 17 anos (Gráfico 1). As perguntas foram elaboradas na modalidade semiestruturada. Primeiramente, escrevi as sete questões no quadro e os alunos e alunas copiaram em folhas de papel sulfite. Cada pergunta foi lida pausadamente e comentada por mim e pelos alunos e alunas de modo a esclarecer o seu contexto para garantir uma melhor qualidade das respostas elaboradas. Ato contínuo, os 25 (vinte e cinco) respondentes transcreveram suas respostas, que me foram sendo entregues após o término da ação. Utilizei o *notebook* para fazer a transcrição das respostas recebidas. A maioria dos respondentes utilizou-se da Língua Materna para elaborar as suas respostas. Desse modo, procurei manter a originalidade das respostas, transcrevendo primeiramente em Língua Materna, e em seguida, em Língua Portuguesa. E por fim, cabe destacar os apontamentos e as entrevistas que fiz na condição de observação participante em meu caderno de campo com três pais de alunos, que também são importantes lideranças Xavante, retratados na parte final desta seção.

De parte dos alunos, foi preservado o sigilo identitário dos respondentes e das respondentes, foi utilizado o expediente de nomes fictícios com as letras do alfabeto, restando deste modo a denominação respondente A, B e assim sucessivamente.

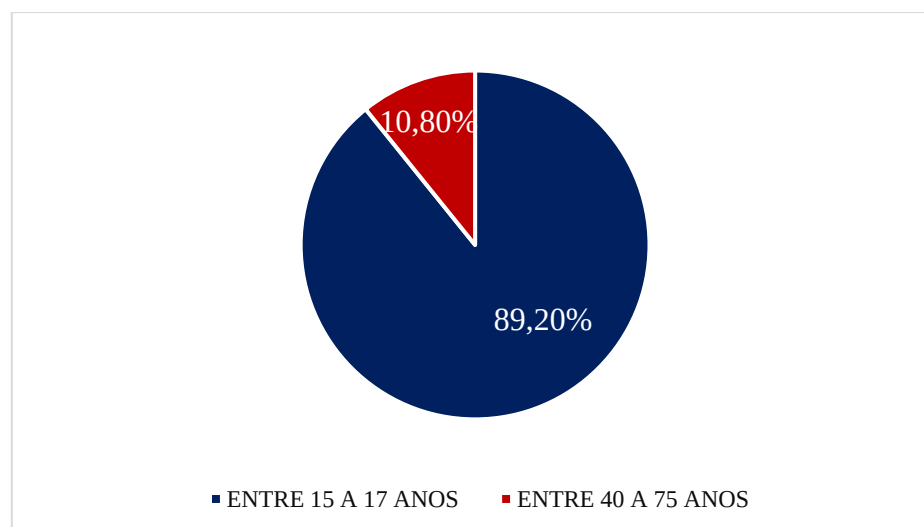
Gráfico 1 - Identidade de Gênero dos entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa de Campo realizada pelo autor, 2021.

A análise das matrículas dos(as) alunos(as) da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê levando-se em conta a Identidade de Gênero dos mesmos tem revelado um quadro de relativo equilíbrio entre meninos e meninas. Assim, o universo dos(as) alunos(as) que foram entrevistados em nossa pesquisa de campo é constituído por 54% (cinquenta e quatro inteiros por cento) cuja identidade de gênero é constituída por meninos e 46% (quarenta e seis inteiros por cento) é composto por meninas. Esses dados foram extraídos das matrículas referentes aos três anos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê do ano letivo 2021.

Gráfico 2 - Idade dos entrevistados

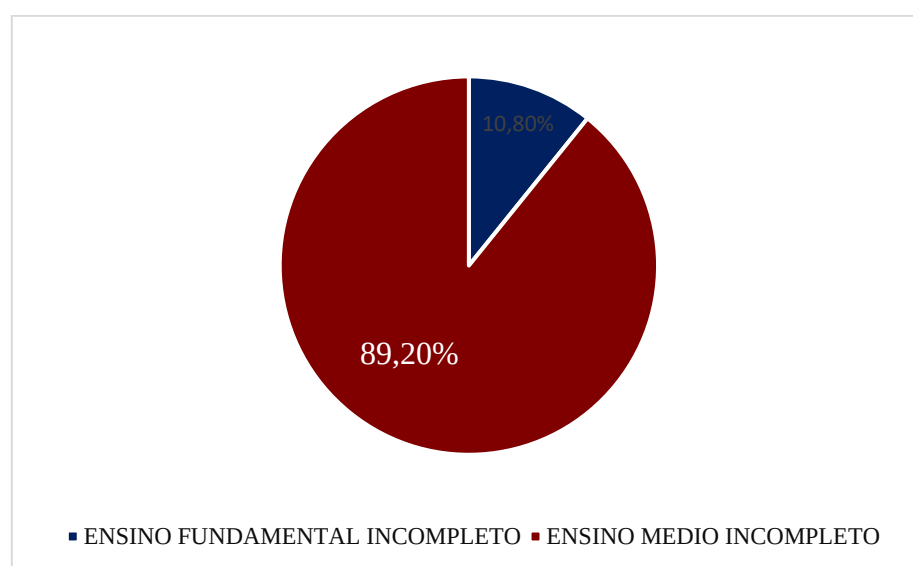


Fonte: Dados da pesquisa de Campo realizada pelo autor, 2021.

Do ponto de vista da estratificação por faixa etária, os entrevistados foram divididos em duas amplas faixas, a saber, idade entre 15 a 17 anos, que se refere aos alunos e alunas da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê, matriculados(as) no ano letivo 2021 nos três anos do Ensino Médio, que corresponde a 89,20% (oitenta e nove inteiros e vinte centésimos por cento). A segunda faixa etária é composta por pais, mães, lideranças, que corresponde a idade entre 40 a 75 anos, que equivale a 10,80% (dez inteiros e oitenta centésimos por cento). Há que se fazer uma menção a amplitude etária desta segunda faixa em função do baixo número de atores entrevistados, a saber. 3 (três) atores. Como já mencionado, a pandemia impediu a realização efetiva de todas as entrevistas previamente planejadas para este universo de entrevistados. Ou isto dito de modo ainda mais explícito,

inicialmente houve a previsão de entrevistar todos os pais e as mães dos alunos e alunas matriculados nos 3 (três) anos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwẽ em 2021. Porém, em função do cenário epidemiológico provocado pela pandemia da Covid-19, houve a necessidade de serem estabelecidas medidas de distanciamento físico e social no âmbito da comunidade da Terra Indígena Pimentel Barbosa, a qual pertence a Aldeia *Ėtênheritipá*. Assim, se fez necessário promover uma drástica redução no universo de atores entrevistados neste extrato.

Gráfico 3 - Grau de escolaridade dos entrevistados

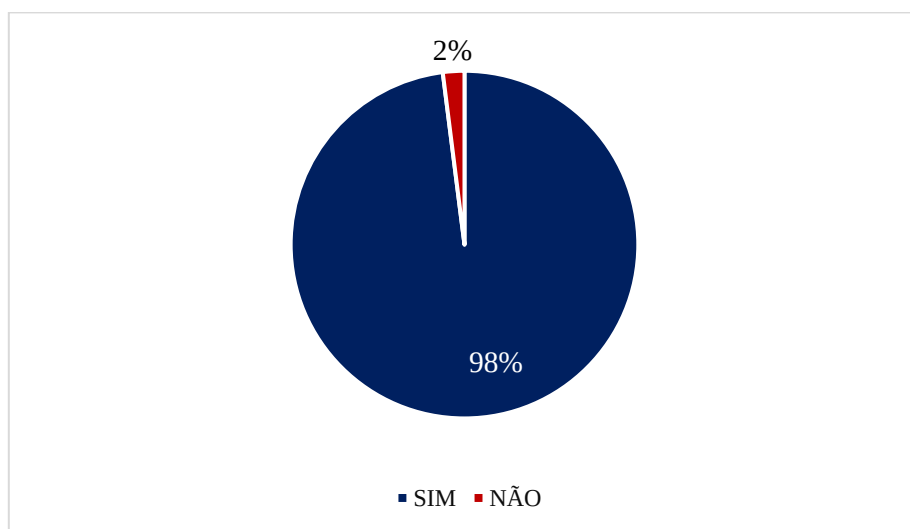


Fonte: Dados da pesquisa de Campo realizada pelo autor, 2021.

No que se refere ao grau de escolaridade, os entrevistados e entrevistadas foram divididos em duas categorias, sendo eles o Ensino Fundamental incompleto, que é representado na pesquisa por 10.80% (dez inteiros e oitenta centésimos por cento) composto pelos atores denominados mães, pais de alunos e lideranças. E 89,20% (oitenta e nove inteiros e vinte centésimos por cento), que se refere aos alunos e alunas da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwẽ, matriculados e matriculadas no ano letivo de 2021.

4.1 - Análise e interpretação das respostas dos alunos e alunas

Gráfico 4 - Representação do percentual de respondentes que mencionaram aspectos da cultura Xavante em suas respostas



Fonte: Dados da pesquisa de Campo realizada pelo autor, 2021.

Conforme o gráfico, 98% (novenas e oito inteiros por cento) dos respondentes mencionaram, mesmo que genericamente, que utilizam os artefatos audiovisuais para observar aspectos da nossa cultura. Cabe lembrar que foram selecionadas para a análise àquelas respostas cujos respondentes mencionam questões relacionadas à nossa tradição cultural Xavante.

Os próprios estudantes em suas respostas demonstram na prática a interculturalidade, quando manifestam explicitamente que usam as tecnologias audiovisuais para ter acesso as questões relacionadas aos cerimoniais próprios da cultura Xavante, bem como para assistirem filmes, novelas, noticiário e jogos de futebol, etc.

Atualmente, muitas aldeias localizadas nas terras Xavante já estão com estrutura de luz elétrica, saneamento básico, mesmo com as casas tradicionais, de madeira e palhas de indaiá, que é uma espécie de palmeira cuja altura pode alcançar até 25m (vinte e cinco metros). As casas são abastecidas com geladeiras e freezer para manterem a água gelada, o refrigerante, a cerveja, frango e carne de vaca, e também para conservar as carnes de caça tais como, queixada, veado, tamanduá caçados no cerrado e na mata, e os peixes pescados em rios e

lagos. A maioria dos aparelhos eletrônicos domésticos são comprados pelas mulheres, mas os eletrônicos, como televisão, celulares na maioria são comprados pelos jovens nas lojas da cidade ou mesmo em lojas virtuais.

Na aldeia *Êtênheritipá*, TI Pimentel Barbosa, são 468 pessoas, distribuídas em 38 casas tradicionais, feitas de madeira com cobertura de palha de indaiá. Em minhas anotações no caderno de campo, apontei que existem na aldeia 18 casas com televisões e antenas parabólicas. Em meu caderno de campo, anotei também que existem 20 celulares adquiridos pelos jovens, e três caixas de som da escola. Os programas televisivos são assistidos por todos os membros das famílias, em que pese a complexidade impressa na linguagem televisiva, assistem a programação para poder ouvir e aprender a Língua Portuguesa. Observei que as crianças gostam de imitar as falas, os movimentos dos personagens dos filmes e dos atores das novelas.

Por outro lado, observei também, que no momento das gravações de vídeos de cerimoniais da nossa cultura, a absoluta maioria das pessoas participam e/ou ficam horas e horas acompanhando. E após o encerramento das gravações, notei que as pessoas fazem comentários acerca do desempenho dos participantes nos rituais. Na aldeia *Êtênheritipá*, alguns jovens usam o celular para fazer a transmissão ao vivo das atividades culturais da aldeia. Ou seja, os jovens usam estes aparelhos para fazer vídeos a respeito das tradições Xavante. Antes da chegada da *internet* na aldeia, a conexão só era possível quando íamos às cidades ou vilarejos, desse modo os jovens se conectavam às redes sociais, o que permitia a comunicação e divulgação dos nossos rituais. Atualmente, as escolas indígenas têm *internet*, computadores e *notebook*, e as filmadoras digitais. Cabe ressaltar que a absoluta maioria dos habitantes das aldeias também possuem celulares, filmam e fotografam seus cotidianos, danças, cantos, caçadas, reuniões de lideranças indígenas, e não indígenas, e fazem edições de vídeos e áudio da cultura A'uwẽ Uptabi (Xavante).

Depois das estruturações das escolas indígenas com as tecnologias digitais, os anciãos estão sempre perto dos jovens para observar atentamente as coisas que a juventude está fazendo com tantas tecnologias audiovisuais ao seu dispor. As transformações estão sendo rápidas, os impactos que estão ocorrendo nas aldeias são motivo de preocupação dos anciões, principalmente, em relação a perda da língua e das nossas práticas culturais tradicionais. Por isso, os anciãos estão buscando entender como estes jovens podem se adaptar as tecnologias, em especial as filmagens nas aldeias com o objetivo de fazer edições digitais às suas necessidades e desejos de mostrar a cultura A'uwẽ Uptabi (Xavante), sempre respeitando as regras culturais.

Mas o que tem me preocupado é o fato de a tecnologia acabar por promover uma verdadeira disruptura em relação aos aspectos sagrados da nossa tradição cultural, pois tenho notado que aqueles que possuem o celular acham mais importante registrar do que participar ativamente das nossas manifestações culturais. A rigor, Han (2020, p.6) deixa claro que o abandono dos ritos traz como consequência o rompimento do elo responsável pela unicidade e pela simbologia, que resultam em fatores agregadores fundamentais do pertencimento étnico. Isso é reverberado nas respostas que foram dadas pelos respondentes (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K). Cabe ressaltar que a análise será feita com base no bloco de respostas que contêm elementos comuns em suas abordagens.

Respondente A

E niha ama i'rosara dahã TV duré dasimahōroze zemna hã asōrowa 're hã? Qual é a importância da TV e do celular, na sua casa? Nós assistimos a televisão diariamente, a TV nos alegra com as imagens. E também assistimos as filmagens da nossa cultura. E agora temos celular também, que podemos fazer bastante coisa, principalmente fazer ligações distantes para poder ter notícias das pessoas. Eu sempre assisto na televisão as filmagens da nossa cultura, cantos, danças e também as notícias, são estas coisas que eu assisto na televisão.

Respondente B

As mudanças da nossa cultura estão sendo muito rápidas, por isso não está tendo tempo de pensar. E agora só estamos pensando e vivendo com as coisas dos não indígenas.

Respondente C

As imagens que não são permitidas para as crianças e para os jovens, são filmes pornográficos, são estes filmes que não são permitidos. Só são permitidos os desenhos animados, filmes educativos e as filmagens da nossa cultura para estas crianças e os jovens de assistirem.

Na aldeia *Êtênhiritipá* com a chegada da energia durante as 24 horas do dia, a comunidade vem mudando seu cotidiano. As pessoas compraram seus utensílios domésticos, televisão, celulares, caixa de som, freezer, geladeira, para suas casas e famílias. Este comportamento vem mudando rapidamente o modo de vida na aldeia, como os horários de dormir, tomar banho no córrego, e também afeta diretamente o trabalho na roça de toco. E principalmente, venho observando que a participação dos jovens nos rituais vem sendo afetada. A comunidade vem assistindo muito a televisão, vários programas, principalmente as novelas. E também vêm utilizando outras tecnologias como o celular, computadores onde acessam a *internet* para se manterem informados dos fatos ocorridos em outras aldeias e regiões do Brasil.

É o que revela a resposta da respondente D, explicitada abaixo.

Respondente D

O povo Xavante tem televisão atualmente para assistir as imagens, principalmente as próprias imagens. E também as imagens dos não indígenas para assistir e ouvir a Língua Portuguesa. E também temos em casa agora celular. Com celular além de fazer ligações para os lugares distantes, podemos ter informações das pessoas, e podemos usar vários aplicativos também.

Nota-se nesta fala a presença da Língua Portuguesa como elemento mediador dos eventos comunicativos do povo Xavante. Conforme explicitado por Mehinako (2016, p.16), a presença da língua portuguesa no contexto de convívio dos povos indígenas se dá mais fortemente via “introdução dos aparelhos tecnológicos” no modo de vida indígena.

Respondente E

Cabe reportar a resposta do respondente E que corrobora com a questão em tela, ao explicitar que:

Nós assistimos a televisão diariamente, a TV nos alegra com as imagens. E também assistimos as filmagens da nossa cultura. E agora temos celular também, que podemos fazer bastante coisas, principalmente fazer ligações distantes para poder ter notícias das pessoas.

Assim o ocorre também com o respondente F, que incitado a se manifestar sobre a presença e o uso dos artefatos audiovisuais, respondeu:

Respondente F

Eu sempre assisto na televisão as filmagens da nossa cultura, cantos, danças e também as notícias, são estas coisas que eu assisto na televisão. E também gosto de mexer no celular para fazer filmagens da nossa cultura, gosto de jogar, são estes aplicativos que têm no celular que sempre uso.

Nota-se aqui na resposta do respondente F, ao ser incitado a se manifestar a respeito de eventuais mudanças comportamentais provocadas pela presença dos artefatos audiovisuais no contexto do mundo da vida do povo Xavante, expressou-se a respeito das consequências que ocorrem em relação às mudanças no modo de vida Xavante, que impacta as relações interpessoais.

Respondente G

As mudanças da nossa cultura estão sendo muito rápidas, por isso não está tendo tempo de pensar. E agora só estamos pensando e vivendo com as coisas dos não indígenas.

Igualmente, do ponto de vista da compreensão do respondente G, **torna-se** bem explícita a mesma preocupação a respeito da cultura Xavante, que está passando por esse processo de contato inarredável com aspectos da cultura judaico cristã ocidental.

Severia Maria Idioriê Xavante em sua dissertação de mestrado (2016) intitulada “Linguas e Educação Intercultural na Formação de Professores A’uwê” propõe uma análise das questões culturais com base nos conceitos de dominação e de poder desenvolvidos por Norbert Elias em sua obra Os Estabelecidos e os Outsiders, na qual a referida autora propõe a seguinte análise:

[...] as relações de dominação e de poder em Winston Parva nos mostra como essas relações são produzidas e a relação simbólica existente nestas relações de poder. Ele percebe que as diferenças identitárias existentes não nascem com as pessoas, elas são produzidas socialmente e historicamente; portanto, há a necessidade de olhar com atenção a configuração das relações de poder e as culturas estabelecidas na escola ou na educação escolar indígena. Essa análise permite a construção de processos educacionais que valorizem o ser humano e as manifestações culturais diferentes da ordem vigente, além de possibilitar trabalhar as diferenças de visão de mundo e as pessoas que as constroem. (IDIORIÊ-XAVANTE, 2016, p.54).

Respondente H

As imagens que não são permitidas para as crianças e para os jovens, são filmes pornográficos, são estes filmes que não são permitidos. Só são permitidos os desenhos animados, filmes educativos e as filmagens da nossa cultura para estas crianças e os jovens de assistirem.

Respondente I

Eu sempre assisto e ouço o não indígena falando a língua dele, para poder aprender. E também assisto filmagem da nossa cultura. E o aparelho celular, eu gosto de mexer tem muita letra, posso escrever as mensagens, sempre aprendo com este aparelho.

O respondente I vincula a questão da presença dos artefatos audiovisuais no contexto do mundo da vida Xavante a questão da aprendizagem.

Respondente J

Eu penso assim sobre o aparelho de TV, quando estamos tristes, gosto de assistir as filmagens da gente (Xavante). E sobre o aparelho de celular, eu penso que é muito bom, porque podemos fazer ligação, quando precisamos. Fazemos ligações para avisar ou ter informações das famílias.

Ahã mato ama i’rosara wahöimana zemna tete ama isaprina hã? Você está percebendo alguma mudança de comportamento da comunidade?

Respondente K

Sim, concordo, mudou a nossa cultura, mas ainda não acabou com o nosso ritual, cerimônias continuamos praticando.

Ao estabelecer um parâmetro comparativo da resposta do respondente K com as análises ensejadas por Campbell (1991), vejo um fator de suma importância: “Há duas ordens de mitos. Os grandes mitos, como o da Bíblia, por exemplo, são os mitos do templo ou dos grandes rituais sagrados. São explicativos dos ritos por meio dos quais as pessoas vivem em harmonia entre si e com o universo. É normal o entendimento dessas histórias como alegóricas”. (CAMPBELL, 1991, p.64).

Nesta resposta, evidencia-se com toda nitidez a concepção explicitada por Han (2020) ao asseverar que “*ritos de passagem - os grifos constam no original -*, estruturam a vida como se fossem suas estações. Quem cruza um limiar completa uma fase vital e entra em uma nova. Os limiares, como transições rítmicas, articulam e até narram o espaço e o tempo”. Para o autor, os ritos introduzem simbolicamente os sujeitos em uma dimensão marcada por “uma profunda experiência de ordem”. (HAN, 2020, p.33).

Aqui também vêm a calhar as análises empreendidas a este respeito por Clifford Geertz (2011) em “A interpretação das culturas”, ao asseverar que:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2011, p.4).

Ou seja, cumpre às lideranças, pais, mestres, pajés e caciques, se ocuparem, de um ponto de vista pragmático, com as implicações possíveis frente a um cenário cada vez mais plausível de encontro e desencontro havido entre as manifestações culturais Xavante com a cultura judaico cristã ocidental. Nesse sentido, cabe analisar as impressões de pais (mães) de alunos, na condição de lideranças, a respeito da incursão dos artefatos audiovisuais da sociedade envolvente no contexto das nossas vidas nas aldeias.

4.2 Análise das entrevistas mães, pais de alunos e lideranças da comunidade

A seguir, farei uma análise das respostas que abordam a questão da televisão como um artefato audiovisual que adentrou em nossos lares, no espaço da aldeia, e implementou uma significativa mudança no nosso modo de ser Xavante, a partir da visão de 3 pais, que também exercem algum tipo de liderança em nossa continuidade.

Para melhor fundamentar minha análise, cabe recorrer a profícua abordagem de Paes (2008) em sua tese de doutorado intitulada “Representações cinematográficas ‘ensinando’ sobre o índio brasileiro: selvagem e herói nas tramas do império” e mais uma vez, Campbell (1991) e Han (2020). Serão analisados os conteúdos impressos em minhas entrevistas e demais apontamentos que constam no meu caderno de campo colhidos a partir das anotações, por mim feitas, na condição de observador participante. Importa ressaltar que, em função do distanciamento social imposto em decorrência da pandemia, foi possível colher as informações de apenas três participantes. Foram entrevistados a senhora Parasé Xavante, e os senhores Jorge Protodi Xavante e Maurício Urawē Xavante. As falas relatadas aqui recebem a denominação mãe (A) e pai (B, C).

No diálogo com estes três atores as conversas versaram a respeito da influência e do impacto que a presença da TV e o uso do celular exercem sobre o modo de ser e de agir do povo Xavante.

Pergunta a mãe A. *Wahã ñnhõrõwa remhã ñré hã dasimahörö zé hã duré teréwizõ hã ñré hã?*. Qual é a importância da TV e do celular, na sua casa?

Na minha casa, temos celulares e também uma televisão. Eu, não gostei da mudança na nossa cultura, não é bom.

Segundo o ponto de vista desta entrevistada, a mudança que vem acontecendo sob o aspecto da cultura tradicional Xavante não pode ser recepcionada de modo acrítico e apressado, pois sabemos que uma mudança abrupta ocasiona um afastamento ou distanciamento do modo de ser Xavante. A rigor, sob os vários prismas de análise envoltos nesta questão, é plausível compreender que as mudanças em nossa cultura não podem ocorrer na linha do apagamento da nossa cultura. Cabe citar Kalhmann *et al* (2020, p.81), que assevera o seguinte: “Mas, também, envolve reconhecer a persistência e, em boa parte, a vitória no apagamento da cultura indígena brasileira e sobretudo a resistência destes povos originários na conservação de seus direitos culturais e linguísticos.” Cabe lembrar que o apagamento da cultura de um povo sofre a incursão de movimentos externos, ou seja, que ocorrem de fora para dentro da aldeia, e também por movimentos internos à aldeia. Nesse sentido, compreendo que a educação exerce um papel fundamental na preservação da cultura, conforme verificado na citação a seguir:

[...] processo violento de contato com a sociedade nacional brasileira, ocorrido no passado, que ocasionou muitas perdas culturais, por isso, será crucial identificar o movimento de (re)significação cultural que está registrado em narrativa, a fim de construir um confronto entre o ontem e o hoje. (COREZAMAE, 2018, p.9).

Pai (B) *Ĩhe tó wató ãma rosa 'rata wahöimana zemna te te ãma ĩsapri nahã taza hã hadu wahöimana zémna waré wató za'ra. Sim, já pensei na mudança da nossa cultura. Mas ainda mantemos a nossa cultura e ainda praticamos os nossos rituais e cerimônias.*

Wahã televisão na hã uburé dapódó wanasi amadö tiha iwesi, duré wahã dahörö zé zarina wanasi amadö. Sim, é muito ruim esta mudança da nossa cultura. Para povo Xavante não é bom, é ruim para a gente.

Ĩhe ropódó hã a'uté mahã iru zahi hã dató pótó si tãma iru zahi tiha iwazéde hã dapódó hã mazedí isawí zahi tiwí hã, ãne. Assistimos programas da televisão diariamente, também na televisão passamos para assistirmos as filmagens da comunidade Xavante. E com o celular usamos para várias utilidades, principalmente para fazermos ligações para outros lugares distantes para termos informações das famílias. E mari tenasi i'amadö aimã imadö zehã TV nahã duré dasimahöro zemna hã e mari aima iwasutuzé?).

Ĩhe tó wató ãma rosa 'rata wahöimana zemna te te ãma ĩsapri nahã taza hã hadu wahöimana zémna waré wató za'ra. Sim, já pensei nas mudanças da nossa cultura, mas continuamos fazendo nossos rituais, cerimônias.

Wahã televisão na hã uburé dapódó wanasi amadö tiha iwesi, duré wahã dahörö zé zarina wanasi amadö. Eu gosto mesmo de assistir vídeos de vários documentários de indígena e de não indígena, no aparelho de celular.

É importante estarmos bem atentos a presença de tais artefatos em nosso meio, pois como advertido por Han (2020), trata-se de dispositivos que impactam profundamente nossas vidas:

O *smartphone* - grifos no original - não é uma coisa no sentido que Hannah Arendt dá ao termo. Falta precisamente aquela mesmice que dá estabilidade à vida. E também não é especialmente durável. É diferente de coisas como uma mesa, que tenho diante de mim em si mesma. Seu conteúdo de mídia, que monopoliza continuamente nossa atenção, é tudo menos idêntico a eles. Sua alternância frenética não permite se demorar neles. O desconforto inerente ao dispositivo o torna um lixo. Também nos vicia e nos obriga a fazer uso dela, embora não devamos sentir que isso nos pressiona. (HAN, 2020, p.9).

Pai (C) *Televisão nahã wahã tenasi ĩmadö hã a'uwẽ pódó duré rowasu'u duré danhõre duré dasenhãre ãnorĩ hã wanasi 'ãmadö televisão nahã duré dahörö zem nahã tenasi iwasudu a'uwẽ pódó wanasi madö duré datóne na wanasi ãma' ĩto duré dadó na datoí re, ãnori hã dahörö zem nahã tere hõimana za'ra. Na televisão gosto de assistir jornais, músicas e os desenhos animados, gosto muito de assistir na televisão, também as filmagens das comunidades Xavante. E no celular mexo para filmar a nossa cultura, depois posso assistir, também jogo alguns jogos, no celular tem vários aplicativos.*

A'uwẽ uptabi tonahã wate ãma rosa'rata za'ra ôdi wamano zém nahã duré wahã te ãma rosa'rata ôdi warazu tenasi wa otó wamana za'ra. Nós não pensamos sobre a nossa cultura, as cerimônias, os rituais, entramos sem pensar na cultura dos não indígenas, agora vivemos com as coisas deles.

A rigor, Mendes (2013) propõe uma análise assertiva a respeito do conceito de “coisificação” com base nos pressupostos teórico de Georg Lukács, que dada a pertinência cabe citar abaixo:

A ‘raiz’ do homem se apresenta na própria produção da realidade, nas formas sociais reificadas. A reificação ou coisificação da realidade é fenômeno social no qual toda a realidade está sob a forma de relações fetichizadas, ou seja, o fetichismo da mercadoria é uma forma objetiva específica na qual a realidade transforma-se em coisa. (MENDES, 2013, p.33).

Sequenciando esta discussão, o autor faz a seguinte admoestação:

A ‘coisa’ é a característica social das relações humanas velada de maneira objetivante ou reificada, com a transformação em coisas naquilo que não são coisas e criando uma segunda natureza que não é a natureza determinada pelas leis físicas da causalidade, mas uma natureza referente às características sociais das relações de produção. (MENDES, 2013, p. 34).

Pai (C). Dahöbari hã a'uté wi ti isawi pe a'uréiwi pódó hã duré ritewa wiha tere madö'ö za'ra mono toda, tahawa a'uté tere imadö'ö za'ra mono toda, tahawa a'uté tere imadö'ö za'ra mono hã filme duré desenhare duré a'uwẽ pótó ãnori si tere madö'ö za'ra a'uté duré reteiwa hã. As imagens que são proibidas para as crianças e os jovens assistirem são filmes pornográficos. Agora as imagens que são permitidas as crianças e os jovens são filmes de desenhos animados e as filmagens da nossa cultura Xavante, são estas coisas que são permitidas para estas gerações.

Ao tomar como base de análise os escritos e ditos de Paes (2008), torna-se claro que não se trata, meramente, de analisar a questão sob o prisma da interdição. Trata-se de compreender esta complexa questão retratada na fala do Pai C à medida que “a ‘verdade’ ou a ‘realidade’ das narrativas fílmicas” têm o condão de produzir e fazer circular socialmente “versões de verdade, que poderão, ou não, inventar um novo modo de ver e representar o índio brasileiro”. (PAES, 2008, p.71). Ou isto dito de outro modo, para além de uma análise de caráter moralista, temos que compreender que dada a natureza e a função das narrativas fílmicas, a saber, como produtoras e/ou propagadoras de “regimes de verdades”, cabe aos pais, às lideranças e à escola estabelecer um diálogo constante para que as gerações Xavante mais jovens compreendam este fenômeno com toda a sorte de implicações que podem vir a acarretar as nossas tradições socioculturais.

A rigor, sequenciando a análise aqui ensejada a autora lembra que várias instituições, além da escola, são legitimadas para “transmitir” valores e “instituir verdades” com vistas a adequar os sujeitos a “determinados padrões”, na medida em que são variados os artefatos culturais que nos interpelam e moldam a nossa “subjetividade.” (PAES, 2008, p.64).

Pai C Wahã televisão nahãimana imadö'özé hã jornal duré a'uwê pódó ãñõrisi wanasi madö'özahuré televisão nahã duré ótó dahörözé bna te nasi'i'awasudu hã dapótósi wanasi awasutu dahörözébré. Eu gosto mesmo de assistir o jornal na televisão para me manter informado e também as filmagens do ritual, cerimônia, cotidianos da aldeia. E no aparelho de celular, gosto de mexer em alguns aplicativos, baixar vídeos indígena e de não indígena, e também faço ligações.

Eu gosto de assistir na televisão jornal e as filmagens da nossa cultura, são estas coisas que assisto na televisão. Agora gosto de mexer no celular para assistir várias imagens documentários.

Ao estabelecermos um comparativo nos ditos contidos nas duas respostas acima com o que é afirmado por Paes (2008, p.44), constata-se que os tempos atuais são marcados de modo indelével pela mudança dos “novos regimes de verdade, de formas de utilização de objetivos e artefatos culturais, de novas linguagens - globalizadas - configurem a ordem mundial em funcionamento que vão muito além do impacto sobre as identidades”.

A rigor, a escola juntamente com “outros aparelhos culturais”, contribui significativamente com “a construção de representações de mundo dos sujeitos e o modo como se estabelecem as relações do sujeito com sua cultura e consigo mesmo” (PAES, 2008, p.70). Fica evidenciado o papel da escola no contexto de uma *práxis* pedagógica, que embora não se institui como redentora da sociedade, mas que contribui significativamente na constituição de significados. Para evidenciar de um modo bem mais explícito, cabe citar uma vez mais a autora:

Podemos falar numa cadeia cultural de produção de verdades, dando significado às coisas do mundo. A escola é apenas um elemento desta cadeia, poderoso sem dúvida, mas não o único. Ela funciona dentro de uma rede discursiva mais ampla em que a mídia aparece como forte instrumento de produção da realidade e nos modos de ser sujeito, considerando-se seu largo alcance em nosso tempo histórico-cultural. Através de representações de mundo, essa rede produz o próprio mundo. Em consonância com tal posicionamento, entendo que a escola e todos os instrumentos utilizados na prática pedagógica funcionam no sentido de instituir significados. (PAES, 2008, p.71).

Pai C. Ahã mato ama i'rosara wahöimana zemna tete ama isaprina hã? Você está percebendo alguma mudança de comportamento da comunidade?

Îhe watô 'ãma rosa' rata wahöïmanazé bna hã ire hã warã duré a'uwê tó ãnôri hã te ãma redahöïmana za'ra wahöïmanazé bna. Sim, já pensei sobre a nossa cultura, é para isso que tem o Warã – conselho dos anciãos, um lugar que são discutidos sobre a nossa cultura, cerimônias e rituais.

É nítida nesta resposta a alusão ao Conselho Tradicional como lugar e espaço privilegiado para as discussões pertinentes a tudo o que diz respeito a cultura Xavante, que encontra nos rituais e cerimônias tradicionais a reverberação das ações que vinculam a subjetividade dos atores/sujeitos ao modo de ser Xavante. A rigor, Han (2020, p.7) lembra que “Os rituais dão estabilidade à vida. Parafraseando as palavras de Antoine de Saint-Exupéry, pode-se dizer que os rituais são na vida o que as coisas são no espaço”. Os rituais têm o condão de vincular às ações dos sujeitos à ancestralidade do seu povo. Isto dito de um modo ainda mais explícito, cabe citar “Para Hannah Arendt, é a durabilidade das coisas que as torna ‘independentes da existência do homem’. As coisas têm ‘a missão de estabilizar a vida humana’.” (HAN, 2020, p.71).

Um dos rituais mais importantes para os A'uwẽ Uptabi (Xavante) é a aliança entre as famílias, por isso estão divididos em dois clãs (metades) por ocasião do acontecimento da realização do casamento. Os dois clãs são Öwawẽ, que significa “Rio Grande”, e Poreza'õno, “Girino”. Os casamentos se dão entre pessoas de clãs diferentes, eles são complementares, pela tradição os pais que escolhem os meninos para se casarem com as meninas e vice-versa. A nova geração não está seguindo esta regra.

Em conversa com a senhora Taís Perãzani'õ ela me relatou sobre o ritual do casamento, que transcrevo a seguir. (Registro pessoal no Caderno de Campo com a senhora Taís Perãzani'õ Xavante, aldeia Êtênhiriripá, 03/02/22).

*Apresentação da noiva (**adaba**) ocorre em frente de sua casa, com enfeite de colares de algodão com dente de capivara feito pelo seu padrinho familiar, é um momento muito importante para a família e para uma aldeia. Por isso, só quem se aproxima dela é a pessoa escolhida pela família para correr de sua casa até a noiva que está ajoelhada em frente da sua casa. Para retirar os enfeites da noiva. Assim se encerra o casamento Xavante (**dabasa**).*

Como vemos, trata-se de um ritual de extrema relevância sob o aspecto da preservação das nossas tradições culturais imemoriais. A rigor, Han (2020) faz notar a relevância que as práticas ritualísticas têm em relação às práticas ditadas pelo mero consumismo:

São as formas rituais que, assim como a cortesia, possibilitam não só um belo tratamento entre as pessoas, mas também um manejo cuidadoso e respeitoso

das coisas. Na estrutura do ritual, as coisas não são consumidas ou gastas, mas são usadas. É por isso que eles podem envelhecer. Ao contrário, sob pressão para produzir, nos comportamos com as coisas, na verdade, com o mundo, consumindo em vez de usando. Em troca, eles nos desgastam. O consumo inescrupuloso faz com que sejamos cercados por um desbotamento que desestabiliza a vida. As práticas rituais garantem que tenhamos um tratamento limpo e nos sintonizemos bem não apenas com outras pessoas, mas também com as coisas. (HAN, 2020, p.7)

Considero perfeitamente plausível interpretar esta citação a partir do conceito de reificação, ou de coisificação de Lukács para quem, grosso modo, o consumo dos objetos (coisas) não deve fazer subsumir as características humanas e duradouras nos sujeitos humanos e/ou consumidores. Assim, no contexto desta pesquisa, é importante compreender que o uso dos artefatos tecnológicos não pode se dar no contexto de substituição às recorrências de práticas ritualísticas, pois isto representaria o embotamento do sentido da vida para os Xavante. Ou isto dito de um modo ainda mais explícito, o uso e/ou o consumo de artefatos tecnológicos no campo da comunicação não pode ser feito ao custo do desaparecimento do modo de ser xavante. Disso surge, a importância de manter viva na memória dos sujeitos Xavante a recorrência aos rituais tradicionais da nossa tradição cultural para, deste modo, nos tornarmos sujeitos da nossa história e não meros objetos condicionados ao consumismo pelo consumismo.

A rigor, cabe aqui citar também Campbell (1991) para trazer ao lume o tema dos ritos de passagem:

Jovens em geral simplesmente se deixam arrebatar pelo assunto. A mitologia lhes ensina o que está por trás da literatura e das artes, ensina sobre a sua própria vida. É um assunto vasto, excitante, um alimento vital. A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável. (CAMPBELL, 1991, p.25).

Mesmo falando pouco a língua portuguesa, os anciões estão percebendo que em suas falas a juventude utiliza a Língua Portuguesa. Isto ocorre, entre outros fatores, por conta da influência da linguagem audiovisual. Por isso os anciões se preocupam tanto com o fato de propor aos jovens novos caminhos de convivência intercultural com os não indígenas (warazu/siróma), mas sem abrir mão do pertencimento a tradição cultural milenar Xavante.

Até as crianças convivendo com os adultos acabam por usar a tecnologia, mesmo sem saber ler, elas, mexem nos aparelhos com muita facilidade para assistir os documentários e filmes indígenas e estrangeiros. Tenho notado que as crianças imitam as cenas, as falas das personagens na Língua Portuguesa e os cantos dos não indígenas.

Ao retomar Paes (2008), é perfeitamente plausível compreender que os “elementos que constituem a rede cultural de produção de significados”, acabam por moldar o nosso modo de ver e “interpretar a vida e o mundo ao nosso redor”. A autora nos adverte ainda a respeito de uma ampla “teia de significados”, que resulta em “inúmeros elementos e artefatos culturais que se movimentam, se cruzam e se interpelam, produzindo significados como a família, o grupo de amigos, escola, a mídia, etc. (PAES, 2008, p.80).”

Nesse sentido, a escola também se constitui em uma das principais instituições cuja função consiste em exercer um acompanhamento constante em relação ao uso de artefatos até então estranhos ao mundo Xavante, de modo a promover um processo constante de reflexão acerca das consequências geradas sob o aspecto dos nossos usos e costumes ancestrais, dentre eles a importância de manter viva a tradição dos nossos rituais milenares.

De outra parte, cabe ressaltar que desde a década de 1980, os anciões Xavante, já demonstravam a utilidade da tecnologia ao usarem o gravador ao seu favor, registrando as promessas dos políticos. O exemplo emblemático foi o modo como o senhor Cacique Mário Juruna, que ao ser eleito o primeiro deputado federal indígena do país em 1983-1987, ficou conhecido nacionalmente por sua insistência de falar e registrar com um gravador as conversações por ele mantidas com os políticos com os quais estabelecia contato. Já nesta época do Sr. Mário Juruna deixou bem claro que a tecnologia pode se tornar uma aliada em nossas interações interculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu sou um membro autêntico do povo Xavante/A'uwê, falante da língua, compreendo a minha cultura e fui capaz de me distanciar no período de análise de dados necessários à realização desta pesquisa. Assim, avalio que os objetivos foram amplamente contemplados, pois ficou explícito a ambivalência implicada no uso do audiovisual no contexto do mundo da vida Xavante. A rigor, os artefatos não indígenas adentram às aldeias de modo avassalador, o que requer inúmeros cuidados quanto ao seu uso, que deve se constituir em preocupações, acompanhamentos e correções de rumos e contar com a vigilância por todas as instituições Xavante: educação tradicional Xavante; educação escolarizada; as famílias; lideranças e anciãos.

A presença e o consequente uso dos artefatos audiovisuais no âmbito das relações interpessoais têm de estar na ordem do dia das preocupações de todos os atores sociais. Avalio que não se trata de proibições ou impedimentos de caráter moralista, mas se trata sim de todos envidarmos esforços para que tais artefatos não se prestem ao desserviço de ferir nosso modo de ser Xavante. Este uso tem de ser bem pensado, de modo a não provocar uma fricção com os elementos ancestrais, milenares, próprios da nossa cultura.

Mediante o exposto, o resultado prático desta pesquisa consiste na produção de um *e-book* contendo as narrativas dos vídeos sobre rituais de passagens, do mito de Origem Xavante, festas tradicionais para serem disponibilizados aos professores na modalidade denominada material didático. Igualmente, este material didático servirá de apoio para o desenvolvimento das ações de ensino nas salas de aula das escolas indígenas do povo Xavante. A começar pelas atividades oportunizadas aos alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê.

O aspecto pedagógico dos vídeos reside no fato de que estas narrativas reverberam tanto na comunidade escolar, quanto entre os anciãos, pois se trata de fazer circular na comunidade o conteúdo neles impressos. Há de se fazer notar, que os anciãos exercem um papel central na disseminação do uso do vernáculo Xavante pelo conhecimento que eles detêm. Assim, se faz necessário as suas presenças no ambiente escolar, nas conversas de pátio de aldeia, nas reuniões comunitárias, nas festividades ritualísticas, etc., na condição de guardadores privilegiados das tradições socioculturais Xavante.

A rigor, Rizzatti *et al* (2020, p.04) faz um elenco com uma série de ações pedagógicas que podem ser caracterizadas como Produto Educacional. Importa destacar a modalidade que

mais se aplica a pesquisa por mim desenvolvida, a saber, “produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais (impressos, audiovisuais e novas mídias)”. A referida autora faz notar também que o Produto Educacional resulta de um processo de pesquisa, na medida que a sua elaboração propriamente dita é precedida de muitos estudos com vistas a compreensão de natureza teórica e conceitual, que servem de sustentação a elaboração e aplicabilidade prática do Material Didático nele impresso.

O conteúdo dos vídeos aborda temáticas que envolvem as práticas socioculturais do povo Xavante, tais como Mito de Origem, rituais de passagem, danças tradicionais, cerimônias, etc., para ser compartilhado com os professores, os alunos, pais, os anciãos, enfim, com a comunidade Xavante em geral.

REFERÊNCIAS

BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal; FILHO SOUZA, de S. Martins. **Bilinguismo e o papel dos inalienáveis e empréstimos linguísticos na constituição da variedade étnica Português Xerente na perspectiva da sociolinguística e da etnossintaxe**. Revista Brasileira de Línguas Indígenas. RBLI. Macapá, v. 3, n. 2, p. 206-217, 2020 <Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/linguasindigenas>>. Acesso em 07/01/2022.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991. <Disponível em: <https://peloamordadeusa.files.wordpress.com/2018/11/o-poder-do-mito.pdf>>. Acesso em 05/07/2022.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CHAIM, Marivone Matos. **Aldeamentos indígenas**: Goiás, 1749-1811. 2. ed. São Paulo: Nobel;[Brasília] : INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.<Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Achaim-1983aldeamentos/Chaim_1983_AldeamentosIndigenas_Goias1749_1811.pdf>. Acesso 21/08/2021.

COREZAMAE, Marcio Monzilar. **Matáre Pitukwá Makewá: Narrativa Mítica e (re)Significação Entre o Povo Indígena Balatiponé-Umutina** – Mato Grosso – Brasil. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Tangará da Serra, p. 118, 2018. <Disponível em: http://portal.unemat.br/media/files/Dissertacao_final-Marcio_Monzilar_Corezomae.pdf>. Acesso em 01/09/2022.

FERNANDES, Leonardo. **“Raposa Serra do Sol: A questão de honra do general Augusto Heleno**. Quais são os interesses por trás da proposta de revisão da demarcação da Terra Indígena localizada na Amazônia. Brasil de Fato, São Paulo, 2018.<Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/18/raposa-serra-do-sol-or-a-questao-de-honra-do-general-augusto-heleno>. >Acesso em 13/02/2021.

GRANDO, Saléte Grando. Projeto saberes indígenas na escola Rede UFMT: formação de professores indígenas em Mato Grosso. <Disponível em: https://evento.ufmt.br/download/sub_671560fae34ce11f7ddc0b049fb7e49b.pdf>. Acesso em 25/08/2022.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HAN, Chul-Byung. **Do desaparecimento dos rituais**: Uma tipologia do presente. Trad. Alberto Cirio; Trad. digital José Toribio Barba. Barcelona: Herder Editorial, 2020.

IDIORIÊ-XAVANTE, Severiá Maria. **Linguas e Educação Intercultural na Formação de Professores A’uwê / Severiá Maria Idioriê Xavante**. UFMT: Editora UFMT, 2016. Dissertação de Mestrado Programação de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá. 113f. 2016.

ISA – Instituto Socioambiental. 2010. <Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xavante/1645>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

Jornal O Estado de S. Paulo, São Paulo, ano 131, n. 42656, 1 ago. 2010. Economia & Negócios, p. B1.

KALHMANN, C. Andrea; BERTOLDI, R. Marcia; FIGUEROA, Isabela. Línguas, livros e leis: o apagamento da cultura indígena e resistência. *Revista Veredas do Direito*, Belo Horizonte, v.17, n.37, p.61-87, janeiro/abril, p.61-87, de 2020. <Disponível em:<http://revista.domhelder.edu.br/index.php/veredas/article/view/1703>>. Acesso em 02/09/2022.

LANDA, Mariano Báez; HERBETTA, Ferraz Alexandre (Orgs.). **Educação indígena e interculturalidade**: um debate epistemológico e político. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.<Disponível em:https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_educacao_indigena.pdf>. Acesso em 28/07/2022.

MACHADO, C. Lilian. **O uso do vídeo como instrumento de aprendizagem**. Londrina: UEL/ Centro de Educação, Comunicação e Arte/Departamento de Comunicação. 2016. <Disponível em: <https://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/2016%20Lilian%20Caroline%20Machado.pdf>>

MEHINAKO, Mayawari. **Empréstimos linguísticos na Língua Mehinaku**. Barra do Bugres: Biblioteca Faindi, 2016. <Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Mayawari.pdf>>. ACESSO EM 07/01/2021.

MESQUITA, Rodrigo. **Empréstimos lingüísticos do português em Xerente Akwé**. Goiânia: UFG, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009. <Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/26/o/dissert_rodrigo_compl.pdf>. >Acesso em 08/01/2021.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes. **A entrevista como instrumento para investigação em Pesquisas Qualitativas no campo da Linguística Aplicada**. *Revista Odisseia/PPGEL UFRN*, n.º 5, jan-jun 2010. Disponível em: < file:///C:/Users/POSITIVO/Downloads/2029-Texto%20do%20artigo-5763-1-10-20120706.pdf>. Acesso em 02/04/2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.<Disponível em: https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf>. Acesso em 02/04/2022

MENDS, F. M. Bruno. Uma abordagem filosófica sobre a reificação em História e Consciência de Classe de Georg Lukács. São Carlos: UFScar, 2013. 120 f. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-graduação em Filosofia. <Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4873/4864.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 17/10/2022.

NARO, Anthony J., Maria Marta Pereira Scherre. **Variação e Mudança Linguística: Fluxos e contra Fluxos na comunidade de fala**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Cad.Est. Ling.*, Campinas, (20): 9-16, Jan/ Jun. 1991. Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Etenhiritipá, 2010.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **Representações cinematográficas “ensinando” sobre o índio brasileiro**: selvagem e herói nas tramas do império. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008, Porto Alegre, 154 f. + anexos.

PAZZINI, Avila Nalú Darlin; ARAÚJO, de Vietro Fabrício. **O uso do vídeo como ferramenta de apoio ao ensino-aprendizagem**. <Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/729/Pazzini_Darlin_Nalu_Avila.pdf?sequence=1)>. Acesso em 06/04/2022.

QUINTINO, Wellington Pedrosa. **Aspectos da fonologia xavante e questões relacionadas**: rinoglotalia e nasalidade. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Tese de Doutorado.

REZENDE, A. Maria; *et al.* **O ser professor e o ser Xavante**: duas culturas diferenciadas que buscam a interculturalidade. <Disponível em: https://evento.ufmt.br/download/sub_c329e4a815910ac95683c2f07d70ed8b.pdf. Acesso em 30/03/2022.

RIZZATTI, M. Ivanize, *et al.* **Os Produtos e Processos Educacionais dos Programas de Pós-graduação Profissionais**: Proposição de um grupo de colaboradores. Revista ACTIO, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. <Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em 06/04/2022.

SANTOS, Araújo Midian. **Contato de línguas**: Atitudes dos Krahô em relação ao bilinguismo e os empréstimos linguísticos do Português. Araguaína: UFT, 2014. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Tocantins. Campus Universitário de Araguaína Programa de Pós-graduação em Letras, Araguaína, 2014.Dissertação de Mestrado Universidade Federal de Tocantins. <Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/153/1/Midian%20Ara%C3%B4%20Santos%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>.> Acesso em 07/01/2021.

SANTOS, Gilberto Vieira dos. **Conflitos territoriais no Brasil e o movimento indígena contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Paulista “Júlio Mesquita Filho” – Instituto de Políticas Públicas e Relações Institucionais (IPRI), Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (Territorial). São Paulo, 2019. <Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181947>> Acesso em: 07/01/2021.

WELCH, James R., Ricardo Ventura Santos, Nancy M. Flowers e Carlos E. A.Coimbra Jr. **Na Primeira Margem do Rio: Território e Ecologia do Povo Xavante de Wedezé**. Museu do Índio – FUNAI, Rio de Janeiro 2013. <Disponível em:<https://books.google.com.br/books?id=gATPAgAAQBAJ&pg=PA16&lpg=PA16&dq=Ser%C3%A3o+do+Gentio+Xavante+Chaim+1974&source=bl&ots=ugG>> Acesso em 20/11/2020.

ZELIC, Marcelo. Reparação: os crimes de tutela e o desenvolvimento sem respeito. IN: RANGEL, Helena Lúcia. **Relatório: Violência contra os Povos Indígenas no Brasil**. Dados

de 2018. CIMI- Conselho Indigenista Missionário. Brasília, 2019. ISSN 1984-7645
<Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2019/09/relatorio-violencia-contra-os-povos-indigenas-brasil-2018.pdf>. >Acesso em 13/02/2021.

OS CONSULTORES NATIVOS

Sereburã – clã Poreza’õno (girino), grupo etário Airere ancião (in-memoria-2017)

Hipru – clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá ancião (in-memoria-2019)

Waza’ê - clã Poreza’õno (girino), grupo etário Etêpá ancião

Urawẽ - clã Poreza’õno (girino), grupo etário Tirowa ancião

Parasé - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Nozö’u ancião

Jamiro Xavante - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Anhanarowa

Jorge Protodi - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Hötörã

Anderson Sere’uzé - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá

Isidoro Xavante - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá

Mário Ubdö - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá

Pewapá - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá anciã

Pe’rãzani’õ - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Hötörã

ANEXO - PRODUTO PEDAGÓGICO

CAIMI WAIASSÉ XAVANTE

MITO DE ORIGEM E RITUAIS XAVANTE

BARRA DO BUGRES-MT

2023

INTRODUÇÃO

Este caderno é o Produto Educacional resultado da pesquisa de meu mestrado profissionalizante da FAINDI - Faculdade Indígena Intercultural. Em conformidade com Rizzatti *et al* (2020, p.4) o produto gerado pela pesquisa, com vistas a elaborar o presente Produto Educacional, é aqui denominado de “Material Didático”, que em sua concepção pretende cumprir o papel de função mediadora do processo de ensino-aprendizagem no âmbito da sala de aula e da Sala do Educador: “Dessa forma, considera-se PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PE) na Área de Ensino, o resultado tangível oriundo de um processo gerado a partir de uma atividade de pesquisa” (RIZZATI *et al*, 2020, p.4). Vale destacar que a referida processualidade inerentemente imbricada ao Produto Educacional, implica em concebê-lo como uma construção de conhecimento pautada em um processo investigativo, o que o configura como tendo necessariamente um caráter a) científico; b) histórico; c) não neutro e d) assentado nas características socioculturais dos atores implicados nesta construção.

De modo ainda mais explícito o Produto Educacional aqui proposto tem como pano de fundo as reflexões por mim realizadas, originárias de duas vertentes, a) estudos realizados com vistas ao meu mestrado, e b) fruto das minhas observações das ações práticas de ensino que venho constatando no acompanhamento do dia a dia da sala de aula na Escola Estadual Indígena.

De acordo com Brasil (2019a, p.3), podem ser elencados quatro conceitos elegíveis como critérios para avaliar o alcance e a eficácia dos resultados e/ou efeitos práticos de um Produto Educacional, a saber: a) “Aderência”, b) “Impacto”, c) “Inovação” e d) “Complexidade” - grifos no original. Há que se destacar, que são pretensões que busco alcançar a partir dos estudos realizados no decorrer da minha pesquisa de mestrado, cuja objetivação do ponto de vista da práxis pedagógica remetem a dimensão temporal de curto, médio e longo prazo. E que fundamentalmente, sob a ótica do êxito de tais pretensões, a exequibilidade será alcançada na exata medida do envolvimento de toda a comunidade escolar implicada no processo ensino aprendizagem. Em Brasil (2019b, p.10), são mencionados dois aspectos que têm de ser analisados em conjunto, a saber, a “produção” e a “difusão” do assim denominado Produto Educacional. Dito de outro modo, cabe ao Produto Educacional buscar a qualificação dos atores envolvidos no processo, do ponto de vista das habilidades e competências sob os aspectos da sociabilidade, da interculturalidade e afirmação da identidade própria e genuína dos atores concernidos. É na dialeticidade do encontro entre o mundo do entorno (não indígena) com o que ocorre no contexto do mundo da aldeia, que a escola abstrai o conteúdo que é tematizado nas abordagens do processo

ensino e aprendizagem. Nesse sentido, é correto afirmar como Habermas (1987) que ao se apropriar do conceito heideggeriano “mundo da vida”, explicita de modo muito claro que as recorrências últimas de cada sujeito são os elementos próprios do seu dia a dia, que emergem do seu mundo vivido. Nesse sentido, Champangatte *et al* (2011, p.16) compreende que uma estratégia pedagógica eficaz consiste em trazer para o contexto do processo ensino e aprendizagem em contexto de sala de aula a presença das mídias audiovisuais concebidas enquanto mecanismos pedagógicos para confrontar, comparar e avaliar as habilidades e competências requeridas pelos atores ameríndios em seu contato com o mundo da aldeia e também fora do âmbito da aldeia. Nesse percurso, há que se ter clareza quanto as aproximações e os afastamentos dos elementos que constituem o mundo do entorno da escola, no nosso caso mundo do entorno da aldeia, com o mundo da escola, no nosso caso da comunidade da aldeia.

Isto dito, cabe analisarmos como estão sendo apropriados os artefatos do mundo não indígena e qual a melhor estratégia pedagógica pode ser utilizada pela escola para fazer com que os alunos reflitam cada vez mais sobre o impacto do uso dos artefatos tecnológicos nas relações interpessoais intra e fora da aldeia.

Atentar para a realidade que a cerca é um dos primeiros passos para a escola ficar em sintonia com a realidade e com os próprios alunos, que sofrem a todo momento interferências do mundo fora da escola. Trazer para a escola o que está em seu entorno pode ser uma das maneiras de aproximar essas duas realidades díspares, a de fora da escola e a da própria escola. Um exemplo disso é por meio da incorporação das mídias no contexto escolar, tanto no uso da própria mídia em sala de aula como recurso pedagógico quanto por meio de discussões sobre as mídias e suas influências na sociedade, tendo em vista que a mídia-educação estuda essas e outras relações referentes às mídias e a escola. (CHAMPANGNATTE, 2011, *et al* p.18).

A rigor, uma forma de qualificar o debate a respeito do uso do audiovisual como ferramenta pedagógica eficiente, consiste em aprofundar os estudos acerca da temática denominada “mídia-educação”. Há que melhor compreender as definições deste complexo e intrincado campo de estudos, em suas dimensões conceituais, e histórica, culturais, políticas, sociológicas, filosóficas, e, fundamentalmente pedagógicas. Na condição de ferramenta pedagógica, a temática “mídia-educação” se constitui como “um objeto de estudo complexo e multifacetado”. Dito de modo ainda mais explícito, trata-se de um conceito amplo, pois abrange uma vasta gama de aspectos implicados na utilização da “mídia dentro da sala de aula (como recurso pedagógico)”, quanto a “mídia fora da sala de aula (TV, rádio, cinema, internet)”. (CHAMPANGNATTE, 2011, *et al* p.18-19).

Uma estratégia metodológica eficiente para promover esta reflexão diz respeito a dar voz às narrativas que retratam aspectos fundantes da nossa tradição cultural milenar. Assim, há que se garantir no espaço público do nosso processo formativo, a presença das vozes que dão sentido e significado aos rituais que compõem o corpus de narrativas presentes na mitologia e/ou cosmologia Xavante, impressos em nossas danças, nossos ritos de passagem, nossas festas tradicionais, enfim a diversidade de cerimoniais que retratam fidedignamente a tradição cultural Xavante. É absolutamente necessário ouvir a voz dos anciãos com suas narrativas em Língua Materna, que será transcrito para a Língua Portuguesa. E dado que, concebemos este Produto Educacional como um processo, serão desenvolvidas Oficinas Pedagógicas com os professores e alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê.

Inicialmente foram transcritos 4 (quatro) vídeos que servirão de aporte didático pedagógico para o desenvolvimento das ações e ensino na/dá Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê. A rigor, dando cumprimento às previsões legais constantes no PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê, que asseguram o espaço em seu PPP para desenvolver atividades práticas de ensino com base nas tradições culturais Xavante com seus rituais, festividades, cerimoniais, etc. Assim, o PPP reserva o tempo de uma semana para a realização destas práticas.

Nesse sentido este e-book será disponibilizado para a Formação Continuada dos Professores da escola da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê para servir como referência nos desenvolvimentos de estudos da “Sala do Educador”.

Metodologia: procedimentos práticos para desenvolver a conteno as ações de ensino

Sabemos que a produção audiovisual lida com múltiplas linguagens, que conferem sentido e significado ao conhecimento. Assim, em conformidade com Champangnatte *et al* (2011, p.17) é perfeitamente plausível conceber os recursos audiovisuais “como fonte ou texto gerador” com o objetivo de propor uma abordagem comparativa dos “conteúdos de sala de aula, assim como com as realidades de seus alunos”. Do ponto de vista metodológico, serão desenvolvidas oficinas pedagógicas com a participação da comunidade escolar e da comunidade em geral durante a semana reservada às práticas culturais Xavante, conforme explicitado acima.

Onde, quando e como tudo começa:

Figura 1 - O começo da minha caminhada com o audiovisual



Fonte: arquivo pessoal de Rosa Gauditano, 1999

O contato do meu povo a'uwê da região de Rio das Mortes foi bem registrado em fotografias e imagem pelo governo daquela época. O interesse do meu povo a'uwê no uso das tecnologias não indígenas, principalmente a linguagem audiovisual, foi quando os pesquisadores antropólogos(as) estrangeiros, faziam seus registros do meu povo A'Uwê com estas tecnologias na aldeia Pimentel Barbosa. No ano de 1989, apareceu uma antropóloga norte-americana com uma câmera na aldeia, para fazer seus registros de pesquisas. Quando a pesquisadora Laura Graham terminou a sua pesquisa na aldeia em 1990, ela deixou com o cacique uma câmera filmadora VHS para comunidade fazer seus registros dos rituais, cotidiano, caçadas, reuniões na aldeia e em outros lugares. Mas no início, os registros de filmagens feitos pelo vice-cacique na aldeia não foram fáceis, porque a comunidade tinha medo da sua imagem. Para o povo A'Uwê, máquinas fotográficas, e as filmagens, roubavam os espíritos das pessoas, por isso que deram este nome para audiovisual (dapotozé- criador do semelhante) e para fotografia (dahöibari'wa – cortador de corpo) na língua materna. Apesar disso, o cacique na época achou importante fazer registros da comunidade, para manter a comunidade informada das mudanças que vinha ocorrendo na nossa cultura. Também nesta época eu trabalhava como tesoureiro na Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa - AXPB, em projetos em parceria com o Núcleo de Cultura Indígena-NCI/Centro de Pesquisa Indígena em Goiânia/GO. Depois a AXPB, transferiu a sede para Nova Xavantina-MT, onde iniciei meus contatos com as fotografias do contato antigos do meu povo A'Uwê, que estavam nos arquivos da associação.

No meio do ano de 1990, quando mudei para aldeia Pimentel Barbosa, numa das reuniões, Warã - Conselho Tradicional, os anciões me convidaram, Caimi, clã Poreza'õno, e o Jorge do clã Öwawê, como somos companheiro (i'amo – minha metade) no grupo Hötörã, na formação cultural. Nosso povo tem dois clãs: Öwawê (Girino) e Poredza'ono (Rio Grande). Esses dois clãs se complementam. Nós fomos convidados para sermos responsáveis para cuidar da câmera VHS, e fazer registros do cotidiano, rituais e reuniões na comunidade. No início não sabia mexer, mas a antropóloga nos mostrou o básico de como fazer a filmagem. No início filmávamos horas de canto e danças, corridas de tora de buriti, acompanhava as caças de fogos, expedições no território. E depois mostrava horas de filmagens brutas numa televisão para a comunidade no pátio da aldeia, até acabar o combustível do motor gerador. No início das filmagens na comunidade não foi fácil, as pessoas tinham medo, vergonha de si verem na TV, por que as todos riam. Mas com passar do tempo, as pessoas a'uwê perceberam a importância do registro audiovisual. A partir disso, começamos a mostrar imagens de contato do povo a'uwê, assim como mostrar outras culturas pelo mundo.

No final do ano de 1990, a antropóloga norte-americana Laura Graham, nos convidou para viajarmos para São Paulo para conhecermos a organização não governamental Centro de Trabalho Indigenista-CTI, que tinha um projeto denominado “Vídeos nas Aldeias”, coordenado pelo cineasta indigenista Sr. Vincent Carelli e o editor de imagem Sr. Estevão Nunes. A equipe do projeto “Vídeos nas Aldeias” nós apresentamos os vastos arquivos de imagens de outras etnias do Brasil, com as quais o Centro de Trabalho Indigenista desenvolveu - e nós assistimos - os documentários de indígenas, aborígenes e nativos de outros países pelo mundo. Foi nessa época que compreendi a importância desta ferramenta audiovisual para o meu povo a'uwê. Como nós tínhamos levados horas de filmagens em fitas VHS numa caixa de isopor, umas cem fitas, das imagens dos rituais, do cotidiano da aldeia, caçadas, pescarias e expedições no território. Por esse motivo a equipe organizou a primeira oficina com cineastas indígenas para aperfeiçoarmos as técnicas de filmagens e roteiros, depois fomos encaminhados para a ilha de edição para conhecermos as ferramentas de montagens ou edição das imagens, assim como fazer efeitos e legendas nas filmagens. Foi nessa época que iniciamos os trabalhos audiovisuais, visando a divulgação da nossa cultura a'uwê para outras etnias e para não indígenas. Quando retornamos para a aldeia, recebemos do projeto “Vídeos nas aldeias” outras tecnologias que meu povo não conhecia como o painel de placa solar. Chegando na aldeia fomos instalar o painel de placa solar em uma casa no pátio da aldeia. A comunidade, e os adultos, principalmente, acharam estranho essa tecnologia, e pensaram que tínhamos ficados loucos na cidade, no entanto, as crianças ficaram curiosas observando a montagem das placas solares. Após tudo ter sido instalado, fizemos um teste ligando a televisão, que funcionou perfeitamente. Em seguida, começamos a assistir com as crianças filmagens e documentários de outras comunidades

e etnias, todos gostaram e riram bastante e aos poucos os adultos foram chegando para também assistirem as imagens na televisão. Agora o povo a'uwê já têm outras visões das tecnologias de não indígenas.

Figura 2 - Equipe do Ponto de Cultura Apowê



Fonte: Acervo fotográfico Ponto de Cultura Apowê/2017

Na figura acima é possível ver a equipe do Ponto de Cultura Apowê, executando as atividades de filmagem no ponto da aldeia estabelecido pelos anciãos para produção de registros da dinâmica da cultural do povo a'uwê – Xavante durante o rito de perfuração de orelha dos adolescentes. Estes trabalhos de documentários audiovisuais foram produzidos no período de 1990 a 2022, em parceria com várias organizações não governamentais, universidades públicas/ particulares, museus, Ponto de Cultura e escolas públicas/ particulares. O primeiro vídeo produzido foi “Tem de ser Curioso”-1996, 16 minutos, foi realizado em parceria com “Vídeos nas Aldeias”. É um vídeo de reflexão sobre o registro da vivência de diversos aspectos da cultura tradicional e aspectos sociais do povo a'uwê Xavante e, também, observava aspectos de vivências de outras etnias no Brasil e no exterior, entre os períodos de gravações em VHS, de 1990 a 1996. No ano seguinte 1997, a equipe do projeto “Vídeos nas Aldeias” foi convidado para coordenar um espaço de 30 minutos de programa sobre as população indígenas matogrense, na TV Universidade de Mato Grosso, que foi nomeado de “Programa de Índio”. Este pequena espaço cedido pela TV, proporcionou a oportunidade de, nós indígenas, mostrarmos a nossa cultura, nossa luta política e as nossas visões de mundo. A equipe foi constituída por profissionais não

indígenas e indígenas (das etnias Xavante, Bororo, Pareci e Bakairi), para fazer matérias sobre os indígenas nas aldeias e também os que vivem na cidade.

Estes trabalhos audiovisuais na região eram inéditos no Brasil, que divulgava quem somos e também onde nós estamos, para transmitir também os trabalhos produzidos por diferentes povos indígenas de Mato Grosso. Tendo em vista que, a mídia nos apresentava e apresenta de uma forma genérica. No entanto, com os trabalhos audiovisuais realizados pelo cineasta indígena (dapotowa), as pessoas vêm com mais respeito e conseguem distinguir as etnias, já reconhecem o A'uwê uptabi (Xavante), por exemplo, como aquela que usa pauzinho na orelha, o corte de cabelo na franja, quando avistam na televisão ou pessoalmente, já reconhecem. Quando apresentamos os documentários audiovisuais nas escolas e universidades públicas/ particulares de não indígenas, os adultos e as crianças perguntam muito, por exemplo se esses indígenas existem mesmo. Desse modo, podemos concluir que, os livros didáticos ainda nos representam como a gente era antigamente, de forma ultrapassada, ou seja, de acordo com esses livros nós nem existiríamos mais. Deste contato com os não indígenas, as ferramentas tecnológicas vêm sendo úteis para relatar a verdadeira história. Na época do Mário Juruna, ex-cacique da aldeia Namukura, Terra Indígena São Marcos-MT, foi o primeiro deputado Xavante eleito pelo partido PDT-RJ em 1980. Com seu gravador, nós deixamos bem claro que a máquina chegou para servir de aliado, para não desviar os relatos. E como as produções audiovisuais viriam para somar e para acabar com essa distorção, o preconceito, buscando sanar a desinformação em relação à população indígena nos Estados brasileiros, por meio da produção audiovisual indígena. Com estas propostas os trabalhos audiovisuais vêm tendo oportunidade de participarem dos Festivais de cinema nacionais e internacionais em alguns países, conhecendo os trabalhos de lideranças indígenas, artistas indígenas e não indígenas, e comunidades tradicionais. Experiência que me proporcionou conviver com as multiculturas, diferentes visões de mundo, de línguas, de jeitos de pessoas e de países.

Atualmente nós, o povo A'Uwê Xavante, viemos registrando nossas memórias e imagens utilizando gravadores, câmeras de fotografias, filmadoras, celulares e computadores. Com o passar do tempo, o povo A'Uwê Xavante vem aprendendo a usar estas tecnologias em benefício da valorização da cultura a'uwê xavante. Este filme A'uwê Uptabi – O povo verdadeiro, enfoca a maneira que o povo a'uwê xavante utiliza esses recursos tecnológicos conforme seus interesses. E principalmente, com objetivo de registrar e fortalecer a identidade do povo a'uwê Xavante. Com produção de alguns documentários audiovisuais como: Wapté Mnhono, Iniciação do Jovem Xavante – 1999/56 minutos /Xavante; Wate'wa – Os jovens Xavante que batem água, 2019/ 15 minutos; 11.000 mil anos de presença indígena em Goiás, 2016/ 35 minutos; Abazei éze wasu'u – Corte de carne de caça Xavante, 2013/ 10 minutos; Ö Tede'wa, Os Donos da Água, conflitos e colaboração pela proteção dos rios-

2009/34minutos; Oi'ó, Luta dos meninos Xavante, 2009/ 26 minutos; Saúde e Alimentação do Povo Xavante – Dahöze õ dure a'uwe'ubumro saze. 2005; Darini, Iniciação Espiritual Xavante- 2005/45minutos; Owawê, Do outro lado do Mar, 2003/50minutos; Dazadawa weda, Saúde Bucal- 2001/15minutos. Alguns desses documentários foram premiados em Festivais nacionais e internacionais de Cinema e Vídeo na América Latina, Europa, Japão e América do Norte. Venho produzindo vários documentários em parcerias com várias organizações não governamentais, universidades públicas e museus, que possuem importante atuação na documentação da cultura do nosso povo a'uwê.

Por isso os anciãos vêm sempre falar com esta geração do uso da tecnologia, que veio para complementar como contar a história, porque os A'uwê Uptabi (Xavante), são um povo oradores. E essas ferramentas tecnológicas que chegaram nas aldeias, os anciãos já sacaram a importância, sabem que os jovens são atraídos pela nova ferramenta estranha. Eles querem deixar uma mensagem não só para preservar a tradição, mas, também, para que possam estudar as mudanças que vem acontecendo tanto na parte física e espiritual, quanto cultural das aldeias. Eles sabem que a cultura é dinâmica, e sempre falam que a nova geração vai ter que lidar não só com as coisas que chegam, mas também com aquilo que nos limita, porque estamos cercados por fazendas e cidades. Nos últimos anos, com as instalações de energia elétrica, antenas parabólicas e internet nas aldeias, sofremos alterações constantemente, havendo conflitos de identidades e ideias entre gerações, com o uso da tecnologia, tudo vem sofrendo modificação, e nós por mudanças de hábito e costume. Deste modo, a utilização inadequada destes instrumentos pelos jovens tem sido uma preocupação das lideranças e anciãos das aldeias pertencentes à Terra Indígena Pimentel Barbosa.

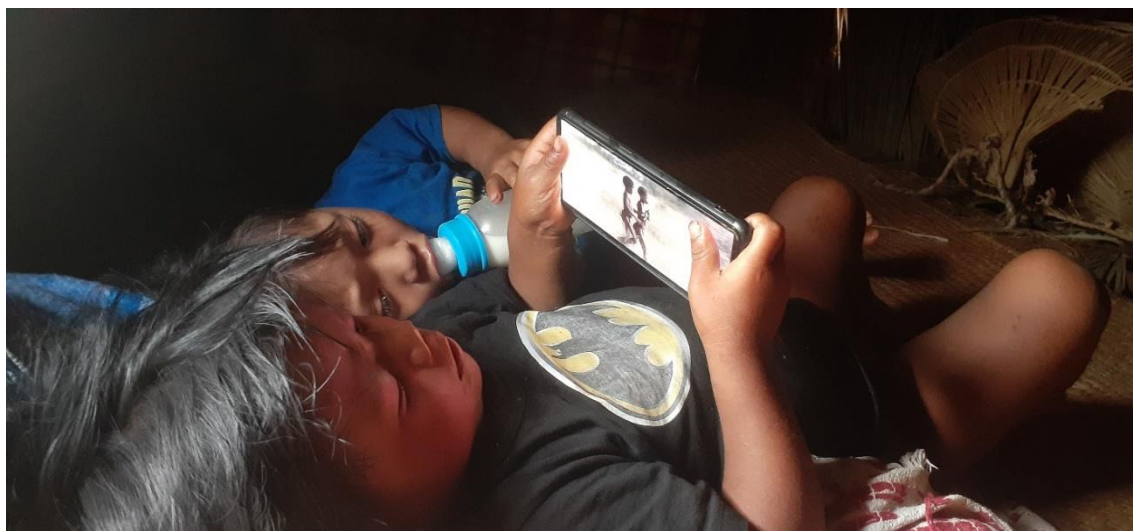
Figura 3 - Crianças Xavante assistindo televisão



Fonte:arquivo pessoal Erliê Xavante, 2014.

As crianças A'Uwê Xavante assistindo desenho animado na televisão, em casa, na aldeia Wederã. Comumente, depois saiam de suas casas imitados as personagens pela aldeia.

Figura 4 - Crianças Xavante assistindo filme na tela do celular



Fonte: arquivo pessoal Caimi Waiassé Xavante, 2022

Quando comecei a conviver como pesquisador dentro de casa, observei como a tecnologia não tem idade. Meus netinhos mesmo sem saber ler mexiam no aparelho com facilidade, tanto para assistir os documentários indígenas e estrangeiros como os filmes. Mesmo com a realidade diferente, as crianças saiam imitando as cenas, as falas das personagens na língua portuguesa e os cantos dos não indígenas.

AÇÕES DE ENSINO DESENVOLVIDAS NA ESCOLA (COMUNIDADE), ATIVIDADES DE PRÁTICAS CULTURAIS XAVANTE

No mundo atual, os povos indígenas por meio de movimentos sociais conquistaram o direito à uma educação adaptada, o reconhecimento de suas culturas e processos próprios de ensino e aprendizagem. Quando o Programa Cultura Viva nasceu em 2004, tratava-se de uma atividade do Ministério da Cultura dentro das Políticas Públicas para fomento da cultura no país. Entre as atividades do Programa Cultura Viva, havia o Ponto de Cultura. Então a proposta do projeto da Associação Serra do Roncador, foi selecionado no edital do MinC, para receber recurso financeiro. Assim foi criado o Ponto de Cultura Apowê, para executar as atividades de produção de registros da dinâmica cultural do povo A'Uwê.

O espaço físico usado foi na E.I.Etenhiritipá, na aldeia Wederã, onde foram instalados os equipamentos, computadores completos, filmadoras, gravadores digitais e microfones. Para capacitação de jovens a'uwê em programas de software livre e uso de ferramentas eletrônicas de comunicação, em roteiros, operação e edição de conteúdos de vídeos, assim como a produção de conteúdos digitais em áudio e vídeo. Para poder divulgar as ações de integração com outros pontos culturais e para outras comunidades indígenas, tradicionais e da sociedade civil.

O povo A'uwê Xavante politicamente tem uma organização própria para resolver as questões de interesse da comunidade e problemas internos, que se chama Warã-Conselho Tradicional. É um espaço da aldeia que se localiza no centro, onde são discutidos diariamente pela manhã e pela tarde as atividades da cultura a'uwê, cerimônia/rituais como as excursões de caçadas, pescas, oi'ó-luta dos meninos, Uiwede-corrida de tora de buriti, danhõno-rito de passagem/furação de orelha, dabasa – casamento e wai'á-iniciação espiritual. Também são discutidos o calendário de nossa Escola, o calendário de festas, cerimônias e atividades culturais. Portanto, a escola deve seguir o ritmo de festas e atividades econômicas da aldeia, respeitando a organização dos anciãos, a partir da qual são transmitidos os conhecimentos ancestrais para os jovens que aprendem a educação indígena a'uwê Xavante.

Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê

A escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê tem por finalidade principal a educação e a formação, valorizando a identidade étnica e cultural das crianças e jovens A'Uwê Uptabi Xavante, bem como da população interessada em conhecer a diversidade, a cidadania e a educação diferenciada. Portanto, a escola deseja formar pessoas que valorizam suas origens, tradição, cultura e que respeitem a verdade e caminho escolhido pelo A'uwê Uptabi xavante.

A nossa educação Auwê Uptabi (Xavante) transmite o conhecimento oralmente por meio das famílias, desse modo as crianças aprendem desde cedo, pelo exemplo, pela prática, pela observação, ouvindo os

adultos, dialogando com respeito, trocando ideias, participando de atividades culturais, a forma de relacionamento e sobrevivência, complementada pelos padrinhos na *hö* – casa dos adolescentes reclusos. Na educação formal a escola tem grande importância para a sociedade e prepara os valores culturais, é um instrumento político, uma ferramenta para conhecermos nossos direitos de lutar e conquistar nossos espaços, pois nos possibilita aprender a ler e escrever analisar o mundo do não indígena e também de outras etnias. A escola e a cultura têm que caminhar junto no fortalecimento do ensino-aprendizagem dos jovens *au'wê Xavante*.

Nesse sentido, dentro da gestão colegiada a escola conta com o Conselho Escolar Deliberativo e o diretor escolar, apresentando calendário escolar no *warã* – como conselho tradicional os anciãos organizam o calendário de cerimônia/rituais e atividades cultural na aldeia. Do mesmo modo, isso ocorre nas relações de natureza didático-pedagógicas no ambiente de aprendizagem da educação escolar formal. É bastante comum, por exemplo, os anciãos serem convidados pelos professores para relatarem mitos, rituais de passagem. Os anciãos fazem seus relatos na Língua Materna, ou seja, *Xavante*, o(a) professor(a) faz a tradução para a Língua Portuguesa. A escola vem contribuindo com a iniciativa cultural *a'uwê Xavante* como cerimônias/rituais: *oi'ó*-luta dos meninos, *Uiwede*-corrida de tora de buriti, *danhore* – canto e dança, *wa'i* – luta corporal, *danhõno*-rito de passagem/furação de orelha, *dabasa* – casamento e *wai'á*-iniciação espiritual, e as excursões de caçadas e pescarias no território.

Nesse sentido, as Associações, a comunidade, a escola junto com os alunos vem contribuindo para a realização dos projetos da aldeia; na oficina educação indígena, intercâmbio cultural *a'uwê Xavante* com outras etnias através do esporte o futebol, intercâmbio entre *a'uwê uptabi* e adolescente *siróma/warazu* - não indígena, intercâmbio de músico *A'uwê uptabi*, intercâmbio de vídeos e publicação *Pi'õ Höïmanazé* (Artes das Mulheres) e intercâmbio de história da tradição *Xavante-A'uwê uptabi*, e as produção audiovisual *a'uwê Xavante* pelo Ponto de Cultura *Apowê*, são estes projetos que vem contribuindo no território *Xavante*. Na aldeia *Etênhiritipá* alguns jovens já fazem transmissão ao vivo das atividades culturais da aldeia, antes era impossível de transmitir, os celulares não funcionavam no território indígena *Xavante* da Terra Indígena Pimentel Barbosa. Mas os jovens usavam/ usa estes instrumentos tecnológico para documentação das tradições. Só quando eles iam para cidades ou vilarejo, se conectavam pelas redes sociais, permitindo a comunicação e divulgação dos rituais realizadas nas aldeias. Atualmente, as escolas indígenas tem internet, computadores e notebooks, e as máquinas digitais são comuns nas escolas. Os habitantes das aldeias também possuem celulares, filmam e fotografam seus cotidianos, fazendo edições de vídeos e áudios da cultura *A'uwê uptabi* (*Xavante*).

Neste contexto, os *A'uwê* vem se adaptando a região que foi delimitada para sua sobrevivência cultural. O desafio dessa geração é como levar este conhecimento que são passados na oralidade e são práticas

dos aprendizados sobre a região. Como podemos sistematizar os conhecimentos para ser um material didático, para serem utilizados nas aldeias e nas escolas indígenas. A escola indígena desejada pelos anciãos, lideranças, caciques, é um ambiente atrativo com conhecimentos tradicionais e os conhecimentos que vem de fora, para valorização do cerrado, o ambiente onde vive esta geração.

Covid-19 no Brasil

Por tudo isto, o processo educacional na escola Samuel Sahutuwê, necessitou se adequar de acordo com a realidade local, com o primeiro caso de Covid-19 no Brasil. E pela disseminação da pandemia pelas regiões brasileiras. E com pandemia em 2020, em vários países no mundo, as pessoas contrariaram corona-vírus. Com primeiro caso de Covid-19 foi registrado no Brasil no meado de fevereiro. A epidemia se disseminou pelas regiões pelo país, se tornando a principal causa de morte.

Na Terra Indígena Pimentel Barbosa, com o surgimento do primeiro caso, a primeira pessoa com a sintoma de gripe, as atividades culturais, rituais, na aldeia foram suspensos, pararam de circular pelas cidades mais próximos. Na aldeia Etenhiritipa, no mês de março de 2020, os trabalhos escolares, as aulas foram suspensas na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Samuel Sahutuwê. E no mês seguinte, as pessoas ficaram isoladas. Com isso aumentou a propagação do vírus deslocaram com a suas famílias, para beira do Rio das Mortes e nos lagos. Adotando estratégias de isolamento, quarentena e medidas de distanciamento físico. Mesmo assim, o vírus levou à morte dos anciãos nas aldeias da Terra Indígena Pimentel Barbosa.

Neste período, as escolas estaduais foram orientadas para fazerem Planos Estratégicos de Atendimento Escolar/ SEDUC-2020. Os professores explicaram a respeito da pandemia no Conselho Tradicional (warã), ministraram palestra a respeito do vírus e de como evitá-lo. Além das famílias assistirem em suas casas os jornais, que destacavam informações sobre a pandemia, respeitando o distanciamento físico. Por tudo isto, o processo educacional na escola Samuel Sahutuwê, necessitou se adequar de acordo com a realidade dos acampamentos que foram montados no território tradicionais, de caça, pesca, coleta de frutas.

Os professores e os estudantes dos três acampamentos desenvolveram atividades práticas do conhecimento específico das ciências e saberes indígenas, relação com a natureza (cultura). Discutindo no coletivo os assuntos relativos as atividades escolares.

Todos os professores e estudantes dos acampamentos colaboraram na realização dos trabalhos de campo dialogando entre os moradores da prática pedagógica dos acampamentos. Além de mandar as fotos e relatório descritivo da atividade do aluno no caderno de campo, relatando momentos de estudos formal e informal com os anciãos nos acampamentos. Todas as semanas as pessoas dos dois acampamentos se deslocavam atravessando de barco a motor de polpa para as fazendas do outro lado do Rio das Mortes,

para acessar internet com permissão dos gerentes das fazendas. E as pessoas do acampamento vinham até a aldeia Wederã para acessar a internet também.

1- Acampamento lago Ötömora

No acampamento do lago Ötömora, relataram que nos primeiros dias foi difícil se adaptarem no acampamento. Com o passar do tempo começaram conhecer os lugares de pescaria e de caça. Os moradores ficaram surpresos com a fartura de alimentos na região. E aproveitaram para fazer casamento (dabasa), fazendo bolo e pintar seus afilhados no acampamento. Foram conhecer antiga aldeia Wedezé, que fica na fazenda do outro lado do Rio das Mortes, e ouviram relatos dos anciãos sobre a região antes do contato. Os jovens acompanhavam as pescarias, caçadas, juntos dos adultos, pegando vários tipos de peixes que os jovens não conheciam. Eles sempre viam rastros e ouviam barulhos de bateção de dente de bando de queixadas, e antas entre outras, e caçam para levar para os acampamentos.

Acampamento Adauto-Rio das Mortes

No acampamento Adauto, foi contado que foi muito difícil chegar no local na beira do Rio das Mortes, na estrada o mato já tinha tomado conta, precisou de abrir novamente para o caminhão passar até na beira do rio, deixar as famílias. Quando as famílias terminaram de se instalar no local, foram conhecer os locais de pescas, caças e de coletas de frutas.

Os adultos saiam de barco a motor de polpa com os jovens nas expedições para conhecerem os locais de pescarias, ou andava a pé ou de moto na região para conhecer lugares de caçadas. Retornavam trazendo vários tipos de peixes ou carne de caça para o acampamento e para a sua família.

Aldeia Êtênhiritipá

Na aldeia, as pessoas que ficaram, também fizeram atividades escolares e atividades culturais. Jogavam vôlei, faziam pescaria de timbó nos córregos perto da aldeia. Mandavam mantimentos para os acampamentos de caminhão.

Os professores e os anciãos, que foram acampar com a sua família nos acampamentos, observando os jovens, perceberam que os jovens precisam conhecer mais o território, conhecer os vizinhos fazendas, pescar, caçar e coletar frutas mais, no cerrado.

Na primeira chuva, no final de setembro as famílias retornaram para aldeia. Trazendo muito carne de caça defumado, peixes salgados secos.

Em todos os relatórios, vídeos e fotos apresentados pelos professores e estudantes dos três acampamentos, percebi as práticas pedagógicas existentes nos cotidianos das famílias.

A realidade atual mostra a necessidade de formação dos jovens. Com o vírus do Covid-19, nos três acampamentos no território, tornou evidente que durante o processo educacional na escola Samuel Sahutuwê necessitamos fortalecer a vida coletiva, nas caçadas, nas pescarias nas regiões, principalmente entre os jovens. Esses trabalhos continuam a ser desenvolvidos dos aspectos sociais dos estudantes, na aldeia pelo atendimentos não presencial aos estudantes, nas ações planejados das práticas pedagógicas apresentadas. Atualmente, são fundamentais os conhecimentos dos saberes indígenas, para possibilitar os jovens fazerem expedições com atuação eficiente nas atividades culturais e escolares. Contudo, essas experiências mostraram a necessidade de continuar assegurando a identidade e a cultura dos jovens Xavante (a'uwê), no território, e no espaço escolar.

Figura 5 - Jovem Xavante assistindo rituais Xavante na tv



Fonte: Caimi Waiassé, 2015

Uma jovem com uma criança a'uwê Xavante assistindo a um ritual danhoré (canto e dança) na televisão, em casa, na aldeia Etenhiritipá.

Figura 6 - Estudante não indígena participando de ritual Xavante



Fonte: arquivo pessoal Caimi Waiassé Xavante, 2018

Durante intercâmbio cultural de convivência entre siróma/warazu (não indígena) com a'uwê da aldeia Etênhiritipá. Um grupo de estudantes jovens paulistas sendo preparado para participar do ritual dasiwai'õ (canto e dança).

Figura 7 - Foto representando o intercâmbio Xavante com família não indígena



Fonte: arquivo pessoal Caimi Waiassé Xavante, 2018

Intercâmbio cultural de convivência de família siróma/warazu (não indígena) com A'uwê da aldeia Etênhiritipá. Uma família Catarinense sendo recebi no pátio central da aldeia, e depois foram preparados para paricipar do ritual dasiwai'õ (canto e dança), juntos com as crianças a'uwê Xavante.

Figura 8 - Recorte de mensagem Xavante via aparelho celular



Fonte: arquivo pessoal Caimi Waiassé Xavante, 2021

Quando as pessoas foram acampar no lago Ôtômora, e na beira de Rio das Morte-Adautore-Ape, e algumas familiares que ficaram na aldeia. Só separamos para fazer isolamentos nos acampamentos, por causa da COVID-19, que é uma doença muito perigosa, para que não houvesse proliferação. Por isso, as pessoas dos acampamentos criaram grupos pelas redes sociais, para trocarem informações durante isolamentos. Eles se conectavam, nas redes sociais, quando atravessavam o Rio das Mortes para usar a internet nas fazendas, com permissão dos gerentes de fazendas. E as famílias mandavam mensagens, gravações informando a situação dos acampamentos.

Figura 8 - Gravação representando ritual Xavante

21:03       61%



hõibari dá, duré ripara ptsi ihõimana dzé, itsi
hõiré uptabi'õ róbu hã itsitsé duré, tahawa date
tsaiwiri bötö re mhã itsiwê hã te dawi ti'rãpó
tsitsé uptabi wa, tãmã tsa're tse ödi dá hõibari
dzé hã ãnétsi.....etc!🔥🔥🔥

Ver tradução



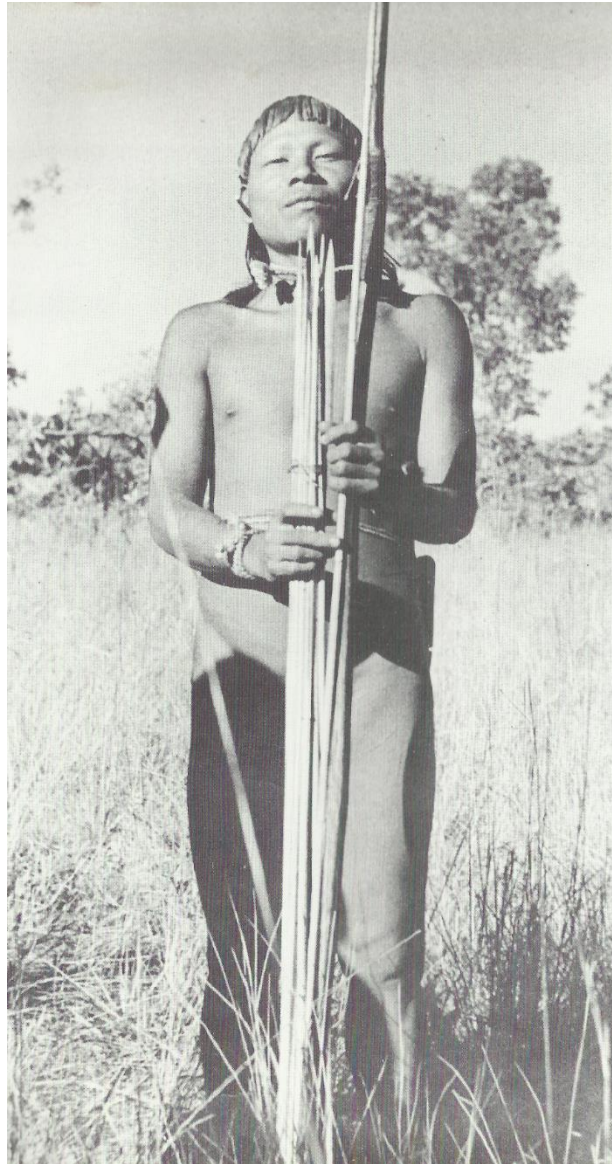
Fonte: arquivo pessoal Caimi Waiassé Xavante, 20221

Tradução: Aproveitar para Fotografar, ela só fica dentro de casa, é difícil vê ela fora de casa, ela é tímida e vergonhosa. Por isso que no dia do meu casamento a minha noiva, ficou com a cabeça baixo de timidez e com vergonha. Por causa disso ela nem percebeu a presenças de tantos fotógrafos. É só isso....etc!!!

Apresentação da noiva (**adaba**) em frente de sua casa, com enfeite de colares de algodão com dente capivara feita pelo seu padrinho familiar, é um momento muito importante para a família e para uma aldeia. Por isso, só quem se aproxima dela é a pessoa escolhida pela família para correr de sua casa, até a noiva que está ajoelhada em frente da sua casa. Para retirar os enfeites da noiva. Assim se encerra o casamento Xavante (**dabasa**). (Registro pessoal de Taís Perãzani'õ Xavante, aldeia 03/02/22).

Atualmente, tem muito grupos no WhatsApp, e no Facebook que foram criadas para fazer divulgação das atividades culturais, coditianos das suas aldeias ou informações dos familiares que moram em outras aldeias e Terras Indígenas. Quando os jovens descobriram o fácil acesso para criar grupo no WhatsApp e no Facebook, começaram abrir grupos sem noção dos perigos que estava correndo.

Figura 9 - Foto Xavante do ano de 1948



Fonte: acervo Ponto de Cultura Apowê, 2022

Meu tio-pai guerreiro Warodi, clã Poreza'õno, grupo etário Hötörã ancião, que foi último grande cacique da aldeia Pimentel Barbosa.

Antigamente meu povo a'uwê usavam para sua defesa o poder do sonho, e as armas, como bodurna e os arcos e flechas. A pessoa tinha uma memória boa, gravava na cabeça para poder contar o que sonhou no outro dia, para se planejar, como nos cantos, nas caçadas, nas pescarias e tinha conexão com a ancestralidade. Agora esta geração tem tido interferência de fora, fato que acabou diminuindo os sonhos. Alguns jovens podem estar tendo bastante sonhos, mas esquecem já no outro dia. As influências das tecnologias acabaram interferindo nessa conexão espiritual na tradição a'uwê. Mas os anciãos já adotaram esta ferramenta como arma. Porque as coisas se complementaram imagem e som ao mesmo

tempo, podendo deixar suas mensagens para esta geração. Porque esta geração pode assistir, dormir e sonhar com algum ritual, sendo assim, uma conexão moderna, um sonho audiovisual .

Metodologia de desenvolvimento das Oficinas Pedagógicas

A primeira coisa que tem de fazer, será a apresentação das práticas escolares para os pais e para as lideranças no Warã – Conselho tradicional, sobre os documentários audiovisual que serão projetados durante os meses na escola. Porque todas as atividades na aldeia passam pelo warã, de lá os pais levam informação confiante para as suas famílias acompanharem o que está ocorrendo na escola.

Nas atividades escolares é sempre convidar os anciãos ou lideranças para relatar a história do nosso povo a'uwê xavante na escolas, para poder dialogar com os alunos (as) ou marcar uma visita na casa do ancião, ouvi seu ponto de vista atual; depois da exposição do convidado o ancião, podemos projetar os vídeos na sala, os documentários programados durante ano letivo; A'uwê uptabi - O povo verdadeiro (32'), Oi'ó – Luta dos meninos (26'), Darini – Iniciação Espiritual Xavante e o Wanãridobê – Canto e dança dos padrinhos e madrinhas (10'). Estes quatros documentários audiovisuais, mostram, os relatos da nossa tradição, história e luta. A partir do ponto de vista do ancião para nova geração A'uwê e para mostrar para o warazu/ siróma, o não indígena pelo mundo.

Fazer uma reflexão sobre os relatos do ancião e os vídeos apresentadas, de como os anciãos aprenderam a importância da linguagem audiovisual para a troca de conhecimento tradicional e usando as novas tecnologias para sobrevivência de nossa cultura.

Depois debater a importância de entender e dominar a linguagem audiovisual, com todos os alunos do 1º Ciclo inicial fundamental e no ensino médio, para preservação do meio ambiente, os animais e a natureza. E na luta política para sobrevivência.

Passar atividades para os alunos fazerem entrevista escrita ou filmagem em celular, com sua família sobre a nossa cultura, ritos e outros, e a influência da tecnologia digital na nossa tradição. Refletir sobre a importância adequada do uso audiovisual no dia a dia na comunidade.

Quinzenalmente, realizar um diálogo com os professores para autoavaliação das atividades desenvolvidos durante a programas na escola e na comunidade. Os professores também irão estudar a troca de conhecimento tradicional transmitida pelo ancião para os alunos, este conhecimento de memorização, observação e a prática da aprendizagem.

Atráves do projeto da Sala do educador, apresentar para comunidade os resultados do trabalho com os alunos: cartazes, palestras, teatro, filmes, estudo de textos referente ao tema , e a conversa no warã – conselho tradicional.

Primeiro documentário realizado pelos anciãos em parceria com as pessoas ligada à produção audiovisual para divulgar a cultura A'uwê Uptabi.

Título Original: A'UWÊ UPTABI - O POVO VERDADEIRO

Direção: PAPIANI, ANGELA / FRANCA, BELISARIO / FLORIA, CRISTINA / SIRIDIWÊ, J.

Duração: 32 `

Produção: ISARI CRIAÇÃO E PRODUÇÃO

País: BRASIL

Idioma: XAVANTE

Legendas: PORTUGUÊS

ANO: 1998

Sinopse

O documentário do nosso povo A'uwê Uptabi, o povo verdadeiro nos transporta para o vasto cerrado ('Ró) do centro oeste do Brasil, no estado de Mato Grosso, na Terra Indígena, para dentro da aldeia Xavante de Pimentel Barbosa (Eterniritipa). Através do relato em nosso idioma tradicional dos homens mais velhos da aldeia, que presenciaram o contato com não indígena (Governo Federal-SPI), entramos num mundo onde o Espírito da Criação está presente, recriando a vida em cada cerimônia, em cada canto, nas atividades cotidianas como a caça e a pesca. A'uwê Uptabi, fala de um tempo antigo, da origem e história do povo Xavante e da chegada do warazu/ siróma, os não indígenas, que transformou a paisagem do cerrado ('Ró) e a vida de povo. A'uwê Uptabi traz a voz de anciões para deixarem aos jovens, para poder manter a Tradição para as futuras gerações, que é e quer continuar sendo A'uwê Uptabi, o povo verdadeiro. Através das imagens podemos dialogar com várias pessoas no mundo. Como diz ancião Wabuá, clã Poreza'õno, grupo etário Nozö'u, "Esta câmera veio para ser nossa aliada, para revelar para os warazu não indígena o nosso pensamento, a nossa verdade".

Etêniritipa

A aldeia Xavante de Pimentel Barbosa. O Núcleo de Cultura Indígena

Apresentam

A'uwê uptabi – Povo verdadeiro

Reserva Rio das Mortes – Mato Grosso

(voz ancião Sereburã, clã Poreza'õno, grupo etário Ai'rere ancião)

- Nós somos o povo A'uwẽ uptabi, o povo verdadeiro.

Nós somos os primeiros habitantes desta terra.

Nós viemos de onde o sol nasce, da raiz dos céus.

Nós somos o povo verdadeiro.

Já existia o céu, mas ainda estava se criando,

Era baixo de um lado.

Igual a uma onda, levantando só de um lado.

O povo antigo não queria o céu. E foram tentar derrubar com o machado.

Eles batiam, abriam um buraco no céu, mas ele fechava.

Foram batendo, batendo com o machado e os buracos se fechando.

Iam cortando e o céu se fechando. Então desistiram de derrubar.

Foi assim que o céu se criou.

Wasi waburezé – Tradição

(voz do Milton Nascimento-cantor/artista que colaborou com narração)

(Clips cotidianos da aldeia)

Cortamos o cabelo assim, tiramos as sobrancelhas e os cílios, usamos as gravatas cerimoniais, o brinco, a pintura preta e vermelha de urucum, carvão e jenipapo. Cordinha de buriti nos pulsos e nas pernas. Temos a história do nosso povo apenas na memória, e mesmo assim, só com as palavras mantemos a nossa história viva, contando um para o outro. A palavra segue de geração, a geração. O *hõ*, é a casa dos adolescentes, onde vivemos reclusos, todos os meninos de uma mesma geração. Aprendendo com nossos padrinhos os fundamentos da tradição. Quando estamos no *Hö*, somos chamados de *Wapté*, aqui somos preparados a vida, as cerimônias, os conhecimentos do nosso povo, são transmitidos no *Hö* pelos nossos padrinhos. *Wa'i* é a luta cerimonial entre os padrinhos e os *wapté*. Durante cinco anos de formação que ficamos no *Hö*, lutamos o *wa'i*. Os *'ritei'wá* que já furaram as orelhas que já saíram do *Hö*, também lutam o *wa'i*, para revelar para toda aldeia a sua força e preparo, derrubando os padrinhos dos *Wapté*. Assim, seguimos transmitindo a tradição herdado dos nossos ancestrais, para futuros gerações.

Uiwede, é a corrida de tora de buriti. O povo antigo já fazia Uiwede. Já cortava a palmeira de buriti, e preparava os troncos para correr, como fazemos ainda hoje. Antes da corrida, os dois grupos se preparam com pinturas e enfeites, se pinta de vermelho de urucum e o preto de carvão. Se enfeitam com colares de algodão com dentes de capivara, com gravata, e com cordinha de embira nos pulsos e nas

pernas. Cada equipe reúne representantes das várias gerações e dos clãs. Poreza'õno e o Öwawê. A tora é passada de ombro a ombro, deste muito longe, até chegar no pátio da aldeia. Tem de correr muito, tem de superar o cansaço, suportar o peso da tora e vencer a corrida. A equipe tem que representar o Hö, vencer em nome da casa, onde é transmitido toda tradição.

A perfuração de orelha é uma cerimônia de toda aldeia... a geração que já concluíram período de formação, tem a responsabilidade de passar a tradição para os novos. Os meninos que estão se formando, tem que mostrar a sua força interior. Mostrar que aprenderam os ensinamentos e que estão prontos para a vida. É um momento decisivo, porque voltamos a conviver com as nossas famílias e temos que nos comportar como adulto.

O Wanãridobê, é a verdadeira expressão identidade do povo A'uwê. Este ensinamento o povo antigo ouviu e aprendeu com os nossos ancestrais, o "Sarewa". Quando os Wapté que ficaram reclusos no Hö, furam as orelhas acontece o Wanãridobê, a cerimônia dos padrinhos (as). Este conhecimento não foi inventado, não surgiu por acaso. Em Êtênhiritipá, nós mantemos vivos os espíritos da criação. ...o espírito da criação vai permanecer vivo.

(Voz do ancião Wabuá, clã Poreza'õno, grupo etário Nozö'u ancião):

Esta câmera de filmagem veio para ser nossa aliada,...

... para revelar nosso trabalho, nossa verdade.

Através desse aparelho vocês vão nos ouvir e nos respeitar.

Este é o nosso pensamento, nossa idéia.

Wahöïmanazé – Ciclo da vida

(voz do Milton Nascimento-cantor/artista que colaborou com narração)

O povo A'uwê já vivia na Terra.

Fomos os primeiros habitantes. Mas não conhecíamos os costumes dos Warazu.

Nós somos de uma linhagem antiga. Temos nossa tradição para curar quem está doente. Nascemos homens para curar nossas doenças para curar tudo o que há de ruim no mundo. É assim que nós vivemos, fazemos cerimônia de cura com a força do canto que reúne todos os homens, com as forças do sopro e das mãos do curador.

Quando chega o tempo da seca é o tempo da caçada de fogo, na lua crescente. Quando a constelação "Siruro" está alta no céu e o vento é próprio, é o tempo da caçada de fogo. De manhã, bem cedo, eles se pintam e se reúnem no Warã para cantar. O canto prepara a caçada.

Os guerreiros se reúnem no Warã, para decidir o lugar e como vai ser a caçada. Após a preparação o sonho orienta o caçador.

Os escolhidos para começar o fogo vão na frente, tem de conhecer bem o lugar, saber onde colocar e como controlar o círculo de fogo.

O fogo queima o capim seco e espanta os bichos, assim os caçadores se preparam e fecham o circo.

A tradição milenar do nosso povo, transmitida de geração a geração, sabe como usar o fogo, sem destruir o cerrado. Usar sua força renovadora, que faz germinar as sementes e brotar os capins novos.

O povo A'uwê é caçador, precisa andar muito atrás da caça que alimenta o corpo e o espírito.

Sem a carne de caça o povo A'uwê não sonha e o sonho é a base da nossa tradição. Quando a caçada é boa toda a aldeia se alegra. Quando os caçadores chegam com muito carne. As famílias tem de pedir para fazer um casamento. O noivo tem que carregar sozinho a caça toda até a casa da noiva.

Nosso povo não casa, por vontade própria, a decisão é de nossos pais. No dia do casamento o padrinho que prepara a noiva...Pinta seu corpo com urucum e carvão. Ponha cordinhas nos seus pulsos e pernas, gravata e colares de algodão.

A retirada dos colares encerra a cerimônia de casamento e o noivo vai viver na casa da sua esposa.

Aprendemos a conhecer e viver neste lugar, este território é fundamental para continuar a nossa tradição.

Tudo que precisamos para a nossa vida está aqui. O alimento, a palha de buriti para as casas, cestas e esteiras. A madeira mais apropriada para os brincos, as bordunas, os arcos, e flechas.

O povo antigo era nômade, andava muito, percorria todo território, acampava e seguia de novo, ia longe, até perto de Cuiabá. Assim, as novas gerações conheciam todo o território.

Hoje estamos cercados, já não podemos andar como antigamente.

Nossa aldeia está parada em um lugar. Mas ainda assim, fazemos acampamento com as nossas famílias para caçar, pescar, coletar frutos e raízes.

É bom andar no cerrado, conhecer os lugares que nossos antepassados percorreram, estar em lugares novos com cheiro bom de mato com água limpa.

Os homens queimam o mato seco onde vai ser montado o acampamento para afastar os bichos e proteger as crianças.

As mulheres pegam os galhos para fazer as casas, e tecem cestos com folhas de buriti.

As crianças se alegram, é um tempo de liberdade e descobertas.

Enquanto as mulheres preparam os acampamentos, os homens vão para o rio para fazer a pescaria de cipó. Cada pescador escolhe o melhor lugar para bater o cipó.

O cipó é jogado na água, para deixar os peixes tontos e o pescador revela a sua habilidade com arcos e flechas.

(voz ancião Sereburã, clã Poreza'õno, grupo etário Ai'rere ancião):

Já estou fraco, estou ficando velho.

Sei que vou embora logo.

Não é de agora que estamos aqui.

Somos de uma linhagem antiga.

O espírito da criação sempre esteve e vai estar presente aqui. Sempre.

Mesmo quando eu morrer o espírito da criação...

...vai permanecer para que meus filhos...

...possam transmiti-lo para os filhos deles.

Nós viemos de lá, onde aparece o sol, fugindo dos warazu.

Eles foram chegando, começaram derrubar o mato, a ocupar tudo.

Atravessamos o Rio das Mortes, pensamos que ia tudo certo. Mas o boto aparece e dividiu o nosso povo.

Os antigos ficaram com medo do barulho e dá água, que ele espirrou. Só um pouco atravessou, os outros ficaram em Goiás.

Os homens atacaram o avião com flechas e bordunas. Ele vem de trás da Serra e passou por cima da aldeia. Pensamos que o avião ia acabar com nosso povo. Ele voou bem baixinho, dava muito medo, muito medo. Tinha gente correndo de um lado para o outro, todo mundo apavorado, escondendo os filhos sem saber o que fazer, o barulho era muito forte, muito grande.

Wamrêmé êzé – Contato

“O contato irreversível para o povo Xavante se deu a partir de 1946. A marcha para o oeste era uma das prioridades do governo Getúlio Vargas.”

(Voz do ancião Wabuá, clã Poreza'õno, grupo etário Nozö'u ancião)

Hoje, governantes e poderosos, vão me ouvir.

Vocês pensam que conhecem nossa tradição.

Por isso seus filhos continuam seguindo suas ideias erradas.

Continuam desrespeitando o nosso povo.

Vocês não sabem nada sobre tradição.

Não se preocupam em entender o verdadeiro conhecimento.

Nunca pensam nas consequências das suas atitudes.

Nenhum de vocês nunca entrou em nossa casa com respeito...

...para vivenciar o conhecimento, a nossa tradição.
Vocês andam de avião o tempo todo,...
...não sabem como é andar com o pé no chão.
Aqui em Eteñiritipá nós seguimos vivendo com nossa tradição.

(Voz do ancião Hipru, clã Öwawê, grupo etário Etêpá ancião)
Nós vivíamos dentro da nossa tradição. Em paz.
Nosso povo ia longe, atrás da caça.
Aí vocês vieram e atravessaram o nosso caminho.
Não respeitaram nosso povo.
Então foi isso que vocês vieram!
Com sua hipocrisia, com seus presentes...
...para enfeitiçar nosso povo.
Acreditamos que eram boas as suas intenções.
Pensamos que era um ato de amizade sincera.
Aceitamos os presentes.
Era uma forma de aproximação.
Acreditamos que aceitando vocês iam nos respeitar.
Mas vocês dizem que estamos integrados, ...
...que perdemos nossa cultura.
Vocês estão enganados.
Aqui em Eteñiritipá a força da Criação permanece viva.
Somos o povo verdadeiro.
Vamos manter a tradição herdada de nossos ancestrais.
Por isso vocês devem nos respeitar.
Aqui em Eteñiritipá somos o povo verdadeiro. A'uwẽ uptabi. É assim.
(voz ancião Sereburã, clã Poreza'õno, grupo etário Ai'rere ancião)
Eu vou falar sobre o nosso território.
Este era o nosso território.
Aqui só existiam nossas trilhas.
Agora não temos mais espaço.
Os warazu chegaram e ocuparam tudo.
Desmataram, abriram estradas.

É vergonhoso.
Só nós temos o respeito.
Vocês fazem com a gente como na caçada ao queixada.
Estamos cercados, acuados.
Nós não sabíamos da existência do warazu.
De repente, sem respeitar nosso povo...
...vocês rasgaram o nosso território, ...
... abriram a estrada para S.Felix, ...
... Sem pensar que as consequências da estrada...
... Seriam muito ruins.
Este era o território para os nossos netos.
Sinto pena por tudo que perdemos.
Pela liberdade que eu vivi e que meus netos nunca vão conhecer.
Isso dói em mim.
Mas mesmo, com nosso espaço reduzido...
E para que os filhos deles também transmitam...
...para seus filhos e netos.
Assim, aqueles que ainda vão viver neste lugar, ...
... vão saber cuidar da Terra e da herança que receberam.
Vão ficar firmes.
Enquanto eu ainda viver, enquanto eu tiver forças...
...eu vou seguir cuidando da tradição.
Porque ela vem de antes de nós e dever seguir a frente. Sempre.
O povo de Eteñiritipá vem lutando nos últimos anos contra a implantação de uma hidrovia no Rio das Mortes que ameaça mais uma vez a integridade de seu território.

Direção

Angela M. Pappiani

Belisário Franca

Jurandir Siridiwê Xavante

Cristina M. Simões Flória

Direção de fotografia

Sylvestre Campe

Edição

Márcia Watzl

Isabela Monteiro de Castro

Roteiro

Angela M. Pappiani

Pesquisa

Cristina M. Simões Flória

Narração

Milton Nascimento

Produção

Isari Criação de Produção

Co-Produção

GIROS

Societtá

Clear Ligh

CDI Virtual Film

JB Tanko

Assist. de Câmera e Som Direto

Gustavo Gama

Reinaldo Zangrandi

Assistentes de Produção

Paulo Supretaprã

Suptó Wairi

Jurandir Siridiwê

Erliê Pedro Lacerda

Antonio Celso de Oliveira

Imagens Aéreas

Sylvestre Campe

Operação de Trike=Luis Roberto Formiga

Balão=Aquilino Gimenes

Finalização Flame

Robson Sartori

Sonorização

Alexandre Reis

Operador de Edição

Adriano Grandi

Secretaria

Adriana V. Moreira

Imagens em Hi – 8

Caimi Waiassé

Tradução de Xavante

Paulo Supretapã

Jurandir Siridiwê

Arte

Jurandir Siridiwê

Imagens de Arquivo

Sertão: entre os índios do Brasil Central

Frente a frente com Chavantes

Cinejornal Brasileiro Vol. IV. Nº 33

Trilha Sonora

Túlio Mourão

Paulo Guimarães

Cidinha

Gravação de Trilha Sonora

Produtores Associados

Gravação da Narração

Estúdio 100

Apoio

Suporte Video

Quality Arts

Magnestoscópia

Cinemateca Brasileira

Agradecimentos

Ailton Krenak, Arthur Shaker

Inimá e Maira

Haruê e Warodi

Edson Nishi e família

Sr. Eurico e D. Zilda
Claudinha Ferreira, Cláudia Lima
Branner, Jutilde
Elisa Otsuka, Márcio Medina
Wagner Pinto, Adauto Novaes
Cecilia Londres, D. Abgail Lopes
Liz Hosken e Edward Posey
Bubby Negrão e Viviane
Vanessa e Elias
Virginia e Toninho
Laurinha e Cláudio
Ana Paixão, Ricardo Fernandes
Walter e Silvana, Rui Arantes
Marcos e Glorinha, Biel Fortuna
Severía e Cipassé
Ana Paula, Angela Canal
Elsa, Chico
Dr^a. Marli e Marcelo
Cidão, Matias
Guga Stroter, Andres Castilho
João Elias Álvares, Cristina Vargas
Sesc-Rio
Hospedaria Mantovani
Postinha Telefônica da Matinha
Múltipla

Trilha Sonora

Etenhiritipa: Cantos da Tradição Xavante

Músicas Editadas por Três Pontas

Du nhõre
Marãre Danhõre
Howaho Dazarono
Danhi Marãtaptó
Dasiwaiwere

Popara nhõre
Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa
Núcleo de Cultura Indígena

1998

Título Original: OI'Ó – LUTA DOS MENINOS

Direção: CAIMI WAIASSÉ/ JORGE PROTODI

Duração: 26`

Produção: NOSSA TRIBO

País: BRASIL

Idioma: XAVANTE

Legendas: PORTUGUÊS

ANO: 2009

Oi'ó – A luta dos meninos. Nosso povo A'uwê uptabi Xavante, a partir dos dois anos de idade até os quinze anos, lutam como primeiro teste de resistência à dor, o medo serve para tornar o menino forte e formar o seu caráter. Quando as crianças da aldeia brigam muito, os anciões se questionam sobre a situação no warã – reunião dos homens. É nesse contexto que se realiza a cerimônia Oi'ó, que é uma luta dos meninos. A luta do oi'ó tem regras rígidas, que são ensinadas pelos pais e tios para a criança; se desrespeitadas, ele sofrerá vaias do público, pelos dois clãs. Aqueles que são considerados bons nesta luta são respeitados pela comunidade por toda a sua vida.

No Oi'ó lutam sempre os dois clãs Öwawê com o Poreza'õno. Este enfrentamento não determina um vencedor, mas sim a rivalidade entre os dois clãs. A finalidade da cerimônia é que os anciãos vejam o desempenho dos meninos, e se são bons guerreiros e caçadores, como também, para que todos os garotos reconheçam a dor e o medo para não ficarem brigando sem necessidade. Deste modo, os garotos aprendem o que é sentir dor na vida, como ela é e, conseqüentemente, o respeito ao próximo.

No último oi'ó do pré-adolescentes (ai'repudu), toda a família fica envolvida: o avô, os pais, os tios, reafirmam os ensinamentos para que ele não cometa nenhum ato ilegal, pois isso seria uma vergonha irreparável para toda a família. Essa última luta que acontece antes da pré-adolescência entrar no **Hõ**, a casa dos adolescentes, e a partir de então ele não será visto em público, só nos rituais de danças e cantos.

(Abertura do vídeo)

Oi'ó – Luta dos meninos

(Início com grito de chamada dos 'ritei'wá rapazes do centro warã, para luta do oi'ó-)

(De madrugada os pais preparam seus filhos para a luta/ e as mulheres preparam o bolo no forno tradicional).

Diálogo de crianças/ adultos durante a pintura:

- Heim? Onde você vai bater? Aqui na costela? (adulto-Eurico)

- Aqui, aqui mesmo. Aqui embaixo. (criança-Gonzalo)

- Nossa, Tutu! Sua pintura no cabelo está muito boa. Assustadora! (Eurico)

- Gonzalo, não deixe o Tutu fazer você chorar não. – Acabou. Todos prontos?

Um pai (Bonfim) aconselhando os filhos para a luta:

- Preste atenção. Essa raiz dói bastante. É uma tradição Xavante muito antiga. Você vai sentir dor, mas não se concentre na dor.

Título: Oi'ó – A luta dos meninos

(Clareando o dia, inicia a primeiras lutas das crianças menores de 2 anos mais ou menos):

Depoimento sobre a luta da liderança Protodi, clã Öwawê, grupo etário Hötötã;

- Desde pequenos, os meninos do povo Xavante formam grupos de idade parecidas. Os velhos observam. Quando chega o tempo certo os velhos decidem que está na hora dos meninos mais velhos, os "Ai'repudu", entrarem no Hö, a casa dos adolescentes. Desde os dois anos de idade, eles participam várias vezes do Oi'ó. Quando o milho está crescendo, na época das chuvas, é o tempo do Oi'ó.

('Runhãmri-Benedito, clã Öwawê, grupo etário Sada'ró ancião, toca flauta-pawã, e grita de chamada).

Depoimento do 'Runhãmri, liderança do ritual:

– O som da flauta e o grito chamam o pessoal do conselho para o ritual. Isso a gente faz há muito tempo.

Depoimento do Prasé, clã Öwawê, grupo etário Nozö'i ancião, liderança do ritual. – Mesmo com a voz fraca, vou chamar o pessoal para o Oi'ó:

- Eu vim para esta reunião para passar informações para vocês. – Está chegando a hora do ritual e temos de estar prontos. Amanhã, vocês vão preparar o material para o Oi'ó. Vocês têm de preparar a raiz do oi'ó.

(Enquanto isso as mães preparam os bolos no forno tradicional em suas casas).

(Os jovens "ritei'wa, sai de suas casas para fazer reunião da juventudes-warã no lugar oposto).

Depoimento no mato de jovem 'ritei'wa, Iwapariwê, clã Öwawê, grupo etário Tirowa:

- Estou pegando raiz de Oi'ó para os meninos que vão lutar. São os jovens que retiram as raízes. A luta do Oi'ó é dolorida. Quando um lutador é bom a gente fica com medo. Porque ele bate com força, bate bem forte sem dó. Mas nossos pais sempre nos incentivam.

Depoimento do Wabuá, clã Poreza'õno, grupo etário Nozö'i ancião, liderança do ritual:

– Os jovens 'ritei'wa vão preparar o Oi'ó. Com tinta de jenipapo, fazemos os símbolos dos clãs: Öwawê e o Poreza'õno.

(Os jovens 'ritei'wa no warã-juventudes, pintando as crianças no rosto, os símbolos dos clãs)

- Depoimento dos jovens 'ritei'wa Hibrê, clã Öwawê, grupo etário Tirówa:

– Esta é a tinta de jenipapo. Só os jovens fazem estes símbolos nos meninos. – O símbolo do clã Öwawê é parecido com trave, mas representa a água. O do Poreza'õno é um girino.

Depoimento de liderança jovem Tsirú, clã Poreza'õno, grupo etário:

- Nossos pais nos preparam desde pequenos para lutar, para testar nossas habilidades, nossa coragem nossos medos.

Depoimento do Wabuá, clã Poreza'õno, grupo etário Nozö'u ancião, liderança do ritual, durante banho de ervas nas crianças:

- É assim que somos preparados com banho de ervas. Passamos no pescoço para que os meninos não se cansam facilmente.

Depoimento do lutador de Oi'ó, adolescente Baroti, clã Öwawê:

- Quando velho chama a gente para tomar chá de erva, a gente vai correndo. Aí, eles picam a gente com um formigão. A dor da picada é muito dolorida. Tem gente que não aguenta.

Depoimento do Wabuá, clã Poreza'õno, grupo etário Nozö'u ancião, liderança do ritual, durante banho de ervas nas crianças:

- Nossos pais sempre falam, quando tomamos o chá, para a gente não cuspir as ervas. Falam que assim sentiremos menos dor. Falam para a gente não comer muito para não passar mal na hora da luta. Isso faz parte da tradição, vem sendo repassado há muito tempo.

- Coragem, coragem! Na hora da luta, vai ter muita gente falando e gritando. Não se assusta.

- Este está empolgado para a luta.

(Orientação do ancião Wabuá para os netos durante o banho de ervas).

Depoimento do lutar de Oi'ó, adolescente Baroti, clã Öwawê:

- As pinturas do Oi'ó e os gritos são assustadores. Eu mesmo fico assustado. Quando se aproxima o dia, dá medo. Porque dói demais.

Depoimento Hibrê, clã Öwawê, grupo etário Tirówa:

- Na noite anterior, nos dormimos cedo. De madrugada nossos pais, nos preparam para a luta, que acontece antes de o sol nascer.

Depoimento sobre a luta da liderança Protodi, clã Öwawê, grupo etário Hötötã:

- A luta é muito importante. A maneira como o menino luta, mostra se ele será bom guerreiro e caçador. É lutando que eles se fortalecem.

Depoimento Hibrê, clã Öwawê, grupo etário Tirówa.

- Quando está doendo muito, nossos pais fazem massagens. Os pais perguntam se está tudo bem. Se tiver, lutamos novamente. Tem hora que a dor é insuportável. A gente desiste e avisa o nosso pai.

- As pancadas do Oi'ó são bastante doloridas. Quando pegam nas costelas ficamos até sem fôlego.

Depoimento sobre a luta da liderança Protodi, clã Öwawê, grupo etário Hötötã:

- Os meninos aprendem a resistir à dor e a superar o medo. Aprendem a respeitar os outros. Aprendem a seguir regras. A luta do Oi'ó tem muitas regras, que são ensinadas à criança pelo pai.

(Diálogo durante a luta dos pais)

Sereru, clã Poreza'õno, grupo etário Hötörã:

– Angelo, vem lutar com o Mateus. O Mateus está pronto.

- Quem? (clã Öwawê responde)

- Vem Angelo. (clã Poreza'õno-chama)

- Não, deixa para lá. (clã Öwawê responde)

- Vai lá, coragem, coragem. (clã Poreza'õno-chama)

-Nossa!! (clã Öwawê responde)

- Agora é a sua vez. (clã Öwawê responde)

-Pode vir. Segura direito. Não tenha medo. Vai lá e lute. (clã Poreza'õno-chama)

Depoimento de um lutar adolescente Baroti:

– A gente tem de aguentar firme. O objetivo é resistir o máximo possível.

Serewa'õmowê, clã Poreza'õno, grupo etário Anhanarowa.(diálogo na luta):

- Mande seu filho vir buscar esta bolsinha.

- Segura firme agora, filho, segura direito, não é assim. Segura direito é vai lutar. (Pai preparando o filho para luta-Dirceu clã Poreza'õno, grupo etário Anhanarowa).

- Não chora não, vai passar. (Pai acalmando o filho depois da luta, clã Öwawê). Dirceu

Depoimento do lutar de Oi'ó, adolescente Baroti, clã Öwawê:

- A dor que nós sentimos, só nossa mãe sente igual.

(Diálogo do clã Poreza'õno, chamando outro).

- Companheiro, meu filho já cresceu, manda o “Warité vir lutar de novo. (Poreza'õno)

- Segura direito a raiz. Vai, vai “Warité”, coragem, coragem! (Öwawê)

Depoimento do Prasé, clã Öwawê, grupo etário Nozö’i ancião, liderança do ritual:

- Está bom, muito bom, a primeira vez é sempre assim.

Depoimento do lutar de Oi’ó, adolescente Baroti, clã Öwawê:

- Os mais velhos, como eu, são reunidos na última casa. Cada clã fica de um lado da casa. Lá, a gente se concentra para a lutar.

Depoimento de liderança jovem Tsirú, clã Poreza’õno, grupo etário:

- As pinturas são diferentes. Alguns pintam a barriga de preto, outro pintam de vermelho. Os mais robustos são pintados de preto. Outros, de vermelho. Em toda luta de Oi’ó, as pinturas são feitas assim.

Depoimento sobre a luta da liderança Protodi, clã Öwawê, grupo etário Hötötã:

- Toda a família, os pais, avós e tios (as), fica envolvida. Quem não segue as regras é vaiado por todos. Se ele não segue as regras, envergonha toda a família.

(Diálogo de uma mãe Zewasi do clã Öwawê, grupo etário Ai’rere):

- Os dois estavam se provocando muito antes da luta, faz tempo. Ele vai lutar contra o Basílio. Vai lutar com muita força.

Depoimento do lutar de Oi’ó, adolescente Baroti, clã Öwawê:

- Quem começa a luta dos maiores, é o mais velho deles. É o que tem mais coragem e iniciativa para a luta.

Depoimento sobre a luta da liderança Caçula, clã Öwawê, grupo etário Hötötã:

- Você vai lutar contra aquele lá. (pai Öwawê dialogando com filho)

- Nossa! Como ele é grande. Não, não. (filho Öwawê respondendo)

- Tudo bem. Vai lá e bate forte. Vai lá, não é só você que vai lutar. (pai Öwawê dialogando com filho)

(Diálogo do clã Poreza’õno, chamando outro):

- Esta raiz está boa, é bem forte.

Depoimento do lutar de Oi’ó, adolescente Baroti, clã Öwawê.

- Quem é bom lutador tem uma boa ginga.

(Diálogo Upariwê, clã Poreza’õno, grupo etário Ai’rere, chamando outro):

- É aquele lá? Nossa! Ele é bem grande. Mas foi lá. Coragem.

Depoimento do lutar de Oi’ó, adolescente Baroti, clã Öwawê:

- Devia ter batido com mais força. Mas foi uma boa luta.

Depoimento de liderança jovem Tsirú, clã Poreza’õno, grupo etário:

- O Oi'ó é a luta mais importante antes da entrada na casa dos adolescentes, o "Hö". Depois deste ritual, os jovens vão para o "Hö".

Depoimento do Prasé, clã Öwawê, grupo etário Nozö'i ancião, liderança do ritual:

- O sol já está nascendo. Então, vocês vão lutar sem intervalos. O sol está alto, a luta está encerrada. – Todos estão de acordos? – Sim, sim.

Depoimento sobre a luta da liderança Protodi, clã Öwawê, grupo etário Hötötã:

- Os pequenos, "watebremini", ainda vão lutar outras vezes, até se tornarem maiores, ai' repudu. É quando participam do último Oi'ó. Depois, vão viver no "Hö", onde se tornam "Wapté".

Depoimento do Prasé, clã Öwawê, grupo etário Nozö'i ancião, liderança do ritual:

- Estamos reunidas para dizer aos que recebem os anéis de algodão, quantos jovens vão entrar no "Hö".

Depoimento sobre a luta da liderança Protodi, clã Öwawê, grupo etário Hötötã:

- Os Wapté vivem no "Hö" por cinco anos. No "Hö" cumprem rituais, para aprender as tradições de povo Xavante. Ali aprendem a ser bons guerreiro e caçadores.

Depoimento de liderança jovem Tsirú, clã Poreza'õno, grupo etário Etêpá:

- Nós, os padrinhos, estamos preparando para buscar os meninos que vão entrar no "Hö". No momento em que tiramos os anéis de algodão, os meninos se tornam todos "Hö'wa", ninguém mais pode chamá-los pelo nome.

Depoimento de liderança jovem Sereni'esewê, clã Poreza'õno, grupo etário Etêpá:

- Eu vou buscar o último menino para trazer para o "Hö". Por isso, estou observando a aldeia. Estou esperando chegar a minha vez.

Depoimento de avó depois do choro cerimonial, Wa'utomo'awê, clã Poreza'õno, grupo etário Tirówa anciã:

- Estou chorando porque meus netos foram embora, foram para o "Hö".

Depoimento do pré-adolescente Wapté no Hö, Jururã, clã Poreza'õno:

- Agora estamos na casa dos adolescentes, o "Hö". Agora não tem mais luta. Acabou a nossa fase de luta do Oi'ó. No "Hö" todos somos amigos uns dos outros. No "Hö" todos se respeitam, pois todos aprendemos juntos.

(Os pais levam esteiras para seu filhos no Hö)

Depoimento do Prasé, clã Öwawê, grupo etário Nozö'i ancião, liderança do ritual:

- Agora, que o grupo está no "Hö", aprende uma música com os padrinhos. É importante, porque o grupo (Nozö'u) vai ser apresentado de casa em casa. Nas visitas, eles cantam a música que aprendem. Isso é importante para a formação deles.

Depoimento sobre a luta da liderança Protodi, clã Öwawê, grupo etário Hötötã:

- Só depois de furar as orelhas no “Danhõno” (Fase final ritual de encerramento de reclusão), é que eles se tornam ‘Ritei’wá” (rapazes). Então voltam a viver com os pais e já podem se casar. – Nossos meninos vão aprender as regras do Oi’ó. E quando os velhos decidirem que é tempo, a luta começa outra vez. Os pais orientam, os filhos lutam. Essa é a antiga tradição.

Crédito:

Direção: Caimi Waiassé Xavante

Roteiro: Caimi Waiassé Xavante/ Rosa Gauditano

Roteiro de montagem: Caimi Waiassé Xavante/ Jorge Protodi/ Eduardo Garcia/ Alfredo Dias D’Ameida

Montagem: Caimi Waiassé Xavante/ Jorge Protodi/ Eduardo Garcia

Desenho de som masterização: Davi Menezes

Imagem: Caimi Waiassé Xavante/ Jorge Protodi/ Jurandir Siridiwê/ Estevão Nunes Tutu

Som direto: Pedro Sereru

In memorian:

Jussara Pe’aruiwê

Samuel Sahutuwê

Título Original: DARINI – INICIAÇÃO ESPIRITUAL XAVANTE

Direção: CAIMI WAIASSÉ/ JORGE PROTODI

Duração: 46’

Produção: NOSSA TRIBO

País: BRASIL

Idioma: XAVANTE

Legendas: PORTUGUÊS

Ano: 2005

Sinopse:

Os A’uwê uptabi Xavante moram na aldeia de Pimentel Barbosa (Etênhiritipá), na Terra Indígena de Pimentel Barbosa, ao norte de Mato Grosso. Ali vivem uma população de 500 pessoas, crianças, jovens e anciões, que participaram das gravações de Darini, Iniciação Espiritual Xavante. As filmagens foram gravadas pelos próprios cineastas a’uwê, Caimi Waiassé e Jorge Protodi, a pedido dos anciões da aldeia onde moramos, como forma de documentar a cultura para as futuras gerações. E para finalizar o documentário para divulgação, os dois contaram com o apoio da Faculdade de Comunicação Metodista e da Organização não governamental Nossa Tribo (Ong). Esse DVD é apresenta dia após dia esse rico e

importante ritual, narrados pelos anciãos. Dessa forma, sem a interferência do olhar dos não indígenas, tem-se a verdadeira dimensão, emoção e sinceridade que envolvem esse rito ancestral, transmitido dos mais velhos para os mais novos desde o início dos tempos.

Darini é o nome do ritual de iniciação que só acontece de 15 em 15 anos. Durante toda a sua vida, os homens A'uwê uptabi Xavantes, passam por inúmeros rituais de iniciação, mas é no Darini onde os jovens e as crianças iniciadas aprendem pela primeira vez a importância de sua cultura, por meio de músicas e danças, repetidas diariamente durante um mês, no warã, centro da aldeia. No qual os jovens e crianças são iniciados ao mundo espiritual para desenvolver o seu poder de cura e o poder de sonho. Assim, nós, os A'uwê Xavante acreditamos que fortalecemos tanto o físico, como o espírito.

Filme realizado no âmbito da série Amanajé, mensageiro do futuro/2016

Roteiro e Edição: Assembleia Xavante-warã

Direção: Caimi Waiassé e Jorge Protodi

Fotografia: John Xavante, Utebrewê Xavante, Dário Xavante, Hugo Serewanoiwê

Som direto: Dadu Suwewari

Produção: Jurandir Siridiwê Xavante, Serepapa Xavante.

Sinopse:

WANARIDOBÊ é uma dança dos padrinhos e madrinhas, quando um grupo de jovens após cinco anos sai da reclusão Hö. Quando o rapaz fura a orelha, e deixa ser wapté (adolescente) e se torna um ritei'wa (rapaz) ele sai da casa dos adolescentes e pode se reintegrar na comunidade. Porque pode assumir maior responsabilidade sobre a nossa origem A'uwê uptabi xavante, assim como pode constituir família. Neste momento, os padrinhos e madrinhas fazem essa cerimônia de encerramento no centro do pátio da aldeia, o warã, dançando e cantando vários tipos de cantos durante a noite inteira até amanhã. Através dos processos de socialização e de transmissão de conhecimentos, a essência do povo A'uwê Xavante permanece, geração após geração, e o ensinamento do “Sare'wa”, nosso povo invisível ancestral, que somente sentimos sua presença ao nosso redor.

Título: Wanãridobê – Canto e dança dos padrinhos e madrinhas

Depoimento liderança Valmir Serewa'ômowê:

- Há muito tempo, quando as pessoas se dividiram. Cada um seguiu um caminho, nessa caminhada os mensageiros ouviram um Canto especial, cada um decorou um trecho da música para depois apresentarem na aldeia e levarem a música para o povo, a partir daí começamos a cantar e dançar a música em cada rito de formação de cada geração. Os cantos do nosso povo foram aprendidos com os “Sa'rewa” o povo invisível. Eles nos acompanham e nos observam até os dias de hoje. As músicas deles só podem ser cantadas nesse ritual, principalmente as crianças não podem cantar em ~~qualquer~~ nenhum

momento, é uma música sagrada. Se elas cantarem, podem ser raptadas pelos ‘Sa’rewa”. Com esse canto fazemos o ritual em cada aldeia, continuando essa antiga tradição do canto.

Depoimento liderança de ritual Benedito ‘Runhamri:

- O canto Wanãridobê é muito dolorido, parece quando apostamos corrida. Esse canto é dos padrinhos, é muito puxado, ficamos doloridos, joelhos, pés, tornozelos, dói muito, dói muito mesmo.

Depoimento vice-cacique Serepapa:

- Eles são como a gente, mas não podemos vê-los, mas eles se transformam para que nós os vejamos. Foi deles que nós aprendemos esse canto que os A’uwê uptabi – Xavante praticam.

Depoimento liderança Tewê:

-Esse canto não tem descanso, esse é o último ritual de passagem dos adolescentes para a idade adulta, por isso o ritual é sagrado. Não pode ser cantado fora da época.

Encenação pelo grupo de jovens a’uwê sobre o mito (teatro para filmagem):

- Escute esse canto.

- De onde vem?

- De lá.

- Vamos lá?

- Cada um decora um pedaço.

-Sim.

Isso mesmo, então vamos lá.

Depoimento liderança jovem Utebrewê:

Esse canto nunca vai acabar, mesmo que a cultura não-indígena tenha nos cercados, o canto do Wanãridobê vai se manter viva entre nós. Nunca irá acabar. Nós, jovens, vamos continuar praticando esse canto Wanãridobê. Era essa minha mensagem. Meu nome é Utebrewê.

REFERÊNCIAS

BRASIL, CAPES. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019a
em: <https://ufrb.edu.br/ppgap/images/DiretrizesparaqualificaodePTT.pdf>.>
25/07/2022.

<Disponível
Acesso em

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019b.
<https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ENSINO.pdf>.> Acesso em 25/07/2022.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, L. Maria. **Mídia-educação: Conceitos, história e perspectivas**.
Campinas: Editora CEDES, 2009. Revista Educação & Sociedade vol. 30, n. 109, p. 1081-1102,

set./dez. 2009 1081 Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 21/07/2022.

BARABERO, Martín Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação. cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0ByGOj9gW1Y7QkNoaERxQlNUdjQ/view?resourcekey=0-Ongi-aARmfETLdSem1EB2A>> Acesso em 22/07/2022.

CHAMPANGNATTE, O. de Mariatt Dostoiwski; NUNES, C. Lina. **A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar**. Belo Horizonte: ,2011. Revista Educação em Revista. Belo Horizonte, v.27, n.03, dez. 2011, p.15-38. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/edur/a/GPF6zTjDHXQ885Vmtm48BPD/?format=pdf&lang=pt>>Acesso em 22/07/2022.

HABERMAS, Jürgen. **Theorie des kommunikativen handels**. 2 Bände, Frnakfurt am main: Suhrkamp, 1982. (Tradução espanhola: **Teoría de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987, v.1: racionalidad de la acción y racionalización social).

RIZZATTI, M. Ivanize *et al.* **Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais**: proposições de um grupo de colaboradores. Revista ACTIO - Periodico da UTFPR. Curitiba: Editora UTFPR, 2020. ACTIO, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. <Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>>Acesso em 05/07/2021.

OS CONSULTORES NATIVOS

Sereburã – clã Poreza’õno (girino), grupo etário Airere ancião (in-memoria-2017)

Hipru – clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá ancião (in-memoria-2019)

Waza’ê - clã Poreza’õno (girino), grupo etário Etêpá ancião

Urawẽ - clã Poreza’õno (girino), grupo etário Tirowa ancião

Parasé - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Nozö’u ancião

Jamiro Xavante - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Anhanarowa

Jorge Protodi - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Hötörã

Anderson Sere’uzé - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá

Isidoro Xavante - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá

Mário Ubdö - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá

Pewapá - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Etêpá anciã

Pe’râzani’õ - clã Öwawẽ (rio grande), grupo etário Hötörã

